



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PRISCILLA ANDRADE SOUZA NOGUEIRA

**ESTUDO DE CASO: CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE MÃE
OUVINTE E BEBÊ SURDA**

JOÃO PESSOA

2017



PRISCILLA ANDRADE SOUZA NOGUEIRA

**ESTUDO DE CASO: CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE MÃE
OUVINTE E BEBÊ SURDA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística sob a orientação do Prof^o Dr. Giorvan Ânderson dos Santos Alves e coorientação da Prof^a. Dr^a. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.

JOÃO PESSOA

2017

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N778e Nogueira, Priscilla Andrade Souza.

Estudo de caso: cenas de atenção conjunta entre mãe ouvinte e bebê surda / Priscilla Andrade Souza Nogueira. - João Pessoa, 2017.

131 f. : il.

Orientação: Giorvan Ânderson dos Santos Alves.

Coorientação: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Aquisição de Linguagem. 2. Atenção Conjunta. 3. Multimodalidade. 4. Interação. 5. Díade mãe ouvinte - Bebê surda. I. Título.

UFPB/BC

PRISCILLA ANDRADE SOUZA NOGUEIRA

**ESTUDO DE CASO: CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE MÃE
OUVINTE E BEBÊ SURDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Aquisição de Linguagem e Processamento Linguístico.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^o Dr. Giorvan Anderson dos Santos Alves
Orientador – UFPB


Prof.^ª. Dr.^ª Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Coorientadora – UFPB


Prof. Dr.^ª. Isabelle Cahino Delgado
Examinadora Interna – UFPB


Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho
Examinador Externo - IFPB

*A Deus
À minha mãe, Ediane, uma mulher dedicada
Ao meu pai, Carlos, um guerreiro
Às minhas irmãs, Társilla e Karolline, minhas princesas
Ao meu esposo, Rafael, meu amor
Em especial, ao meu eterno bebê, Bernardo Souza Nogueira (Em
memória)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me sustentar a cada dia na caminhada, a me conceder sonhos e ajudar a realizar. Obrigada Senhor pela dádiva da vida, por ser meu pai, meu amigo, meu consolo, minha esperança, meu esconderijo, minha força na fraqueza, por cuidar de mim, por ser meu companheiro na correria do dia-a-dia, nas noites em claro e por enxugar minhas lágrimas quando estas embasavam os olhos e insistiam em atrapalhar meu foco. Obrigada, Senhor!

Agradeço aos meus pais, Carlos e Ediane, por todo o suporte de uma vida, por abrir mão de seus sonhos por mim, pela dedicação, por cada gota de suor e lágrimas derramados por mim. Está valendo a pena! Saibam que me orgulho de vocês que com honra, honestidade, esforço se preocuparam em me dar educação doméstica e escolar de boa qualidade. Essa vitória é de vocês que mesmo sem diploma são meus mestres! Eu amo vocês!

Agradeço ao meu esposo, Rafael Nogueira, pela paciência, companheirismo, parceria, compreensão, incentivo. Obrigada por sonhar comigo, me ajudar a suportar os percalços da vida, por ser forte por mim e por você, sustentando o peso da caminhada ao meu lado, pelas palavras de apoio, por me ensinar com paciência e amor. Esta conquista também é sua! Te amo!

Agradeço as minhas avós, Edite e Didi, e avôs, Manoel e Antônio (Em memória), pelas palavras de amor, orações e paciência mesmo sem compreender ao certo “o que essa menina estudava tanto”. Perdão pela minha ausência! Amo vocês!

Agradeço às minhas irmãs, Társilla e Karolline Andrade, por serem minhas auxiliadoras, minhas amigas, minhas companheiras. Minhas princesas lindas que amo!

Agradeço ao meu cunhado, Roger de Andrade, pelo apoio! Obrigada!

Agradeço à minha sogra, Sonia Nogueira e sua família, em especial a Vilma Nogueira e Renata Nogueira que me receberam por um ano em sua casa sempre com muita hospitalidade, atenção e boa companhia. Sem vocês seria mais complicado! Obrigada!

Agradeço aos demais parentes pelas orações e palavras de força. Meu muito obrigado!

Agradeço à família da 'minha' bebê surda. Poliana e Gustavo, obrigada por ter aberto as portas da sua casa para uma desconhecida. Obrigada pela receptividade e amizade construímos. Sei que foram escolhidos por Deus para me abençoar nessa caminhada me dando a satisfação de conhecer Alice e Alaíde. Parabéns pelo exemplo de coragem e de força. Parabéns pela linda família! Vocês são mais um presente que ganhei neste mestrado. Amo vocês!

Agradeço aos meus orientadores Marianne Cavalcante e Giordân Ânderson pela paciência, compreensão, amizade, comprometimento, confiança. Qualquer palavra de agradecimento é pouca a vocês. Agradeço à Isabelle Cahino pelas orientações dadas de forma tão delicada e respeitosa. Aos demais professores do programa Evangelina, José Ferreri e Monica Trindade. À vocês minha admiração. Muito obrigada!

Agradeço aos meus amigos de mestrado, do LAFE, do PROLING, em especial à Marilene Gomes (Mari) e Cassio Kennedy, amigos que levarei para a vida. Agradeço pela amizade, pelas boas conversas, pelas risadas, pelos momentos de descontração, pelas horas de estudo, pela cumplicidade, pelo apoio, pela irmandade. Agradeço a vocês que tanto me ajudaram, me deram tanta força, me ensinaram; foram agenda, revisores de texto, minha memória quando esta falhava, meus 'co-co orientadores'. Quantas vezes paramos para pensar como seriam os dias finais. Aqui estamos, meus amigos! Mari, minha companheira de viagens, você não sabe mas, enquanto te dizia para não desistir, dizia para mim mesma! Olhava para você e sabia que não poderíamos desistir. A amizade de vocês é o presente que levo desse mestrado. Obrigada!

Agradeço às instituições que me formaram, em especial a UFCG e a UFPB e a tantos professores que dividiram seus conhecimentos comigo por toda a minha vida acadêmica.

Agradeço às instituições onde atuei e atuo como profissional, em especial a EDAC e ao IFPB, respectivamente. Agradeço ao IFPB campus Souza na pessoa de Frank Wagner e ao IFPB campus Monteiro na pessoa de Abraão Romão.

Obrigada pela confiança, atenção, respeito e concessões. Sem vocês teria sido mais difícil! Obrigada!

Agradeço aos meus irmãos do Grupo de Louvor Ministério Restauração e ao Ministério de surdos YAD pela compreensão quanto minhas ausências aos nossos compromissos. Obrigada!

Agradeço às minhas amigas de vida, Michele Alcântara, Roseane Amorim, Hellen Samara, Michele Melo e tantas outras. Espero que ainda lembrem de mim, desculpem minhas ausências, obrigada pela paciência. À Sônia Matias pelo incentivo e acreditar em mim mais do que eu mesma. Obrigada!

Enfim, não queria esquecer ninguém e não quero que ninguém fique triste se por lapso não foi mencionado. Obrigada a você também! Obrigada a todos!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o funcionamento da atenção conjunta nas interações de uma bebê surda e sua mãe ouvinte e não usuária da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa e de caráter longitudinal. Escolhemos como base de estudos as contribuições de Tomasello (1997, 1999, 2003, 2007) e de Kendon (1985) para o campo da atenção conjunta e a influência da multimodalidade na interação. Nessa mesma perspectiva, compreendemos o impacto cultural no desenvolvimento humano tendo como parâmetro as interações humanas (VYGOTSKY, 1978) e pautamo-nos ainda nos estudos sobre aquisição de linguagem e interação por crianças realizados por Cavalcante (1994, 1999, 2012). Para fins de metodologia fizemos filmagens periódicas de momentos de interação entre uma mãe ouvinte e sua bebê surda com idade entre 17 a 22 meses, durante 6 (seis) meses em ambientes da casa da família. Das filmagens foram selecionadas as cenas onde ocorriam a atenção conjunta entre a díade a fim de serem feitas as transcrições dos dados e sua análise. O programa ELAN foi utilizado como ferramenta para a realização das transcrições. E, para a análise dos dados elegemos as categorias: face a face, atenção conjunta e recursos multimodais constituídos entre mãe ouvinte e bebê surda em situações interativas esperando detectar as contribuições destes elementos na interação entre pessoas que não comungam da mesma língua. Como resultados temos que a bebê surda se envolve em contextos de atenção conjunta, produz e responde aos recursos multimodais, assim como crianças ouvintes e esses elementos auxiliam na interação entre a mãe ouvinte e a bebê surda.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; Atenção Conjunta; Multimodalidade; Interação; Díade mãe ouvinte – bebê surda.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the functioning of joint attention in the interactions of a deaf baby and his hearing mother that not uses the Brazilian Sign Language (LSB). This is a case study of qualitative and longitudinal nature. We chose as the basis of studies Tomasello (1997, 1999, 2003, 2007) and Kendon (1985) to the field of joint attention and of multimodality on interaction. In this same perspective, we understand the cultural impact on human development as a parameter of human interactions (VYGOTSKY, 1978), and we adopt the studies on language acquisition and interaction by children performed by Cavalcante (1994, 1999, 2012). For methodological purposes we did periodic filming of moments of interaction between a listening mother and her deaf baby aged 17 to 22 months for 6 (six) months in family home settings. From the filming were selected the scenes where the joint attention between the dyad occurred in order to make the transcriptions of the data and its analysis. The ELAN program was used as a tool for transcripts. For the analysis of the data, we choose the categories: face to face, joint attention and multimodal resources constituted between mother listener and deaf baby in interactive situations hoping to detect the contributions of these elements in the interaction between people who do not speak the same language. As results we have that the deaf baby engages in contexts of joint attention, produces and responds to multimodal resources, as well as hearing children and these elements aid in the interaction between the hearing mother and the deaf baby

Keywords: Acquisition of Language; Joint Attention; Multimodality; Interaction; Dyad mother listener - deaf baby.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O espaço de realização do sinal	24
Figura 2 - O verbo DIZER na Libras com diferentes flexões	29
Figura 3 - Frase SVO em Libras	30
Figura 4 - Frases OSV e SOV	31
Figura 5 - Produção do sinal GUARDAR e olhar da bebê para o sinal	83

.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - <i>Continuum</i> de Kendon (1998)	48
Quadro 2 - Categoria dos gestos	39
Quadro 3 – A Construção dos gestos de apontar	51
Quadro 4 - As diferenças entre os gestos e as LS	53
Quadro 5 - Os tipos de atenção conjunta por Carpenter, Nagell e Tomasello (1948)	57
Quadro 6 - Calendário de sessão de filmagens	63
Quadro 7 - O <i>software</i> ELAN	64
Quadro 8 - Classificação das trilhas	65
Quadro 9 - Trilha gesto da mãe	75
Quadro 10 - Trilha olhar da mãe	76
Quadro 11 - Trilha fala da mãe	76
Quadro 12 - Trilha fala da bebê	77
Quadro 13 - Trilha gesto da bebê	78
Quadro 14 - Mescla gesto e fala da mãe e olhar e gesto da bebê	79
Quadro 15 - Trilha olhar da bebê	80
Quadro 16 - Mescla fala e gesto da mãe	81
Quadro 17 - Trilha sinal de Libras da mãe	82
Quadro 18 - Mescla gesto da mãe e olhar da Bebê	82
Quadro 19 - Trilha gesto da bebê (extrato 1)	85
Quadro 20 - Trilha gesto da mãe (extrato 1)	86
Quadro 21 - Trilha olhar da bebê (extrato 1)	86
Quadro 22 - Trilha gesto da bebê (extrato 2)	87
Quadro 23 - Trilha gesto da bebê (extrato 3)	88

Quadro 24 - Trilha olhar da bebê (extrato 3)	89
Quadro 25 - Trilha gesto da mãe (extrato 1)	91
Quadro 26 - Trilha gesto da bebê	92
Quadro 27 - Trilha sinal da bebê	92
Quadro 28 - Trilha olhar da bebê (extrato 1)	92
Quadro 29 - Trilha fala da bebê	92
Quadro 30 - Trilha gesto da mãe (extrato 2)	95
Quadro 31 - Trilha fala da mãe	96
Quadro 32 - Trilha gesto da bebê (extrato 2)	97
Quadro 33 - Trilha olhar da bebê (extrato 2)	98
Quadro 34 - Trilha fala da bebê	98
Quadro 35 - Trilha sinal da pesquisadora	100
Quadro 36 - Trilha gesto da pesquisadora	101
Quadro 37 - Trilha gesto da mãe	103
Quadro 38 - Trilha fala da mãe	103
Quadro 39 - Trilha gesto da bebê	103
Quadro 40 - Trilha olhar da bebê	104
Quadro 41 - Trilha gesto da bebê	106
Quadro 42 - Trilha olhar da bebê	107
Quadro 43 - Trilha gesto da mãe	109
Quadro 44 - Trilha olhar da bebê	111
Quadro 45 - Trilha gesto da mãe	113
Quadro 46 - Trilha sinal em Libras da mãe	114
Quadro 47 - Trilha Gesto da Bebê	114
Quadro 48 – Mescla trilhas gesto da mãe e da bebê	116
Quadro 49 – Semelhanças e diferenças entre Sinal e gestos.....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantificação dos olhares de atenção conjunta da bebê.....68

Tabela 2 – Quantificação dos gestos da bebê.....70

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Gráfico da tabela 1 – Quantidade de olhar de atenção conjunta da bebê.....69

GRÁFICO 2 – Gráfico da tabela 2 – Quantidade dos gestos da bebê 71

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

AASI	Aparelho de amplificação sonora individual
AC	Atenção Conjunta
ACA	Atenção Conjunta de Acompanhamento
ACD	Atenção Conjunta Direta
ACDI	Atenção Conjunta Direta Imperativa
ACV	Atenção Conjunta de Verificação
ASL	Língua de Sinais Americana
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CM	Configuração de mãos
E	Emblemáticos
EF	Expressões faciais/corporais ou Expressões não manuais
ELAN	<i>Eudico Linguistic Annotator</i>
G	Gesticulação
IC	Implante coclear
L1	Língua 1 ou primeira língua
L2	segunda língua
LGP	Língua Gestual Portuguesa
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de sinais
LSJ	Língua de Sinais Japonesa
M	Movimento
Or	Orientação da palma da(s) mão(s)
OSV	Objeto – sujeito – verbo
P	Pantomímicos

PA	Ponto de Articulação
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
SOV	Sujeito – objeto - verbo
SVO	Sujeito – verbo – objeto
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. SURDEZ, AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, MULTIMODALIDADE E ATENÇÃO CONJUNTA: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
1.1 SURDEZ: ALGUMAS DEFINIÇÕES E CONCEITOS.....	21
1.2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DO SUJEITO OUVINTE E DO SURDO	32
1.3 MULTIMODALIDADE E ATENÇÃO CONJUNTA.....	39
1.3.1 FACE A FACE	40
1.3.2 MULTIMODALIDADE	41
1.3.2.1 <i>Vocalização</i>	41
1.3.2.2 <i>Expressão facial</i>	42
1.3.2.3 <i>Olhar</i>	44
1.3.2.4 <i>Os Gestos</i>	47
1.3.2.5 <i>Sinal</i>	53
1.3.3 ATENÇÃO CONJUNTA	56
2. METODOLOGIA	60
2.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	60
2.2 LOCAL DA PESQUISA.....	61
2.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	61
2.4 MATERIAL E MÉTODO	62
2.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	66
3. CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE A DÍADE: ANÁLISE DOS DADOS	67
3.1 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	68
3.2 ANÁLISE QUALITATIVA.....	72

CONSIDERAÇÕES FINAIS 119

REFERÊNCIAS 122

ANEXO 129

APÊNDICE 130

INTRODUÇÃO

Os momentos de interação são muito importantes para que o bebê possa compreender seu entorno e as relações estabelecidas por quem o cerca. Num contexto familiar em que todos têm condições biológicas de se compreender mutuamente, em que o bebê não tenha nascido com qualquer deficiência que o impeça de adquirir uma língua oral de forma natural e espontânea, a língua vai ser adquirida pelo infante através das interações familiares.

Desta forma, uma criança ouvinte vai adquirir e desenvolver a fala a partir das interações entre ela e seu cuidador, quer seja a mãe, o pai, os avós, ou até mesmo outra criança. Segundo Bakhtin (2006, p. 126), as trocas interativas que ocorrem em ambientes naturalísticos compõem um fenômeno social de interação verbal que constitui a língua, o que para Farias (2006) embasará as futuras interações sociais deste indivíduo ao longo de seu desenvolvimento.

Sabendo-se que 90% das crianças surdas são filhos de pais ouvintes (QUEIROZ; RÚBIO, 2014) e da importância da língua para, por exemplo, o desenvolvimento do pensamento e da cognição de qualquer indivíduo, preocupamos-nos imaginar a quantidade de crianças surdas que podem estar sofrendo prejuízos linguísticos e demais prejuízos decorrentes de uma aquisição linguística tardia, deficitária ou de não aquisição de língua propriamente dita, pois dependendo do tipo e grau de surdez o indivíduo pode não atingir a aquisição de uma língua oral de forma natural. Poucos compreendem essa possível inacessibilidade do surdo à língua oral e nas interações familiares esta é privilegiada, o que resulta na exclusão do surdo das conversas e seu isolamento familiar, parafraseando Pereira (e col., 2011).

Algo mais a se considerar é que são os pais aqueles que escolhem a forma de comunicação primeira dos filhos e lhes dispõem investimento para tanto. Esta escolha acaba sendo influenciada pela opinião social e cultural da família, dentre outros aspectos, como afirma Santana (2007, p. 26) e Garinello (2013, p. 155).

Destarte, temos como objetivo geral analisar o funcionamento da atenção conjunta que envolve a díade mãe-bebê surda; como objetivos específicos almejamos analisar as cenas de atenção conjunta na interação mãe ouvinte-bebê surda; descrever os recursos multimodais usados pela bebê surda nas cenas de atenção conjunta; refletir sobre a singularidade do funcionamento da atenção conjunta na aquisição de linguagem de uma bebê surda em processo de Aquisição de Linguagem; identificar a influência dos elementos multimodais na interação da díade.

Para alcançar nossos objetivos, cabe-nos tratar as teorias sobre atenção Conjunta na Aquisição da linguagem, e sobre alguns elementos que constituem a Multimodalidade por Tomasello (1997; 1999; 2003; 2007), Kendon (1985), dentre outros. Mas, primeiramente, discorreremos sobre alguns pressupostos teóricos que perpassam a questão da surdez.

Como ocorre a aquisição e o desenvolvimento de linguagem em crianças surdas? Que língua essa criança deve / irá adquirir? Com quem a criança surda irá adquirir uma língua? Discussões decorrentes dessas questões e referentes à área da surdez trataremos de forma breve no primeiro capítulo deste manuscrito, visto a necessidade de expor alguns aspectos específicos dos sujeitos surdos, conceitos e terminologias dessa área que serão utilizadas ao longo deste e podem não ser de conhecimento do possível leitor.

Dada a importância da língua para o desenvolvimento social, cognitivo, de pensamento, emoção, dentre outros, no capítulo segundo iremos discutir teorias e estudos existentes na área da aquisição de linguagem por crianças ouvintes e surdas.

No capítulo dois descrevemos mais detalhadamente sobre os participantes, os instrumentos utilizados e os passos adotados como metodologia desta pesquisa. A apresentação e apreciação dos dados deste estudo serão expostos no capítulo terceiro, quando vislumbramos respostas às perguntas de pesquisa: A atenção conjunta e os elementos multimodais a) auxiliam no processo de aquisição de linguagem de uma bebê surda em família de ouvintes não sinalizantes? b) ajudam

na interação entre a díade mãe ouvinte-bebê surda? c) contribuem de que forma com a aquisição da linguagem e na interação da bebê surda e sua cuidadora?

No início deste estudo, intuíamos que tais recursos podiam cooperar para fruição das interações em que os indivíduos não comungam da mesma língua desde que se os envolvidos na interação atendessem para a direcionalidade do olhar, para os gestos, a apontação, a expressão facial do interactante, por exemplo, e concordamos com a discussão de Alves (2009, p. 8-9) quanto à dificuldade vivida por surdos e familiares ouvintes em se comunicar:

A interação entre mãe ouvinte e filho surdo (MOFS) apresenta características singulares, podendo ser prejudicada tanto pela inabilidade da criança para processar auditivamente a informação oralmente transmitida por sua mãe, como pela inabilidade da mãe para se comunicar por meio do código lingüístico visual (Libras - 9 Língua brasileira de sinais). Estas dificuldades de comunicação entre MOFS repercutem diretamente no desenvolvimento lingüístico e cognitivo de crianças surdas (ALVES, 2009, p. 8).

Percebendo a dificuldade que existe na interação desses pares e, assim, temos em vista contribuir¹) cientificamente para a Linguística, mais especificamente, para a área da aquisição da linguagem ajudando na compreensão de recursos visuais, como a atenção conjunta e a multimodalidade do surdo, e sua importância na interação com estes indivíduos, e 2) socialmente, estimulando a exploração dos recursos multimodais na aquisição de linguagem por parte dos interactantes das crianças surdas em contexto familiar ouvinte.

1 SURDEZ, AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, MULTIMODALIDADE E ATENÇÃO CONJUNTA: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Como afirma Goldfeld (2002), alguns termos usados por muitos autores de outras áreas do conhecimento ganham novas conotações na área da surdez, tais como os termos fala, oralização, sinalização e sinal, por exemplo.

Portanto, cabe-nos situar o leitor quanto a alguns pressupostos básicos que envolvem essa área, e que perpassarão nossas discussões teóricas.

Não é de nossa pretensão discorrer sobre temas referentes à surdez, à pessoa surda, às línguas de sinais (LS), à Língua Brasileira de Sinais (Libras) em sua totalidade, até porque seria impossível, por se tratar de um campo em que seus estudos são recentes se comparados a outros e ainda existe muito a desbravar. Porém, precisamos tratar de tais assuntos, e o faremos de forma breve, já que a criança participante de nossa pesquisa é surda e nos cabe discutir sobre conceitos que permeiam a vida dessas pessoas, como também, esclarecer quanto a algumas escolhas linguísticas que fizemos neste e que podem não ser comuns ao leitor.

1.1 SURDEZ: ALGUMAS DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Na área da surdez convergem basicamente duas teorias que foram se constituindo historicamente: a patológica e a cultural. Ambas influenciam o olhar da sociedade e da família para com a pessoa surda e são responsáveis pelo posicionamento quanto ao surdo ser submetido a um tratamento fonoarticulatório ou não, quanto à aquisição de LS ou ao aprendizado da língua oral majoritária.

Assim como nas teorias que envolvem a surdez, no conceito de surdo também está arraigado a visão patológica e sociológica. Segundo Leite (2008) e Quadros (2006) é de senso comum que o surdo é um deficiente, essa definição refere-se à primeira visão, aquela que compreende o surdo dentro de uma perspectiva exclusivamente fisiológica.

Há muitos séculos, prevaleceu e prevalece o conceito de ser surdo como ser inferior, anormal, deficiente. Ainda hoje está fortemente recente, em alguns lugares mais radicais, esse conceito que oprime e exclui o surdo da participação social (QUADROS 2006, p. 170).

Essa visão compreende a surdez como deficiência, “como um problema” (GESSER, 1971, p. 62). Dando destaque à língua oral por acreditar ser esta “imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo emocional e linguístico do surdo” (PEREIRA *et al*, 2011).

O surdo é visto como um deficiente físico precisando de recursos como aparelhos de amplificação sonora individual; de intervenções cirúrgicas, como o implante coclear; ou de treinamento auditivo intensificado, pois como diz Skliar (1997), o aproveitamento dos restos auditivos resultaria em uma fala melhor o tornando “normal” e integrando-o a sociedade majoritária em que está inserido.

Desta forma, seus adeptos assumem posturas de medicalização diante dos surdos, como se sujeitos com tal característica fossem deficientes físicos necessitados de tratamentos e cirurgias de correção para os tornar “normais”. Seguindo essa perspectiva, a criança surda poderá passar desde atendimentos fonoaudiológicos a cirurgias de implantação do chamado “ouvido Biônico” / implante coclear para atingir o objetivo dessa corrente que é de “cura” ou “normatização” do surdo através da ‘restituição’ da audição, como vemos nas colocações de Jokinen (2013, p. 107):

A surdez é vista como uma deficiência que deveria ser curada, ou pelo menos ter suas consequências diminuídas. Por ser vista como um

fenômeno negativo, as pessoas tentam removê-la de várias formas e os procedimentos e tratamentos médicos são apenas uma parte delas. Os médicos veem os surdos como alguém indesejado, anormal que precisa ser mudado, curado (JOKINEN, 2013, p. 107).

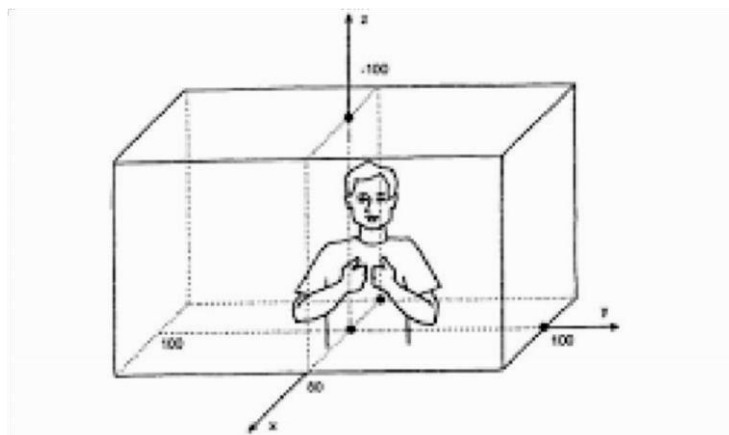
Esta é a teoria que mais influencia a maioria das pessoas da sociedade com visão ouvintista que “incapacita o sujeito surdo e não respeita a sua língua de sinais e sua cultura” (STROBEL, 2007, p. 26).

Por sua vez, a vertente cultural ou sociológica assume uma posição positiva acerca da surdez, entende que o surdo terá “acesso às informações do mundo” à medida que este pertence a uma “comunidade minoritária com direito a língua e cultura próprias”. (PEREIRA *et al*, 2011). O surdo tem uma cultura própria – a cultura surda, mesmo que inserido em uma sociedade ouvinte¹, em oposição ao aprendizado de uma língua oral de forma artificial.

Pereira (*et al*, 2011) defendem que a criança surda deve (ou pelo menos tem o direito de) adquirir uma LS e que oferecer a LS ao surdo é uma forma de oportunizar seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social pleno como pessoa participante de uma comunidade surda, em que a LS é reconhecidamente a língua natural (L1) do surdo, justificada pela sua condição física, realidade esta que dificulta ou mesmo impossibilita a aquisição de uma língua oral de forma natural.

As línguas orais são apresentadas em duas modalidades: oral auditiva e escrita, sendo que o estudo da escrita não é foco de nosso trabalho. Devido à produção se dar pela via oral e a recepção pela audição, temos a modalidade oral auditiva. Por sua vez, as LS apresentam-se na modalidade espaço-visuo-manual, ou visuo-manual (GOLDFELD, 2002, p. 25) ou ainda espaço visual (QUADROS, 2004), pois a produção desta se realiza através do canal gestual / manual e a recepção acontece pelo canal visual, como mostra a figura 1.

¹ Ouvinte é o termo que se “refere a todos aqueles que não compartilham as experiências visuais enquanto surdos”. (QUADROS, 2004, p. 10), são os não surdos.

FIGURA 1 - O espaço de realização do sinal

Fonte: Quadros, 2004, p. 22 baseado em Langevin & Ferreira Brito, 1988, p. 01

Como mostrado na figura 1, a sinalização ocorre num determinado espaço que compreende o topo da cabeça ao tronco e da esquerda para a direita.

Por outro lado, existe a teoria sociocultural, que dentre tantos estudos, conta com o testemunho vivo do que é uma cultura bilíngue bicultural. Wilcox e Wilcox (1991) são os porta-vozes da história de uma ilha onde desde 1690 a meados do século XX, contaram enorme quantidade de pessoas surdas, por uma questão genética.

A ilha de Martha's Vineyard fica ao sudoeste de Massachusetts, onde a cada 155 pessoas, 1 é surda, na região com maior incidência conta-se 1 surdo para cada 4 habitantes não-surdos. É interessante ressaltar que os surdos de Vineyard não enfrentam problemas comunicativos ou culturais, pois toda a população se comunica em LS, os surdos não são vistos como deficientes e são sujeitos participantes e ativos na sociedade.

É com este exemplo de comunidade bilíngue bicultural que, juntamente com Wilcox e Wilcox (1991) concordamos que a surdez como problema é uma visão patológica cultivada dentro da sociedade. E que se houvesse uma maior aceitação ao surdo e ao direito deste de adquirir a Libras como L1, se acontecesse uma quebra de preconceitos e paradigmas proporcionados por uma educação e

sociedade abertas a língua e cultura do surdo, a realidade seria diferente, e as crianças surdas não iriam adquirir uma língua tão tardiamente.

Goldfeld (2002, p. 83) lembra que temos um exemplo semelhante no Brasil, na tribo indígena Urubu-Kaapor. A linguista Ferreira Brito conta que viveu durante um mês com os índios daquela tribo no ano de 1982 e relatou que ali existem alguns surdos congênitos e os índios ouvintes são bilíngues enquanto que os surdos são monolíngues. Assim como em Vineyard, os surdos não vivem isolados, participam dos eventos sociais, a surdez não é vista como tragédia e os membros daquela cidade se comunicam com os surdos em LS (GOLDFELD, 2002, p. 83).

Neste viés, a surdez não é considerada uma deficiência, pois desde que o surdo tenha acesso a uma LS, tem a oportunidade de se desenvolver linguisticamente, cognitivamente, afetivamente de maneira natural. Segundo Gesser (2009), “Quando os surdos são abordados e educados através da língua de sinais, nenhum desses ‘problemas’ de ordem social se apresenta”, já o oposto, falta de uma língua causa ao surdo, em contexto social amplo, desordens emocionais, sociais e cognitivos, como afirma Goldfeld (2002) e Ferreira Brito (1993).

Temos que a surdez torna o surdo alguém com percepção e necessidades diferentes das demais pessoas, sendo assim, respeitamos e aceitamos suas especificidades, observamos e estimulamos suas potencialidades, não nos detendo a suas restrições físicas.

Uma das diferenças trazidas pela surdez é a dificuldade que o surdo tem em adquirir uma língua naturalmente, que este fato pode causar danos ao sujeito surdo, por atingir a função que nos diferencia dos demais animais, a linguagem e sua infinita possibilidade de utilizações, é o que Vygotsky já concluía ao estudar a surdez (GOLDFELD, 2002, p.80).

A maioria das dificuldades vividas pelos surdos acontecem porque a grande parte das pessoas da sociedade utilizam línguas orais auditivas para se comunicar, o que impossibilita a aquisição espontânea de uma língua. O próprio Vygotsky

discorda que seja a surdez um problema orgânico para o surdo, concorda que é uma questão social e cultural (GOLDFELD, 2002, p.81).

Numa ótica sociológica, no entanto, o surdo não é um deficiente, “ser surdo significa simplesmente se desenrolar como o diferente, como o outro do Ouvinte” (LEITE, 2008), já que é percebido que os surdos têm uma visão de mundo diferente dos ouvintes e seus problemas advém não de ordem física, mas política e social, já que os demais indivíduos é que estão despreparados para os receberem na sociedade. Esta é nossa perspectiva, assim como Leite (2008) concordamos que a surdez deve ser encarada como uma diferença a ser respeitada e aceita.

Esta postura segunda reconhece o surdo como uma pessoa autônoma, com identidade e cultura próprias. Destarte, concordamos com a afirmação de Gesser (2009, p. 46, apud SKLIAR, 1997, p. 33) que “a construção das identidades não depende da maior ou menor limitação biológica, e sim de complexas relações linguísticas, históricas, sociais e culturais”

Assim não fosse, não teríamos surdos com restos auditivos funcionais, oralizados que evitam oralizar, totalmente inseridos na comunidade surda, que preferem a utilização da LS ou que mesmo oralizando, tem identidade surda. Enquanto que alguns surdos não aceitam essa condição, não se reconhecem como surdo mesmo tendo surdez profunda ou severa, sem qualquer resto auditivo com funcionalidade, porém essa pessoa não tem identidade surda formada. Este é um conceito que transcende a capacidade biológica e esbarra na identidade do sujeito, se tornando uma questão sociológica (GOLDFELD, 2002, p. 80-81).

Para aqueles surdos que por alguma impossibilidade biológica ou social não conseguem adquirir uma língua oral, existem as LS. As LS são a língua das pessoas surdas, cuja modalidade é gesto-visual, através da qual, o surdo pode desenvolver-se normalmente e levar uma vida produtiva, autossuficiente, desenvolvendo uma autoimagem positiva, e gozar do respeito de seus pares, como em Goldfeld (2002, p. 81).

(...) como afirmam diversos autores, em relação à qualidade comunicativa e constituição do pensamento, as mãos (e todo o esquema corporal) podem executar com perfeição o mesmo papel que o sistema fonador, por meio das línguas de sinais (GOLDFELD, 2002, p. 81).

Foi através da eficácia destas LS que os surdos obtiveram muitas conquistas, inclusive, conquistaram o reconhecimento do direito linguístico através de leis e acesso às esferas sociais, à cultura, à língua escrita, por exemplo. No entanto, para que o surdo tenha acesso a LS ele precisa adquirir linguagem (REGINA; CAMPELLO, p. 129).

Karnopp (1994) comenta que os estudos linguísticos voltados às LS iniciaram em 1960 com Stokoe e corroboraram para o aumento do entendimento sobre estas línguas e a desmistificar algumas concepções inadequadas com relação às LS.

Assim, depois de muitas investigações sobre a estrutura das LS, pôde ser comprovado que são uma forma de gesticulação concreta, capaz de expressar quaisquer conceitos, ou seja, não são sistemas de comunicação superficiais, são naturais; são estéticas, expressivas e linguisticamente semelhantes às línguas orais e não são restritas em conteúdo, inclusive os abstratos; elas não são universais, uma vez que cada país tem sua própria LS e cada uma delas reflete a cultura do surdo referente a seu país, por exemplo: nos Estados Unidos da América temos a Língua de Sinais Americana (ASL), em Portugal a Língua Gestual Portuguesa (LGP) e no Japão a Língua de Sinais Japonesa (LSJ).

Da mesma forma, linguistas brasileiros apresentam algumas concepções inerentes a estas línguas. Quadros (2007, p. 46-47) em estudos sobre os estatutos linguísticos das LS expõe que estas são: línguas de propriedades semelhantes às línguas orais, pois apresentam os mesmos princípios organizacionais e parâmetros que formam as línguas; são de modalidade diferente das línguas orais e com isso as LS usam mecanismos sintáticos diferentes das línguas orais, que por serem espaciais refletem alta complexidade; sistemas linguísticos independentes dos sistemas orais; não são derivadas da gesticulação dos ouvintes, sendo desta forma, sistemas linguísticos verdadeiros; são sistemas abstratos de regras gramaticais,

naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam, isto é, na nossa realidade a LS usada é a língua brasileira de sinais - Libras.

Reconhecida como língua oficial pela lei 10.436/02, a Língua Brasileira de Sinais – Libras é uma língua de modalidade visual-espacial, utilizada na interação social, cultural e científica da comunidade surda brasileira (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 15).

Na perspectiva bilíngue, a LS é considerada a língua materna ou primeira língua do surdo (L1), adquirida da forma natural, se lhe for oportunizado o contato com sujeitos falantes desta. A língua portuguesa oral, por sua vez, é considerada segunda língua (L2) para estes indivíduos, pois é aprendida de forma sistemática, não natural, na modalidade oral e/ou escrita (MACHADO, 2006, p. 52; QUADROS, 1997).

Desta forma, a Libras é o símbolo de identificação entre os surdos brasileiros (PEREIRA *et al*, 2011). Embora produzida na modalidade visual-espacial, como qualquer outra língua, possui um conjunto de símbolos convencionais, ou seja, léxico e um sistema de regras para a combinação desses símbolos, a gramática, além de poder ser observada em todos os níveis linguísticos que são: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Em nível fonológico, o sinal, que é para a Libras o que a palavra é para o Português, é composto por unidades mínimas sem significado, mas que combinadas formam o sinal. Estas unidades mínimas são os Parâmetros: a) Configuração de mãos (CM) - o formato da mão na produção do sinal; b) Ponto de Articulação (PA) - o local onde o sinal é executado; c) Movimento (M) - o sinal pode apresentar ou não movimento, em sendo com movimento, este pode ter apenas uma direção (unidirecional), ter duas direções (bidirecional) ou muitas direções (multidirecional); com relação ao tipo de movimento, pode ser reto, circular, semicircular, helicoidal, ondular ou angular; d) Orientação da palma da(s) mão(s) (Or) - a palma da mão pode estar voltada para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para fora do corpo ou para dentro do corpo; e) os sinais podem ter ou não Expressões faciais/corporais ou Expressões não manuais (EF)- que podem ser

afetivas ou gramaticais. As expressões faciais/corporais, serão discutidas mais amplamente no tópico 1.3.2.2, assim como sinal no 1.3.2.5 por fazerem parte, em alguns momentos das nossas discussões na análise dos dados, por comporem uma trilha em nossas transcrições, cada uma.

A morfologia e a sintaxe nas LS são organizadas no espaço, acima descrito na figura 1. Portanto, a formação das palavras e frases, destas línguas, apresentam restrições espaciais que determinam a estrutura interna das palavras que reflete o sistema computacional da linguagem (QUADROS, 2004, p 22).

Observemos a figura 2:

FIGURA 2 - O verbo DIZER na Libras com diferentes flexões



a) DIZER² (forma infinitiva)



b) aDIZER_b³ (Ele disse a mim)



c) cDIZER_a (Tu disseste a ele)



d) bDIZERC_de (Eu disse a vocês)

Fonte: Quadros, 2004, p. 23 baseado em QUADROS, 1997, p. 61

² Esta é a transcrição do sinal da figura 2a em Libras. No sistema de transcrição de sinais usados por Quadros e Karnopp (2004, p. 38) os sinais são representados por palavras da língua portuguesa em letras maiúsculas.

³ No sistema de transcrição usado por Quadros e Karnopp (2004, p. 39) a(...)b - "letras minúsculas associadas aos sinais transcritos indicam as pessoas do discurso marcadas da incorporação do sinal.

Como pode ser percebido na figura 2, existe uma relação entre pontos estabelecidos no espaço e os argumentos que estão incorporados ao verbo, por exemplo, o verbo DIZER na LIBRAS tem que concordar com o sujeito e o objeto indireto da frase, b) _aDIZER_b temos que a refere-se à segunda pessoa e b à primeira pessoa.

Quadros (2004, p. 22) cita Loew (1980); Lillo-Martin (1986); Padden (1990); Emmoery (1991); e a ela própria (QUADROS, 1995, 1997) ao apresentar esse tipo de flexão próprio das línguas de sinais, como na língua de sinais americana e na língua brasileira de sinais, que são os chamados de verbos de concordância.

A sintaxe da língua de sinais apresenta a prevalência da ordem sujeito – verbo - objeto (SVO) (QUADROS, 1999), quando o sujeito é explícito e OSV e SOV, por exemplo, mediante a presença de marcação de expressões não manuais ocorrendo em conjunto com as palavras (GOLDFELD, 2007). Para sentenças do tipo SVO na Libras temos o exemplo dado por Quadros e Karnopp (2004, 139) na figura 3 a seguir:

FIGURA 3 – Frase SVO em Libras



<IX_a _aASSISTE_b _bTV> do⁴ (SVO)
EI@ assiste TV

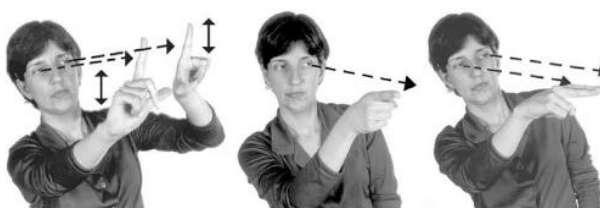
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 139

⁴No sistema de transcrição de Libras usado por Quadros e Karnopp (2004) IX é usado para indicar apontação (p. 40); < > do indica o tipo de marca não-manual direção do olhar “associado com os sinais em concordância com os referentes inseridos no espaço de sinalização” (p. 42).

Na frase acima temos um verbo de concordância (ASSISTIR) com a marca não-manual (direção dos olhos < > do) acompanhando a concordância de pessoa associada ao verbo (IX_a aASSISTIR_b).

Ainda segundo Quadros e Karnopp (2004) as ordens OSV e SOV podem ser representadas pelos exemplos das possibilidades de realização da frase “El@ assiste TV em Libras” na figura 4:

FIGURA 4 – Frases OSV e SOV



<TV_b>do <IX_a>do <aASSISTE_b>do (OSV)
El@ assiste TV



<IX_a>do <TV_b>do <aASSISTE_b>do (SOV)
El@ assiste TV

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 140 a 141.

A figura 4, mostra que a frase “El@ assiste TV” pode ser produzida, além da forma SVO, nas formas OSV e SOV, mantendo o sentido.

Como podemos ver, a Libras é uma língua de estrutura complexa. Então, podemos questionar como as crianças surdas adquirem esta LS? A aquisição de linguagem de uma criança surda em LS é semelhante a aquisição de língua oral por uma criança ouvinte? No tópico a seguir teremos algumas discussões a respeito das especificações de aquisição de linguagem por crianças ouvintes e surdas.

1.2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DO SUJEITO OUVINTE E DO SURDO

A Aquisição da Linguagem é uma área da Psicolinguística, que se propõe a investigar: como crianças de até 03 (três) anos de idade adquirem e fazem uso de línguas tão produtivamente; se há idade crítica para a aquisição de línguas; e o que a criança adquire primeiro, por exemplo. Dentro da Aquisição da Linguagem surgiram três subáreas de pesquisa: a aquisição da escrita, a aquisição de segunda língua e a aquisição de língua materna. Esta última é a subárea em que nossa pesquisa se situa.

Dentre tantas teorias da área da Aquisição, cada uma está vinculada ao contexto da época em que surgiu e busca descobrir de que forma o fenômeno da aquisição se processa.

No artigo *A pesquisa em Aquisição da Linguagem: teoria e prática*, Alessandra Del Ré (2006), apresenta de forma sucinta cada uma dessas teorias: advindos do empirismo temos o behaviorismo e o connexionismo; o racionalismo nos traz o inatismo e o cognitivismo; a última proposta, aquela que norteia nossos estudos, é o interacionismo social ou o sociointeracionismo.

O sociointeracionismo caracteriza-se pelo estudo do processo dialógico instaurado entre a mãe e a criança, no qual a primeira, sujeito constitutivo da fala infantil, desempenharia o papel de mediadora entre a criança e os objetos” (DEL RÉ, 2006, p. 26), num processo dialógico.

Nesta vertente, a mãe é concebida como mediadora, pois acredita-se que a criança é que é o sujeito ativo na construção de seu conhecimento, ou seja, a criança se desenvolve através da interação social entre ela e um adulto, ou outra criança.

Destarte, em concordância com Del Ré (2006) acreditamos que interação é o modo de comunicação “natural” em que a linguagem aparece para a criança.

Como podemos observar, e ainda segundo Del Ré (*et. al* 2014, p. 20), a aquisição se ocupa em estudar tanto a linguagem verbal da criança quanto a não verbal, que seja, a fala, os gestos, os sons, a movimentação corpórea, dentre outros aspectos.

Se temos a criança como sujeito ativo em seu processo de aquisição de linguagem e a mãe a mediadora, como se dá a aquisição da linguagem em crianças ouvintes e surdas? Será que existem diferenças? Quais seriam estas? E quando a criança surda é filha de pais ouvintes?

Segundo Fonte (*et al*, 2014), no processo de aquisição de linguagem da criança ouvinte perpassam quatro momentos de desenvolvimento da fala: o balbucio, o jargão, a holófrase e os blocos de enunciado.

O balbucio é considerado como uma produção de sílabas que têm formada por consoante e vogal, por exemplo [ma, da, ba], que são muitas vezes repetitivas e ritmadas (LOCKE, 1995). Em concordância com Locke, Oller (1980) afirma que o balbucio tem início quando sequências de consoantes e vogais assemelham-se à fala quanto a velocidade / ritmo. Fonte descreve que:

(...) autores dividem o balbucio em dois momentos: balbucio canônico e balbucio “variado”. O balbucio canônico começa, portanto, por volta dos sete meses (OLLER, 1980; SALKING, 2002) e trata-se de sequências repetidas de consoantes e vogais. É silábico e em sua maioria é composto por oclusivas, nasais e glides (DROMI, 2002). Já o balbucio variado apresenta sequências de consoantes e vogais que não se repetem, por exemplo [ada, ta, e] (FONTE, 2014).

Enquanto existem autores que defendem os dois tipos de balbucio, têm aqueles que citam um terceiro momento, em que a criança é capaz de produzir diferentes contornos relacionados a diferentes atos de fala, possuindo material segmental constituído de palavras parecidas com as do adulto” (DORE, 1975). De acordo com Scarpa (2007):

[...] o balbucio tardio evolui para o jargão quando a entonação é considerada mais madura e os contornos são preenchidos por sílabas tipicamente do balbucio, mas reconhecíveis como intenção comunicativa pelos adultos, que sempre lhe atribuem significado de uma frase ou sentença (SCARPA, 2007).

Mesmo para aquelas sílabas ininteligíveis (FONTE *et al*, 2014), os adultos conseguem reconhecer e atribuir significado ao balbucio. Diferentemente do balbucio e dos jargões, as holófrases, são reconhecíveis e interpretáveis. Tomasello defende que essas primeiras palavras transmitem uma intenção comunicativa, que pode até se referir a mesma intenção comunicativa do adulto (FONTE *et al*, 2014).

Os autores também percebem nas holófrases a presença, tanto de termos verbais, quanto de gestos corporais que são olhar, apontar, gesticular (SCARPA, 2009). or. Segundo Pereira (2010, p. 8) as pantomimas são gestos em que as mãos desenham objetos e ações, mas a fala não é obrigatória; e os emblemas são gestos que seguem padrões consensuais que representam uma convenção cultural (CAVALCANTE, 2009, p. 156) uma propriedade que falta à gesticulação e à pantomima.

Blocos de enunciados podem ser elaborados por crianças a partir de um ano e meio de idade e, por sua vez, são momentos em que esta alterna entre holófrases com enunciados completos. Em suas análises, Fonte (*et al*, 2014) observa que nessa fase a criança é capaz de fazer pedidos, perguntas e produzir respostas longas de significado completo.

Estudos mostram que, com relação à aquisição da linguagem, a criança surda passa por todos os períodos linguísticos que a criança ouvinte (PETITTO, 2000) como visto anteriormente, que são o balbucio silábico, balbucio variado, jargão e primeiras palavras.

Um estudo feito com crianças surdas e ouvintes relata que ambas balbuciam similarmente durante a maior parte do primeiro ano de vida, mas as vocalizações das crianças surdas começam a diminuir mais tarde, quando é

verificado menos sons em crianças surdas do que em crianças ouvintes no final do primeiro ano e posteriormente (OLLER, 2012, p. 45).⁵

A característica tanto em crianças surdas quanto em ouvintes é que em ambos ocorrem dois tipos de balbucio até certa idade, quando desenvolverão o balbucio na própria modalidade. Nas crianças surdas, foi detectado que enquanto diminuem os balbucios vocalizados, duas formas de balbucio manual emanam: o silábico, que são combinações que integram o sistema fonético da língua de sinais; e o gestual que não apresenta organização interna, como afirma Santana (2007, p.104).

A grande questão é que a maioria das crianças surdas provém de lares de ouvintes, como afirma Quadros (1997): “apenas de 5 a 10% de surdos são filhos de pais surdos” e Queiroz e Rúbio (2014): “90% das crianças surdas são filhos de pais ouvintes”, ou seja, uma minoria de crianças surdas têm a oportunidade de adquirir a língua de sinais em contexto natural, com *input* linguístico adequado.

Geralmente são crianças com estas características que interessam às teorias de aquisição de linguagem que analisam como acontece o processo de aquisição em crianças surdas.

No entanto, se os pais não são falantes de uma língua de sinais - LS, como a criança surda de pais ouvintes poderá adquirir uma língua? Como se dará a comunicação entre pais ouvintes e seus filhos surdos? E o mais preocupante, como e quando e onde estas crianças adquirirão a L1?

A aquisição de LS por uma criança surda filha de pais ouvintes deriva em preocupação, pois ao passar da fase do balbucio silábico, a próxima fase de aquisição da criança surda é o balbucio gestual e posteriormente fonético (de uma LS). Se considerarmos a mãe como mediadora desses processos, sendo esta ouvinte e não fluente de uma LS, com a ausência de um falante fluente de LS, como

⁵ The study reported that deaf and hearing infants babbled similarly through most of the first year of life, but that vocalizations of deaf infants began to drop out later, with fewer sounds than in hearing infants late in the first year and thereafter (OLLER, 2012, p. 45).

esta criança irá superar a fase do balbucio, dos primeiros sinais, passando a ser sinalizante da LS?

Garinello (*et al*, 2013) ressalta que o fato de família e criança surda não terem uma língua comum pode gerar uma primeira barreira no estabelecimento dos contatos sociais para uma interação fluente. Neste sentido, a autora afirma que são os pais que fornecem formação subjetiva para o filho e que estes fatores irão se configurando ao longo da vida com relação ao ambiente social, a escolha do tipo de comunicação da família, a educação, a opção pessoal de comunicação, dentre outros.

Para evitar os transtornos citados pelas autoras, ou minimizar seus efeitos, os pais ouvintes de filhos surdos precisam procurar aprender uma LS o quanto antes e oferecer um ambiente que possibilite a aquisição de uma LS, para que a criança seja exposta, o quanto antes, a uma LS.

Porém, dependendo da orientação médica e da visão desse profissional acerca da surdez, a depender das condições auditivas da criança, também pode ser indicado o uso de aparelhos ou próteses auditivas e a iniciação de trabalho voltado a oralização do surdo, que neste caso, deverá ser estimulado à fala oral.

Quanto as correntes teóricas que envolvem a aquisição de língua dos surdos, concordamos com Santana (2007) e temos uma visão de que a garantia de estatuto de língua à Libras reflete não apenas em mudanças nos paradigmas linguístico e cognitivo do surdo, mas sociais.

Com isso queremos dizer que, em nossa pesquisa, o surdo é visto como diferente e não deficiente, já que a Libras confere a ele comunicação, pensamento, aprendizagem, ou seja tudo o que teoricamente a surdez e a falta de uma língua dificultaria.

Quando os pais da criança surda não sabem Libras, não é difícil encontrar aqueles que adotam um sistema linguístico de comunicação (que não é uma língua padrão reconhecida) com o filho surdo, os chamados sinais domésticos, gestos que os ajudam a interagir. É sobre alguns destes gestos e elementos utilizados, mesmo

inconscientemente, entre ouvintes e surdos que auxiliam na comunicação e na aquisição de linguagem que trataremos na próxima sessão 1.3.

Alguns estudos que envolvem a aquisição de linguagem em surdos focam o desenvolvimento da Libras. Segundo Santana (2007, p. 104-105), Quadros (1997) pesquisa sobre o uso da concordância verbal e do sistema pronominal; e Kanopp (2003) estuda a aquisição da fonologia da Libras. Todos estes realizados com crianças surdas filhas de pais surdos, pois a aquisição de LS por surdos filhos de pais ouvintes não é tão “natural”, como diz Santana (2007, p. 105):

(...) muitas vezes a criança só tem contato com a língua de sinais em idade avançada. Se tiver sorte, aos 5 ou 6 anos. O adulto surdo que oferece essa língua interage com a criança em contextos formais de ensino, que se distanciam muito do tipo de interação mãe/bebê. Essa seria a vivência da criança com interlocutores proficientes (SANTANA, 2007, p. 105).

O fato de a criança surda filha de pais ouvintes ter contato tardio com uma língua, seja ela a oral ou a sinalizada, preocupa-nos, assim como o modo que a aquisição se processa numa criança surda se 90% delas nasce em lares de pessoas ouvintes, desconhecedoras de LS e das possibilidades de desenvolvimento que estas oferecem aos surdos. Sem a devida atenção à aquisição de uma LS a criança surda pode ficar prejudicada com relação ao desenvolvimento de uma língua.

(...) diversos autores como Ciccone, Brito, Reis Fernandes, afirmam que a criança surda, ao sofrer atraso de linguagem, mesmo que aprenda uma língua tardiamente, terá sempre como consequência desde atraso a problemas emocionais, sociais e cognitivos (GOLDFELD, 2002, p. 47).

Podemos perceber que os estudiosos tratam linguagem numa visão mais abrangente, além da função comunicativa, cuidam da linguagem e sua função de organização do pensamento, seu papel para o desenvolvimento cognitivo e as consequências comunicativas que sua ausência pode causar no indivíduo.

E é nessa abordagem que baseamos nossos estudos, no sociointeracionismo, representado por Vygotsky, sob a ótica da função comunicativa da linguagem.

Vygotsky defende que pensamento e linguagem não podem ser vistos dissociadamente, pois é no significado da palavra que existe a unidade pertencente ao pensamento e à linguagem, e estes formam um pensamento linguístico (GOLDFELD, 2002, p. 55). Embora exista uma relação de interdependência entre pensamento e linguagem, ambos têm origens diferentes, uma é biológica e a outra é sócio-histórica, e a linguagem modela maior parte do pensamento (GOLDFELD, 2002, p, 57).

Pensando na aquisição de linguagem do surdo, podemos entender que é o meio social responsável por essa aquisição, e não o surdo apenas. Desde que se utilize meios adequados, a criança surda deve adquirir uma língua, e de forma espontânea uma LS.

Como temos no sociointeracionismo que a criança é agente de sua aquisição da linguagem através de seu mediador, como as pesquisas mostram que a maioria das crianças surdas provêm de famílias ouvintes, não falantes de uma LS, e por inferir que por conta da limitação auditiva, e de seu mediador não um sinalizante fluente, pretendemos verificar se a criança surda nessas condições linguísticas consegue interagir de que elementos ela lança mão para atingir seus objetivos comunicacionais e superar as dificuldades de sua aquisição.

Os gestos, olhares, enfim, elementos linguísticos que co-ocorrem com a vocalização referem-se aos recursos multimodais e serão abordados a seguir para em seguida compor nossa discussão quanto à presença desses elementos na interação entre mãe ouvinte e bebê surda. Para tanto, no próximo tópico buscaremos na Multimodalidade, indícios de como seus elementos e a Atenção Conjunta podem contribuir para a atividade comunicativa da criança surda e em seu desenvolvimento linguístico.

1.3 MULTIMODALIDADE E ATENÇÃO CONJUNTA

Em seu livro *Primate Cognition*, Tomasello (1997) apresenta a classificação de algumas espécies de primatas e o resultado de testes de cognição a que estes animais foram submetidos. Os resultados destes, embasaram a formulação de uma teoria que distingue a inteligência dos primatas da inteligência dos outros animais e levaram a concepção de um quadro investigativo da cognição humana como um caso especial da cognição primata. Tal teoria é relevante e levou, poucos anos depois, Tomasello (1999) a escrever outro livro *The Cultural Origins of Human Cognition*, cuja teoria endossa a forma especial e singular de compreensão do ser humano adquirida na e pela interação. Tomasello defende a natureza social humana, a existência da cognição social, assim como Sánches, na citação que segue.

A comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos de linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independentemente de qualquer fator racial, social ou cultural (Sánchez, 1990, p. 17).

Kendon (1985), na mesma perspectiva de Tomasello e Sánches, acrescenta que a comunicação social se dá por meio de quadros. Para o autor, estes quadros se configuram como segmentos de coação com tema coerente, em que os participantes que estão interagindo utilizam formas específicas de co-orientação em locais específicos. Situações de interação como por exemplo, cumprimentos, tópicos de conversação, conflitos, ou jogos infantis sociais são tidas como quadros.

Dentro da análise diádica desses quadros propostos por Kendon (1985) verificou-se a presença de alguns comportamentos de engajamento mútuo que caracteriza-se pela ocorrência consistente ou regular de elementos, que são:

Direção de atenção entre pares, Localização e distância entre pares, Sua coorientação postural e Tópico ou tema da sua atividade conjunta.

Com a emergência de tais características, Kendon apontou três tipos de quadros de comunicação entre mãe e bebê, dentre os quais, consideraremos em nossa pesquisa os quadros de Atenção Conjunta e de comunicação face a face.

1.3.1 FACE A FACE

Tomasello (2003) chama o face a face de uma espécie de protoconversa. Em pesquisas com crianças, Tomasello conclui que desde o nascimento estas são muito sociais, desde muito cedo se envolvem em protoconversações com seu (sua) cuidador(a):

[...] como descrito por Trevarthen (1979) e outros, pouco depois de nascerem, os bebês humanos entabulam “protoconversas” com quem cuida deles. Protoconversas são interações sociais nas quais o pai e o filho concentram um no outro a atenção - muitas vezes num faceaface que inclui olhar, tocar e vocalizar - de uma maneira que serve para expressar e compartilhar emoções básicas (TOMASELLO, 2003 p. 81).

Cavalcante (1994) acrescenta aos elementos emergidos no face a face destacados por Tomasello (2003), trocas de sorrisos, produções vocais, movimentos faciais, dentre outros.

Além do face a face estabelecido nas cenas de interação há um outro recurso visual conhecido na literatura por Atenção Conjunta. Um dos primeiros estudiosos a se dedicar ao assunto foi Bruner, conforme veremos no item 1.3.3.

1.3.2 MULTIMODALIDADE

No Brasil, alguns autores como Cavalcante (2009; 2012), Ávila Nóbrega (2010), Fonte (2011) e Barros (2012) têm contribuído ao estudo sobre Multimodalidade em aquisição de linguagem a partir de dados longitudinais de díades mãe-criança (FONTE *et al*, 2012), assim como nossa pesquisa se propõe.

Conceber a linguagem quanto funcionamento multimodal é acreditar que as produções vocais e gestuais da criança estão mescladas numa matriz significativa única no momento de aquisição (FONTE *et al*, 2014).

A seguir, discutiremos os conceitos dos elementos multimodais presentes na análise dos dados: Vocalização, Expressão Facial, Olhar, Gestos, Sinais.

1.3.2.1 Vocalização

Vygotsky entende fala como “a produção da linguagem pelo falante nos momentos de diálogo social e interior, pode utilizar tanto o canal audiofonatório, quanto o espaço-visuo-manual” (GOLDFELD, 2002, p. 25). Assim sendo, o surdo ao sinalizar está usando sua fala, termo que na área da surdez pode ser utilizada com o mesmo sentido de oralização ou sinalização.

Como que complementando o conceito dado por Vygotsky, fala não constitui apenas uma sucessão de palavras e/ou frases, formam uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade, configurando um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto oral e é uma atividade interacional (CORREA, 2007, p. 84).

No entanto, o termo ‘oralização’ é o uso da voz, a vocalização de uma língua oral, ou seja, a “utilização do sistema fonador para expressar palavras e frases da língua” (GOLDFELD, 2002, p. 25) e ‘sinalização’ como a “fala produzida pelo canal visuo-manual” (GOLDFELD, 2002, p. 25). Em nossa pesquisa nos deteremos a considerar fala nos termos da Multimodalidade.

Na transcrição de dados de nossa pesquisa, consideramos como vocalização qualquer tipo de som produzido pelo aparelho fonador dos participantes, desde um grunhido a uma frase vocalizada, que seja, vocalização.

1.3.2.2 *Expressão facial*

Domínguez (2001, p. 219) afirma que existe uma tradição envolvendo as características e significados das expressões faciais na comunicação oral em falantes ou sinalizantes, fato que fomenta as discussões de que os gestos acompanham a fala como um conjunto de sinais⁶, em concordância com Pereira (2010):

O canal privilegiado de expressar as emoções é o rosto. Todos nós temos uma série de máscaras e movimentos faciais que utilizamos de acordo com aquilo que queremos transmitir. As expressões faciais desempenham diversas funções, tais como, expressão das emoções e das atitudes interpessoais, o envio de sinais inerentes à interação em curso e à manifestação de aspectos típicos da personalidade de um indivíduo (PEREIRA, 2010, p.33).

⁶ The characteristics and meaning of facial gestures in oral communication whether among hearing or signing speakers has a certain tradition. Forment states that gestures accompany an oral text as a sign set (DOMÍNGUEZ, 2001, p. 219).

Com o surdo não é diferente. Não é difícil ouvir de pessoas sua admiração com relação às expressões faciais e corporais realizadas pelos falantes de LS, e ainda mais a afirmação de que essas expressões os auxiliam a compreender o surdo, mesmo não conhecendo essa língua.

As expressões faciais e corporais, também conhecidas nos estudos dessa língua como expressões não-manuais apresentam duas funções básicas nas LS: marcar construções sintáticas e fazer a diferenciação de itens lexicais (QUADROS; KARNOPP, 2004), além de apresentarem o papel de marcar afetividade. Elas devem aparecer em construções sintáticas do tipo tópico e foco, em sentenças interrogativas sim-não ou interrogativas – QU e, como afirma Domínguez (2001, p. 219), nessas línguas, as expressões faciais, sozinhas, podem representar uma palavra⁷. Poucos conhecem que, tanto os gestos, quanto a direção do olhar, as expressões não-manuais, nas LS são linguísticas, diferentemente da sua condição nas línguas orais, nas quais são consideradas de natureza paralinguística.

(...) na narrativa sinalizada são produzidos um número maior de expressões faciais com a informação textual ou são elas próprias a informação textual, enquanto que na narração oral a maioria dos gestos apareceram em pausas, especialmente em casos de troca da direção do olhar e protrusão na boca⁸ (DOMÍNGUEZ, 2001, p. 222).

O que acontece nas LS é que as expressões não-manuais co-ocorrem com os sinais e podem estar associadas às marcações de concordância gramatical, ou relacionadas com o foco, às marcações negativas, às de tópico, às interrogativas e preenche a função de entonação (pedidos, imperativos), de maneira geral, se apresentam na face do sinalizante através da direção do olhar (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.132-133), posição da cabeça ‘não-neutra’, por movimentos da

⁷ (...) in sign languages a facial gesture may be itself a word. (DOMÍNGUEZ, 2001, p. 5)

⁸ (...) in sign narration most facial gestures are produced with the textual information are in themselves the textual information, while in oral narration most gestures appear in pauses, especially in the cases of change of glance direction and in mouth protrusion (DOMÍNGUEZ, 2001, p. 222).

cabeça e movimentos do corpo, por exemplo (LIDDEL, 1980 apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 132; ANATER, 2009 p. 81)

Ekman e Friesen (1975) verificaram seis emoções básicas e, a partir delas, elaboraram descrições acerca das expressões dos olhos e sobrancelhas: 1) com as sobrancelhas erguidas, altas e encurvadas, com a pele sobre a sobrancelha esticada e pálpebras abertas temos a expressão de **surpresa**; no **medo** as sobrancelhas mantêm-se levantadas e puxadas juntas, a pálpebra superior fica levantada e a inferior tensionada; a expressão de **asco** é percebida na parte inferior da face e da pálpebra, as sobrancelhas são baixadas e linhas aparecem sob a parte inferior da pálpebra; na **raiva**, as duas sobrancelhas mantêm-se baixadas e puxadas, aparecem linhas verticais entre elas e os olhos mostram uma fixação dirigida; a expressão de **felicidade** é evidenciada principalmente na parte inferior da face e da pálpebra, os “pés-de-galinha” se projetam nos cantos externos dos olhos; já na de **tristeza**, os cantos internos das sobrancelhas são puxados para cima e canto interno para a pele sob as sobrancelhas assume uma forma triangular.

Esses tipos de expressão designados por Ekman e Friesen (1975) e, alguns deles, produzidos pela bebê nos ajudaram a identificar e classificar as expressões faciais utilizadas pela díade no momento das transcrições e análise dos dados.

1.3.2.3 Olhar

Na Libras, assim como as expressões da face, do corpo e das mãos, o olhar é incluído nas expressões não-manuais (QUADROS; VASCONCELOS, 2006, p. 145).

Através da frequência, da duração e da ocasião de um olhar é possível enviar mensagens, incluir pessoa(s) em conversa(s) ou mesmo excluir, quando eliminamos o contato visual. Pereira (2010, p. 33) conta que “Um olhar transmite uma série de atitudes, desde um comportamento passivo por meio de um olhar evasivo, ou um olhar direto e terno que pode indicar carinho, consideração, entre outros.”

Não apenas isso, pesquisas mostram que o olhar que uma criança e um adulto lançam, alternadamente, entre si e um objeto ou evento, pode ser uma das características operacionais-chave de um evento chamado Atenção Conjunta (CARPENTER, NAGELL e TOMASELLO, 1998).

Parafraseando Tomasello (2003), estes autores ressaltam que nem sempre uma alternância de olhar representa uma situação de Atenção Conjunta, pois nem todo olhar envolve, do ponto de vista sociocognitivo, a compreensão pela criança de que o outro é um ser intencional como ela mesma.

No entanto, novos estudos consideram que esse olhar pode representar um significativo recurso multimodal na inicialização e manutenção de uma Atenção Conjunta, do ponto de vista sociocognitivo, por exemplo, o olhar que uma criança dirige a um adulto, mesmo que seja apenas para conferir o que lhe chama atenção, ou revelar o objeto de atenção do outro (DAVIS, 1979; MELLO, 2015).

O olhar da criança serve, nessa compreensão, para estimular o início de um processo interativo e de monitoramento da atenção do outro (o adulto). Talvez seja possível dizer que o olhar pode ser considerado a porta de entrada para o entendimento do outro, como agente intencional, pela criança (MELLO, 2015, p. 120).

Ávila Nóbrega (2010, p. 26) classifica o olhar em duas categorias: olhar fixo e olhar fixo mútuo. No tipo fixo, o indivíduo lança o olhar para um objeto, para outro indivíduo, ou para um dado evento. No tipo olhar fixo mútuo dois sujeitos trocam olhares, mas sem alternância.

Mello (2015) acrescenta que uma criança pequena pode apresentar a capacidade de fixar seu olhar por um considerado tempo. No entanto, é possível observar que as primeiras comunicações e interações entre crianças ainda bebês e suas mães, ou cuidadoras, são através do olhar mútuo (e não do tipo fixo mútuo). O que é interessante é imaginar que esse tipo de olhar pode ser considerado um comportamento precursor de Atenção Conjunta (CARPENTER, NAGELL e TOMASELLO, 1998).

Quanto à idade e a habilidade do olhar, Mello (2015) acredita que as condições contextuais e a qualidade da interação que possa ocorrer entre a criança e um adulto podem influenciar o desenvolvimento dessa habilidade, sem a especificação de uma idade determinada, embora a mesma cite que estudos realizados por Butterworth, (1991 p. 223), citados por Carpenter, Nagell e Tomasello (1998, p. 10) revelam que aos seis meses, a criança é capaz de olhar na mesma direção que o adulto olha, sem conseguir localizar corretamente o alvo da atenção desse adulto. A pesquisadora cita ainda que Carpenter, Nagell e Tomasello, baseados em estudos sobre a direção do olhar por bebês, (como os realizados por SCAIFE e BRUNER, 1975; CORKUM e MOORE, 1995; LEMPERS, 1975, dentre outros) concluem que uma criança só é capaz de começar a seguir a direção do olhar fixo de outra pessoa entre oito e dez meses de idade, e entre doze e quinze meses é capaz de localizar alvos específicos, seguir a direção do olhar adulto, e de forma mais precisa, quando a cabeça do adulto também se movimenta junto com o olhar, como já vimos, a discussão do olhar será discutida as luzes das pesquisas de Atenção Conjunta como veremos no tópico 1.3.3, a seguir.

Um outro elemento multimodal que, assim como o olhar, também é interessante discutir são os gestos.

1.3.2.4 Os Gestos

Por fazer parte da linguagem, seja ela falada ou sinalizada, o gesto tem um papel importante, de figura, no início da aquisição da linguagem, para utilizar os termos de Pereira (1989). Santana (2007, p. 116) defende que os gestos estão diretamente ligados às interações sociais, é como se eles antecipassem a língua através das interações realizadas por meio dos gestos convencionalizados até os sinais domésticos, que são repletos de mal entendidos, são importantes para o papel do sujeito como interlocutor no discurso e precedem a linguagem.

“Para definir o termo gesto, McNeill (2000) afirma que é preciso considerá-lo no plural. Logo, sugere pensar em **gestos**, pois é preciso distinguir diversos movimentos corriqueiramente nomeados de gestos” (FONTE *et al*, 2014).

Os gestos são manifestados espacialmente através de movimentos visualmente expressos, os quais podem desempenhar diferentes funções, como representar objetos referência a eles (KENDON, 2000) e envolvem uma variedade de movimentos comunicativos que nem sempre emanam das mãos e dos braços⁹ (MCNEILL, 2006).

No campo da pesquisa do gesto Adam Kendon é uma referência, uma das suas pesquisas engloba o papel do gesto na comunicação, assim como ansiamos neste, sendo que numa perspectiva voltada ao sujeito em condição de surdez (PEREIRA, 2010, p. 48) já que acreditamos que os gestos têm um papel importante na interação. A tipologia dos gestos nos interessa para distinguir os movimentos corporais realizados na interação da criança surda com a mãe.

McNeill (2000, p. 2-5) conta que Kendon (1982) foi o primeiro a definir os gestos em quatro *continuum*, os chamados *Continuum de Kendon*, a fim de nomear e classificar os vários movimentos chamados de gestos, que são: a gesticulação; a

⁹ The word ‘gesture’ covers a multiplicity of communicative movements, primarily but not always of the hands and arms. (MCNEILL, 2006, p. 01)

pantomima; os emblemas; e a(s) língua(s) de sinais (MCNEILL, 2006, p. 01). Vejamos no quadro 1 aquele que, de acordo com Pereira (2010, p. 48), se tornou referência classificatória nos estudos da tipologia dos gestos, a seqüência do Continuum de Kendon (McNeill, 2000, p. 1):

Quadro 1 - *Continuum de Kendon*

Gesticulação → Pantomima → Emblemas → Língua de Sinais
--

Fonte: McNeill, 2000, p. 1

Observa-se neste quadro que, da esquerda para a direita, o *continuum* passa do não linguístico para o linguístico, do não convencionalizado para o convencionalizado, do global e sintético para o segmentado e analítico.

Como breve definição dos tipos de gesto temos que gesticulação são movimentos que acompanham a fala e incorporam um significado relacionado ao discurso¹⁰ (MCNEILL, 2006, p. 01). Porém a gesticulação não se restringe a movimento de mãos e braços, McNeill (2006, p. 01) acrescenta que a cabeça, pernas, e pé podem se mover em prol da gesticulação. Não possuem regras linguísticas e não são convencionais, com marcas individuais (MCNEILL, 2000), um único gesto pode apresentar diferentes significados. Para Kendon (1983):

A gesticulação aparece como uma parte integrante do esforço comunicativo do indivíduo, tendo um papel direto a desempenhar nesse processo. Para ele, o gesto é importante, principalmente porque é empregado juntamente com o discurso, formando uma unidade eficaz de enunciado (KENDON, 1983).

¹⁰ 'Gesticulation' is motion that embodies a meaning relatable to the accompanying speech (MCNEILL, 2006, p. 01).

Os chamados gestos enquadrados ao discurso “fazem parte da própria sentença”¹¹ (MCNEILL, 2006, p. 02), e ao contrário da gesticulação, acontecem em sincronia com o discurso como um complemento.

Uma segunda tipologia que McNeill (2006, p. 03) aborda é a Pantomima. O autor diz que a pantomima são gestos que seguem uma linha narrativa ou uma história contada.

Os emblemas são sinais convencionalizados, específicos de cada cultura e variam com relação ao lugar, por isso podem variar culturalmente, podem acompanhar o discurso ou vir na sequência (MCNEILL, 2006, p. 03).

McNeill (2006, p. 03) enquadra os sinais como o léxico de uma LS, sobre os quais discutiremos no item 1.3.2.5 – O sinal.

Vejamos a quadro 2, nos quais sintetizamos as quatro categorias em que McNeill (2000, p. 2-5) dividiu os gestos e os quatro *contínuum*.

Quadro 2 - Categorias dos gestos

	Gesticulação	Pantomima	Gesto Emblemático	Sinais
Contínuo 1 - quanto a produção de fala	Presença de Fala	Ausência de Fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
Contínuo 2 - quanto as propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de propriedades Linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
Contínuo 3 - quanto as convenções	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Convencional
Contínuo 4 - quanto ao caráter semiótico	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Fonte: McNeill (2000, p. 2-5)

¹¹ ‘Speech-framed gestures’ are part of the sentence itself (MCNEILL, 2006, p. 02).

Ao observarmos o quadro na direção da esquerda para a direita veremos diminuição da fala, o aumento das propriedades linguísticas e a convencionalização dos gestos executados individualmente (CAVALCANTE, 2009, p. 157).

Pereira (*et al*, 2011) comenta que os pais que não compartilham da mesma língua com o filho(a) costumam fazer uso de sinais pantomímicos e há estudos que afirmam que muitos sinais derivam de abreviações de representações pantomímicos, mas é importante ter em mente que os sinais são bem diferentes da pantomima (KLIMA e BELLUGI, 1979).

Temos ainda algumas dimensões gestuais inspiradas pelas categorias semióticas de C. S. Pierce, classificadas por McNeill e Elena Levy em: **icônicos**, **metafóricos**, **dêiticos** e **ritmados** (MCNEILL, 2006, p. 3-4). **Ícônicos** são aqueles gestos que apresentam imagens de entidades ou ações concretas; os gestos **metafóricos** apresentam, de forma abstrata, eventos ou objetos concretos; o apontar com qualquer parte do corpo para localizar objetos ou entidades no espaço, é chamado de gesto **dêítico**; as mãos fazem viradas para cima, para frente, para trás, para baixo como que em batimento ritmado, seguindo um tempo, são os chamados gestos **ritmados**.

Cavalcante (1994, p. 16) cita que segundo Wallis (1979) a dêixis origina-se a partir da referência linguística, com o contexto de uso determinando o significado e ela é ontogeneticamente anterior aos outros tipos de referência e serve de base para a aquisição que, dentre tantos gestos, daremos destaque ao gesto dêítico.

Para Lyons (1977) dêixis significa a identificação e a localização de pessoas, eventos, processos e atividades referidas no contexto e que dentre outros, eu, tu, aqui, isso, ontem são as partículas da língua que usadas para referenciar.

No Brasil, por sua vez, a pesquisadora Cavalcante (1994) em dissertação de mestrado intitulada *O gesto de apontar como processo de co-construção na interação mãe-criança* considera o apontar “como precursor da referência linguística”, como um elemento do processo comunicativo que se desenvolve a

partir de um processo de co-construção diádica. Os dados analisados pela autora sugerem um processo de transformação nos quais escreve em três momentos de construção do gesto. Vejamos no quadro 3 sobre a constituição do gesto de apontar (WERNER e KAPLAN, 1963; CLARK, 1978; WALES, 1979; BATES, O'CONNELL e SHORE, 1987; MARCOS, 1992), que “emergem entre o primeiro e o segundo ano de vida da criança” (CAVALCANTE, 1994, p. 10):

Quadro 3 - A construção dos gestos de apontar

	1º momento	2º momento	3º momento
Morfologia	Convencional	Variada: criança utiliza-se de ambas as mãos, usando dois, três, quatro dedos ou toda a mão para apontar	O apontar parece mais evidente em sua morfologia convencional
Olhar	Dirigido ao parceiro pouco mais frequente	Mais frequente que no momento anterior	
Vocalizações	Se assemelham a gritos	Aproximam-se de palavras, destacando-se uma maior frequência no uso da entonação alta	São similares a palavras da linguagem verbal
Stress		Presença de um elevado grau de "stress" nos episódios interativos, através de um tipo de "elaboração" na forma motor/gestual	Episódios menos "stressados"
Turnos	Se apresenta com pouca quantidade de turnos entre os parceiros	O número de turnos aumenta	O número de turnos apresenta-se mais reduzido

Fonte: Cavalcante (1994, p. 10-11)

Num primeiro momento, o apontar parece ser usado pela criança como um novo elemento, como um gesto espelhado do gesto do adulto e do segundo momento em diante passa a significar. Podemos salientar também que o tipo de "stresse" apresentado no terceiro momento se evidencia mais através da vocalização do que através de uma "elaboração" motor/gestual (CAVALCANTE, 1994, p. 10-11).

Cavalcante (1994) conta a existência de estudos que vinculam a emergência de comportamentos referentes ao gesto de apontar por (WERNER & KAPLAN, 1963; CLAD, 1978; BRUNER, 1983, BATES, O'CONNELL & SHORE, 1987), sendo que ao que se concerne à referência na Aquisição de Linguagem, dentre tantas definições, alguns termos encontrados na língua podem estar intrinsecamente relacionados à noção de referência, ou seja, os termos dêiticos.

Como já visto, linguisticamente, tanto os termos dêiticos quanto o gesto de apontar dêitico que envolvem as partículas eu, tu, isto, aquilo, nos interessa, pois concordamos com Walles (1979) que estes gestos direcionam a atenção do outro e podem ser entendidos como um “olhe” ou “veja”. Por exemplo, em sua pesquisa na aquisição da linguagem, Cavalcante (1994, p. 16) observa uma situação semelhante quando a criança faz uso do gesto de apontar para direcionar a atenção do parceiro para um objeto no mundo.

Dentre tantas definições para o apontar, adotaremos aquela que destaca este gesto como um meio comunicativo construído socialmente (Mead, 1972; VYGOTSKY, 1962; FOGER, 1993; LYRA e ROSSETTIFERREIRA, 1994). Esta concepção, baseada em Vygotsky, assume o gesto de apontar não apenas como elemento identificatório, mas enfatiza seu caráter instrumental e seu teor comunicativo, percebido nas trocas interativas da criança quando, a mesma, toma consciência da forma comunicativa deste novo meio, e portanto, concebido como emblema em nossa discussão.

O último elemento multimodal componente do *continuum* de Kendon, citado por McNeill (2000, p.01) é o sinal.

1.3.2.5 Sinal

Segundo Goldfeld (2002, p. 25), sinal é o termo referente ao léxico da língua de sinais, um signo linguístico, assim como as palavras da língua portuguesa o são; o termo fala no sentido de enunciação através do aparelho fonador será assumido pelo termo vocalização em oposição à sinalização, que pode ser entendido como fala produzida pelas mãos.

Correa (2007, p.40) cita que Karen Emmorey foi a primeira a se interessar a estudar a co-expressão dos gestos com as LS. A pesquisadora analisou narrativas em Língua de Sinais Americana (ASL) e apresentou em seu trabalho um quadro com as diferenças entre os gestos e a língua americana de sinais (ASL), como mostramos na tabela a seguir:

Quadro 4 - As diferenças entre os gestos e as LS

Sinais da ASL	Gestos
Exibem um modelo sistemático de forma	Não se verifica estrutura fonológica
Pertencem a categorias lexicais	Não especifica
Possuem elementos com significado (morfemas) para a composição de novas palavras	Não podem ser combinados em elementos significantes menores
São governados por regras semânticas	O significado é global e necessita do contexto
Seguem restrições universais no nível sintático	Não se verifica estrutura sintática

Fonte: Correa (2007, p. 40)

O quadro acima foi retirada da dissertação de Correia (2007, p. 40), na qual a autora, apresenta diferenças básicas entre os gestos e os sinais da ASL encontrados em suas pesquisas.

Em nossa pesquisa, baseando-nos em pesquisadores como McNeill e Ávila-Nóbrega, analisamos a os recursos multimodais na interação de uma bebê surda e sua mãe ouvinte, ambas brasileiras, propomos um outro quadro, pois

percebemos que o quadro 4 apresenta os gestos com uma visão reducionista. Por isso a escolha de colocar este quadro, mesmo trabalhando nossa análise na Libras.

“A linguagem humana é, assim, preñe de gestos que variam da especificação mínima da ordem do simbólico (vocalizações, balbucios manuais e vocais) ao uso efetivo dessa linguagem (usos de língua minimamente referenciada)” (ALBANO, 2001).

Como podemos observar, na citação acima, a autora reconhece os que os gestos fazem parte da linguagem humana. As crianças, sejam elas ouvintes ou surdas, usam gestos e os adultos se valem de gestos no momento da interação também.

Armstrong *et al* (1995) enuncia que ‘todas as sociedades humanas utilizam gestos motores para complementarem suas informações sonoras veiculadas por meio da fala. Muitas vezes nos parece impossível falar sem movermos nossas mãos, nossos olhos e nossos braços. Para os falantes, esses gestos apenas ajudam a ilustrar um objeto, indicar uma direção, mostrar um estado emocional, mas para indivíduos privados da percepção do estímulo sonoro, eles passam a ser a única expressão capaz de ser compreendida. Esses indivíduos aprimoram tanto seus gestos que se tornam capazes de se comunicarem exclusivamente por meio de uma linguagem de sinais’ (REGINA e CAMPELLO, 2007, p. 124).

Por ser produzida através do canal visuo-espacial, os sinais da Libras, muitas vezes, são confundidos com gestos aleatórios, o que não é verdade, e por outro lado, “Uma sequência de gestos não implica uma língua” (SANTANA, 2007).

Em pesquisa contrastiva realizada entre criança ouvinte e criança surda, (denominada por ela de deficiente auditiva), Mori (1994) observa:

(...) que, inicialmente, a criança apresenta movimentos generalizados que, após serem recortados e interpretados pelo discurso do outro, transformam-se em gestos, indicativo, demonstrativo e representativo. Após passarem por variadas formas, os gestos se estabilizam e passam, a partir da interpretação adulta, a desempenhar diferentes funções e a participar do processo de constituição da contraparte oral da linguagem. Quanto ao sujeito deficiente auditivo, constatou-se que os interlocutores se utilizam de recursos comunicativos e demonstrativos visando obter, respectivamente, a ação e a atenção infantis. Os gestos indicativo, demonstrativo e representativo integram o repertório gestual desta criança

e são concatenados entre si por ela, e pelos seus interlocutores, o que determina a construção de uma sintaxe gestual e demonstra que esta diáde está privilegiando esta modalidade em suas interações, enquanto a oralidade fica circunscrita àqueles episódios originados em atendimentos fonoterápicos (MORI, 1994, p. 5).

Para Albano (1990) a gestualidade vai além da realização do ato motor, este é um ato imbricado de aspectos simbólicos numa via de mão dupla, o gesto cumpre o papel de mediação entre as funções simbólicas em que não há processos dicotômicos ou independentes entre si.

Por sua vez, McNeill (2006) afirma que existem similaridades e diferenças entre fala e gesto. Na criança, ambos se desenvolvem concomitantemente de forma concreta no início da aquisição, depois os gestos passam a ser icônicos, para se tornarem metafóricos e abstratos; porém, a fala é linear e segmentada enquanto o gesto é global e sintético. Os gestos precisam se combinar, mas se acontece, formam um gesto mais complexo, pois cada gesto é uma expressão completa de significados.

Segundo Mori (1994) os gestos constituem um dos primeiros processos simbólicos da criança. Os movimentos são reconhecidos como gestos, à medida que vão sendo interpretados e usados pelo interlocutor, podendo vir a ganhar significado e reconhecimento social (MORI, 1994, p. 28-29).

Por exemplo, na ausência de uma língua em comum e pela necessidade de se comunicar, a criança surda vai estabelecendo com seus familiares ouvintes sinais caseiros inventados e partilhados por eles, são os sinais domésticos que são elaborados independentes da fala e tem semelhança com as LS. Morford (1996) afirma que estes gestos podem ser definidos como dêiticos e icônicos / descritivos e que os gestos influenciam na aquisição de uma LS pela representação icônica ser importante para o processo linguístico.

Estudos atuais questionam se os sinais domésticos não funcionam como uma linguagem, pois a criança surda cria sinais domésticos complexos (GOLDINMEADOW, 1979). Portanto, é observada a capacidade humana para a linguagem, mas a capacidade para a simbolização somente é concretizada a partir

das interações sociais, e no que se refere à aquisição de linguagem, tais realizações culminam na fala seja ela oral ou sinalizada.

Todos estes elementos que tratamos neste capítulo serão observados dentro de cenas de Atenção Conjunta na perspectiva de Carpenter, Nagel e Tomasello (1998).

1.3.3 ATENÇÃO CONJUNTA

Bruner (1983) aponta a Atenção Conjunta como um espaço de desenvolvimento da criança e que para adquirir a linguagem, a criança necessita ser exposta à interação. Nesta mesma perspectiva, para McNeill (1970) a aquisição seria uma realidade possível, graças a uma dinâmica de ação e de atenção que inclui o papel do outro na relação.

Na concepção Bruneriana, Atenção Conjunta é um processo que tem formato triangular. Este formato se configura com adulto-bebê- e um terceiro, o objeto que será foco de olhar compartilhado entre mãe e infante. Para este autor, a Atenção Conjunta tem início por volta dos sete meses e é inicialmente estabelecida pelo adulto. Para Bruner, desde o momento em que a criança deixa a vida intra uterina, ela passa a vivenciar situações comunicativas. Um diferencial entre os infantes e adultos é que aqueles não têm a língua materna de forma madura, fato que leva os bebês a lançar mão do uso de gestos e da Atenção Conjunta para estabelecer interação com outros sujeitos (BRUNER, 1983).

Nas suas pesquisas, Tomasello (2003) percebeu que bebês de seis meses interagem com objetos de forma diádica. Da mesma forma (diadicamente), interagem com pessoas a fim de expressar e ser recíproco com relação às emoções. Seu olhar se mantém focado de tal forma que se o bebê estiver

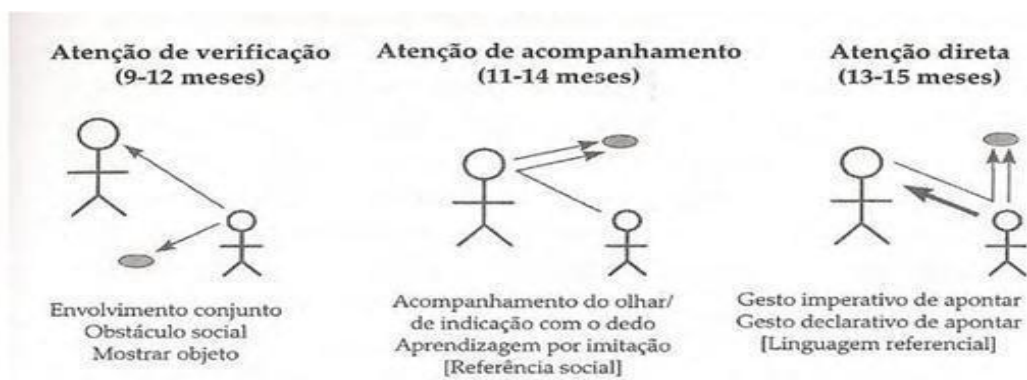
interagindo com um objeto e, no mesmo contexto houver presença de pessoas, estas serão ignoradas enquanto a atenção da criança se mantiver no objeto manipulado.

Entre nove e onze meses de idade algo diferente acontece. Há a emergência de um novo comportamento, a saber, as interações triádicas. Neste sentido, o bebê interage não apenas de forma diádica mas consegue coordenar suas interações entre objetos e pessoas. Dessa forma pode se comparar esta interação com um triângulo referencial, que segundo o autor citado, é formado por criança-adulto-objeto (TOMASELLO, 2003 p. 85).

Aos nove meses, os bebês humanos começam a realizar um sem número dos assim chamados comportamentos de atenção conjunta que parecem indicar uma compreensão emergente das outras pessoas como agentes intencionais iguais a si próprio, cujas relações com entidades externas podem ser acompanhadas, dirigidas ou compartilhadas (TOMASELLO, 2003 p. 85).

O quadro a seguir mostra os tipos de Atenção Conjunta sugerido por Carpenter, Nagell e Tomasello. Vejamos no quadro 5:

Quadro 5: Os tipos de atenção conjunta por Carpenter, Nagell e Tomasello (1998)



Quadro 5: estudo de Carpenter, Nagell, e Tomasello (1998), (Aproximadamente 80 por cento dos indivíduos na faixa etária designada)¹² (Tomasello, 1999)

¹² Figure 3.1 Three main types of joint attentional interaction and ages of emergency in the study by Carpenter, Nagell, and Tomasello (1998). (Approximately 80 percent of subjects in designated age ranges)

Esses três tipos básicos de AC foram originados de um estudo realizado de forma experimental com a participação de 24 crianças em atividades interativas em que as quais eram induzidas, pela tarefa, a desenvolver uma AC, as que os pesquisadores consideraram principais foram analisadas e classificadas, que são elas: Atenção Conjunta de Verificação (ACV), Atenção Conjunta de Acompanhamento (ACA) e Atenção Conjunta Direta (ACD).

A AC de verificação é concebida pelos teóricos como aquele tipo de atenção em que o indivíduo olha para um objeto e para o interactante. Em nossos estudos, assim como Ávila Nóbrega (2010, p. 49), assumiremos a ACV mesmo quando a criança não olhar para o interactante, apenas para o objeto ou evento, por entender que o fato de olhar para o objeto indicado ou para um evento que o participante da interação está envolvido é um indicativo de que a bebê está o acompanhado, sem necessariamente o olhar no rosto, pois se trata de uma bebê surda, que como mencionado anteriormente, tem uma percepção de mundo mais voltada para o visual, sem aparato auditivo.

Na AC de acompanhamento o indivíduo olha para o interactante e em seguida para onde este está com o olhar fixo ou para onde este o indica olhar, seja com o próprio olhar, seja com o dedo, através do gesto de apontar (SILVA, 2014 e TOMASELLO, 1998).

Ainda de acordo com Tomasello (1998), temos que a AC direta, por sua vez, acontece quando o indivíduo e seu parceiro de interação apontam em direção ao mesmo objeto, assim como na ACA, porém o apontar na ACD é de cunho declarativo ou imperativo, “fazendo com que esse tipo de atenção seja mais explícito nas cenas de Atenção Conjunta compartilhada pela criança e pelo adulto” (SILVA, 2014). Em nossa pesquisa, tomaremos como atenção direta quando a apontação for usada, não apenas com o dedo estendido ao objeto, mas com qualquer ação gestual que possa indicar um tipo de apontar, assim como estender

a mão em direção ao interctante solicitando algo, ou mostrando algo diretamente ao parceiro, ou tocando-o. (ÁVILA NÓBREGA, 2010)

A partir dos resultados dos estudos de Tomasello (1998), Ávila Nóbrega (2010, p. 71), observa que as crianças demonstram ter capacidade cognitiva de estabelecer a AC proposta para cada idade, que seja, dos 07 aos 15 meses.

Algo observado em nossa revisão bibliográfica é que neste mesmo estudo não é registrada a participação de crianças com alguma deficiência, nem nos são oferecidas evidências de recorrências de interações desse tipo por crianças que já conseguem coordenar uma relação triangular.

Neste sentido, Mello (2015) analisa cenas de Atenção Conjunta entre crianças e professora e percebe que além da relação diádica não desaparecer da interação após a iniciação das relações triádicas, observa ainda a emergência de relações quadráticas ou quaternárias, como a pesquisadora denominou. Quanto a esse tipo de Atenção Conjunta temos que se trata de uma relação quadrangular em que ao invés de se registrar a interação entre duas (diádica: adulto-criança) ou três (triádicas: adulto-criança-objeto) entidades, temos uma situação interativa envolvendo quatro componentes: adulto-criança-dois eventos ou dois objetos.

Neste capítulo tratamos sobre os aspectos específicos da surdez, dos surdos, da sua língua; sobre questões vinculadas à aquisição de linguagem por crianças ouvintes e surdas; e acerca das teorias de Multimodalidade e de Atenção Conjunta que envolvem o processo aquisicional de linguagem que ocorreram em crianças ouvintes.

O próximo capítulo iremos contextualizar nossa pesquisa, apresentar as peculiaridades da díade pesquisada – mãe ouvinte bebê surda, justificar a relevância de se analisar as cenas de Atenção Conjunta e os recursos multimodais que envolvem esta díade num estudo longitudinal, naturalístico.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo trataremos da metodologia utilizada em nossa pesquisa quanto as filmagens da díade mãe surda-bebê ouvinte, o perfil dos participantes, ao local, a classificação, ao material e métodos utilizados e as considerações éticas.

Trabalhamos com a hipótese de que os elementos multimodais podem contribuir nessa interação específica em se tratando de uma díade em que mãe e filha não compartilham uma mesma experiência linguística devido a surdez da bebê, como explicitaremos no próximo item.

2.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Por ser um estudo de caso, filmamos e analisamos a interação de uma bebê surda com sua mãe ouvinte. Ela é a segunda filha de um jovem casal e participou das filmagens quando estava com idade entre 17 e 22 meses, ela tem surdez bilateral severa, congênita, consequentemente, pré-linguística, sem causa diagnosticada. A mesma não faz uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI) nem de implante coclear (IC), mas os pais deixam claro que, embora tentem interagir através da Libras, não abrem mão de que ela venha ser implantada o quanto antes, então ela faz tratamento fonoaudiológico periodicamente.

A mãe é graduada em pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, no momento está como dona de casa, pois abriu mão do trabalho e dos estudos desde o nascimento da primeira filha, a fim de cuidar e educar a menina diretamente. Com a chegada da segunda filha, permaneceu da mesma forma.

2.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa aconteceu em ambientes da casa da família como o quarto das crianças, o quarto da mãe, a sala e a cozinha.

A casa é composta por cômodos pequenos e por vezes a cena aconteceu em mais de um local devido a movimentação da díade no desenrolar da interação e em algumas cenas podemos ter a interferência de algum familiar: irmã ou pai da bebê. Mas os principais locais onde as interações se davam eram em cima da cama da irmã mais velha ou do casal; no chão do quarto das crianças ou da sala; ou na mesa da cozinha.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo, de natureza naturalística, tipo estudo de caso, com corte longitudinal, foram feitas filmagens de momentos de interação entre a díade semanalmente ou quinzenalmente, de acordo com a disponibilidade da família, durante um período de 6 (seis) meses, dos quais fizemos recorte sem cenas selecionadas mediante seus aspectos mais relevantes na ordem cronológica dos registros.

2.4 MATERIAL E MÉTODO

As cenas começam com a mãe ou a bebê tentando iniciar uma interação e terminam com a resposta da bebê que pode ser positiva, correspondendo à expectativa da mãe, ou negativa, de se esquivar ou ignorar esta. Dentro de cada cena fatiamos alguns momentos de Atenção Conjunta, aos quais chamamos de extratos, que têm o intuito de mostrar mais claramente como acontece a AC desta infante e os elementos multimodais envolvidos.

As transcrições foram feitas de forma cuidadosa (segundo a segundo) e revisitadas incansavelmente a fim de se evitar equívocos e primar pela fidelidade do conteúdo. Para tanto, usamos o programa ELAN (veja detalhes sobre esta ferramenta no tópico 3.2 a seguir) para analisar e comparar os dados à luz das teorias que envolvem a Atenção Conjunta e os elementos multimodais realizados pela bebê nas cenas.

Fizemos, primeiramente, uma análise quantitativa dos dados para identificar a quantidade de tipos de Atenção Conjunta e de elementos multimodais lançados pela bebê durante a interação.

Na análise qualitativa apresentamos a cena, seu contexto, a idade da bebê, uma imagem real da cena, os quadros das transcrições que foram retirados da tela do computador com um 'print' e recortados no 'paint', a fim de visualizar melhor as informações da transcrição.

Dizemos ser nossa pesquisa de natureza naturalística pela característica do método de observação, assim como Del Ré (*et. al*, 2014, p.21) afirma:

Neste sentido, entendemos o termo naturalístico como remetendo à coleta de dados realizada em situações reais de uso da linguagem, em que a criança interage com familiares, em geral com a pessoa do pesquisador que filma essa interação (DEL RÉ, 2014, P.21).

Destarte, a coleta de dados desta pesquisa acontece num contexto singular, em meio a enunciações únicas numa investigação descritiva em que a câmera privilegia a bebê, contexto no qual a díade se posicionou a interagir, seja por meio de brincadeira, ou em momento de alimentação, por exemplo, em ambientes da casa da família, quarto das crianças, quarto do casal, cozinha e sala.

Quanto ao contexto da coleta, indicamos a data de realização das filmagens, a idade da infante e os participantes de cada cena no quadro 6:

Quadro 6 - Calendário de sessão de filmagem

Identificação	Data	Idade da criança	Participantes
Cena 1	19/06/2015	17meses 10 dias	Mãe e bebê
Cena 2	28/07/2015	18 meses 19 dias	Mãe e bebê
Cena 3	28/08/2015	19 meses 19 dias	Mãe, bebê, pesquisadora e a irmã da bebê
Cena 4	25/09/2015	20 meses 16 dias	Mãe e bebê
Cena 5	23/10/2015	21 meses 14 dias	Mãe e bebê
Cena 6	12/11/2015	22 meses 03 dias	Mãe e bebê

Fonte: A autora

No quadro acima temos as informações principais de cada cena como as datas em que ocorreram as filmagens, as respectivas idades da bebê e os participantes envolvidos.

Dentre um total de 14 filmes fruto desses 6 (seis) meses de filmagens, selecionamos, seis vídeos referentes cada um a um mês, fazendo nossa pesquisa ser de natureza longitudinal com observação e análise de 6 (seis) meses.

Achamos por bem não utilizar o primeiro filme como dado de nossa pesquisa que por se tratar do primeiro contato optamos por considerá-lo um vídeo teste, em que todos estão se adaptando à atividade, a saber: interação da díade mãe ouvinte bebê surda.

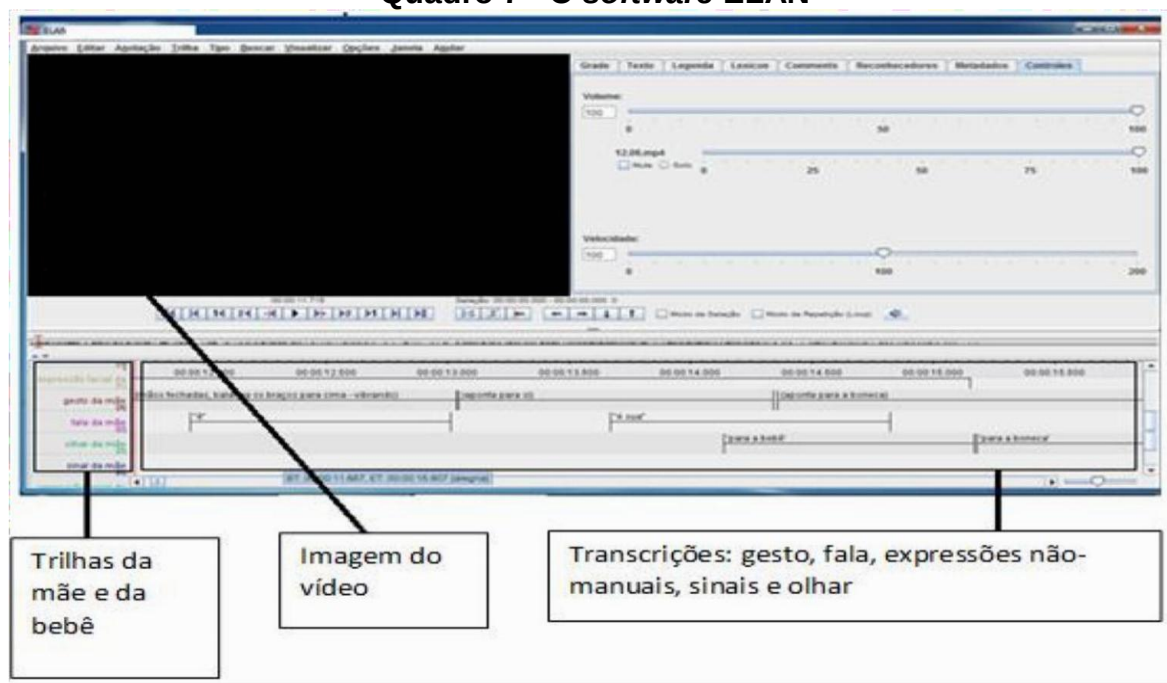
Após as primeiras filmagens, as transcrições dos dados puderam ser iniciadas e para fazê-lo utilizamos os termos subscritos em nossa revisão teórica e o software *Eudico Linguistic Annotator* - ELAN.

O ELAN, é uma ferramenta profissional que possibilita a criação de anotações, edição, visualização e busca de anotações através de dados de vídeo e áudio simultaneamente.

Com ele é possível ao pesquisador/transcritor fazer transcrições, anotações e nomear as análises em trilhas, de forma linear. As trilhas permitem anotações de determinado registro em tempo exato e alterações podem ser feitas sem perdas das informações, o que representa vantagem para o processo de transcrição e organização de dados, pois proporciona a elaboração de quadros que permitem a visualização de componentes multimodais de maneira concomitante, as mesclas.

Dessa forma, trabalhar com o ELAN denota vantagem visto sua utilidade além de ser um *software* gratuito, de fácil *download* e manuseio. Vejamos no quadro 7 com o programa ELAN:

Quadro 7 - O software ELAN



No quadro do *software* ELAN, podemos destacar a janela principal de trabalho onde os dados são preparados para serem analisados: temos o que aqui chamamos de **Imagem do vídeo** - o espaço onde a filmagem da interação poderá ser visualizada e manuseada pela pesquisadora, oferecendo possibilidade de transcrições mais fidedignas das categorias já mencionadas; as **trilhas da mãe, da bebê e da sinalizadora** é o local em que ficarão listados, em trilhas, os elementos multimodais a serem transcritos: fala da mãe, fala da bebê, por exemplo; e as **transcrições** das trilhas são como linhas marcadas pelo tempo de nas quais o pesquisador faz as anotações necessárias para posterior análise, como por exemplo, podem ser feitas as descrições do gesto, dos sinais, do olhar, das expressões, da fala, dos sinais da Libras.

Destarte, programa ELAN nos proporcionou criar trilhas referentes aos recursos multimodais que envolvem a interação da díade mãe e da bebê surda, que aparecerão nas análises à medida que forem relevantes para a discussão.

Como estamos lidando com 5 (cinco) elementos da Multimodalidade: gesto, fala, expressões faciais, olhar e sinais de ambas participantes, abrimos um total de 10 (dez) trilhas, as quais apresentamos no quadro 8:

Quadro 8 – Classificação das trilhas

	Mãe	Bebê
Gesto (destacado em {})	Gesto da mãe / Gesto da bebê - Trilha gestual em que ressaltamos os gestos dos sujeitos analisados e nomeamos mediante a classificação uma vez definida por Kendon (1983): Gesticulação, Pantomima, Emblemas	
Fala (destacado em “”)	Fala da mãe -Trilha da vocalização da mãe, em que incluímos beijo, por exemplo	Fala da bebê – vocalizações da bebê que analisaremos baseando nos conceitos trazidos por Fonte (<i>et al</i> , 2014)
Expressões faciais (destacado em [])	Expressões Faciais da mãe / Expressões Faciais da bebê – utilizaremos as descrições acerca das expressões dos olhos elaboradas por Ekman e Friesen (1975)	
Olhar (destacado em “”)	Olhar da mãe / Olhar da bebê – nesta trilha identificamos a direção do olhar da díade no momento de interação	
Sinais (destacado em {})	Sinais da mãe / Sinais da bebê – sinais identificados como sendo da Libras, mesmo aqueles que não estejam sendo executados de forma adequada. ¹¹	

Fonte: Adaptado pela autora

No quadro acima temos, na primeira coluna, os elementos multimodais que foram observados e transcritos para as trilhas, conforme vimos no quadro 8 (em que mostra a estrutura do ELAN); na segunda e terceira coluna estão as descrições do que serão identificados, transcritos e analisados posteriormente, dependendo do elemento multimodal presente em cada extrato.

Contudo, antes mesmo de iniciarmos as filmagens, demos entrada com o pedido de autorização da pesquisa junto ao comitê de ética. É do que trataremos no próximo tópico.

2.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Após a mãe da bebê ter assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice), para ser executada, esta pesquisa recebeu autorização do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CCS / UFPB através do protocolo de nº 0212/16 com base na resolução 510/16 que rege as pesquisas com seres humanos, sob o número do CAAE: 55987016.0.0000.5188 (Anexo).

3. CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE A DÍADE: ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista analisar se a Atenção Conjunta está presente e se, juntamente com os recursos multimodais, possibilita a interação e a compreensão da comunicação na relação entre a díade mãe-bebê surda, buscamos analisar os momentos de Atenção Conjunta, da díade, na interação, ponderando o olhar, o gesto, a fala, a expressão facial e os sinais da Libras utilizados (à medida que estiverem presentes no extrato analisado), principalmente pela bebê em resposta a tais Recursos Multimodais produzidos pela mãe.

Assim como Tomasello (2003), faremos a classificação privilegiando o olhar da bebê, como Atenção Conjunta de Verificação (doravante ACV), Atenção Conjunta de Acompanhamento (ACA) e Atenção Conjunta Direta (ACD).

Baseamo-nos ainda no aparato teórico que está em Ávila Nóbrega (2010), Cavalcante e Nóbrega (2012), Cavalcante (2012, 2009, 2006, 1999, 1994), Dominguez (2001), Ekman e Friesen (1975), Fonte (*et al*, 2014), McNeill (2000, 2006), Kendon (2000, 1985, 1983 e 1982).

A partir de Tomasello (1983), faremos a classificação gestual da bebê, prioritariamente, e da mãe nos momentos em que precisamos apresentar os gestos emblemáticos do contexto familiar, como por exemplo, a ação de erguer as mãos no momento da oração que é bem compreendida e repetida pela infante.

Para facilitar a leitura dos dados, iniciaremos apresentando a análise quantitativa, seguida da análise qualitativa. Pela análise quantitativa temos as tabelas com a quantificação das ACs e dos Recursos Multimodais da bebê seguidas, cada uma de um gráfico para melhor visualização e leitura dos números.

A seguir teremos os contextos de filmagem, a representação deles apresentados pelos quadros do ELAN, seguido de cada análise das situações de AC e Recursos Multimodais envolvidos, como dados da análise qualitativa.

3.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Para desenvolver nossa análise quantitativa, preferimos aplicar os números encontrados, em tabelas e gráficos por entendermos que ambos têm importância informativa e visual que facilitam a compreensão da nossa análise, mesmo não sendo indicado o uso de ambos pela ABNT.

Para iniciar nossa análise, vejamos a tabela1:

Tabela 1 – Quantificação dos olhares de atenção conjunta da bebê

Idade	Atenção Conjunta de Verificação	Atenção Conjunta de Acompanhamento	Atenção Conjunta Direta
17m 10 d	06	10	00
18m 19 d	06	15	09
19m 19 d	11	21	01
20m 16 d	09	07	00
21m 14 d	16	22	33
22m 3 d	06	07	01
Total	54	82	44

Fonte: A autora

A tabela 1 de AC é composta de quatro colunas, sendo, da esquerda para a direita, a primeira composta pela idade da infante em meses. A segunda coluna compreendendo a ACV, AC que é indicada pelo olhar dirigido para a mãe ou para o objeto. Na terceira coluna está a ACA, aquela em que existe interação e a infante observa os gestos da mãe. A quarta coluna está composta pelos números de ACD que são aqueles acompanhados pelo gesto emblemático de apontação, seja com o olhar, ou com o dedo.

Com referência às informações desta tabela 1 temos a disposição do gráfico 1:

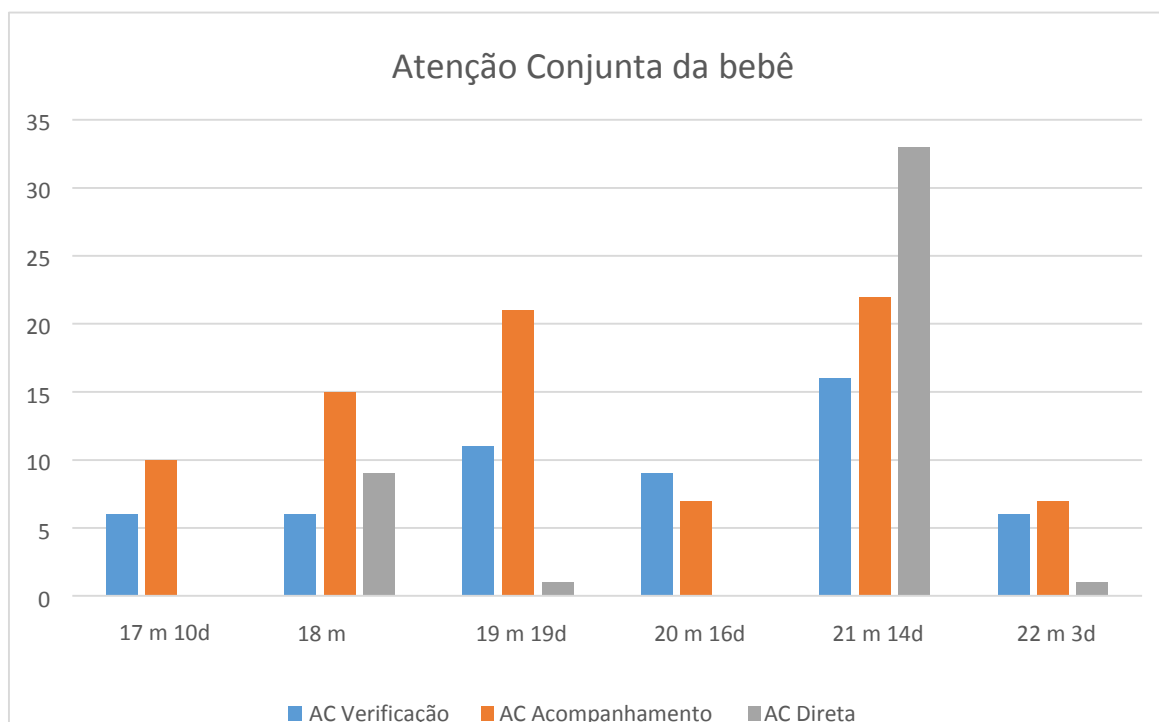


Gráfico 1 – Gráfico da Tabela 1 - Quantificação dos cenas de Atenção Conjunta da bebê

O gráfico 1 refere-se aos números de AC encontrados, representados nas linhas verticais. Nas linhas horizontais temos a idade da infante e cada coluna colorida, refere-se ao tipo de AC: ACV está em azul; a de ACA está em laranja e a Direta em cinza.

Antes de iniciar as análises é importante frisar que os tipos de AC co-ocorrem. Não se dilui um para surgir o outro. Pois, trata-se de uma construção.

Observemos que em todas as idades, a bebê produz ACV ao olhar em direção a mãe, para a pesquisadora, para um brinquedo que ainda não entrou na interação. A ACA acontece em maior número em praticamente todas as idades (exceto em 20m 16d e 21m 14d), comparado a ACV e ACD. Na idade em que apresenta menor ocorrência de AC de Acompanhamento temos o contexto em que a bebê está, aparentemente, com a atenção voltada para o chocolate que está comendo envolvida em uma Atenção predominantemente diádica e quando olha para a mãe é quando esta a chama, configurando a ACA. A ACD é a menos observada, mas isso não indica que a bebê não a tenha, apenas pudemos perceber que na maioria das cenas, a mãe indica brinquedos, orienta ações e apenas aos

21m 14d apresenta maior ocorrência da ACD quando a infante produz apontação e até gritos em direção à revista, ao cachorro que está manipulando, ou para pedir um objeto fora de seu alcance, por exemplo.

Nesta análise, comparando os números apresentados identificamos AC de verificação em todas as idades; ACA em maior número; na idade 20m 16 d, menos AC de Acompanhamento, visto que a bebê estava envolvida em AC diádica com o chocolate; a ACD é a menos observada, pois na maioria temos uma atividade maior da mãe e na idade de 21m 14d temos a bebê interagindo com a mãe e com os objetos mais ativamente.

Nos mesmos contextos de interação em que aconteceram as cenas de AC, temos a ocorrência dos gestos da bebê, os quais podemos observar mediante a tabela 2 que segue:

Tabela 2 – Quantificação dos gestos da bebê

Idade	G	P	E	LS
17 m e 10 d	00	02	04	00
18 m e 19 d	00	08	06	00
19 m e 19 d	03	15	07	01
20 m e 16 d	03	02	12	00
21 m e 14 d	03	17	25	00
22 m e 3 d	02	22	17	00
Total	11	66	71	01

Legenda: G (gesticulação), P (pantomima), E (Emblema) e LS (Língua de Sinais)

Fonte: A autora

Um pouco diferente do gráfico 1, temos a tabela 2 com a quantificação dos gestos da bebê. Nela encontramos cinco colunas, da esquerda para a direita, na primeira coluna, temos a idade da infante; em seguida, na segunda coluna, a quantidade de gesticulação (G) produzidos por ela; na terceira coluna temos os gestos pantomímicos (P); na quarta coluna estão quantificados os gestos emblemáticos (E); por fim, na quinta coluna, os sinais da Língua de Sinais (LS).

Para uma melhor visualização e discussão desses dados, disponibilizamos o gráfico 2:

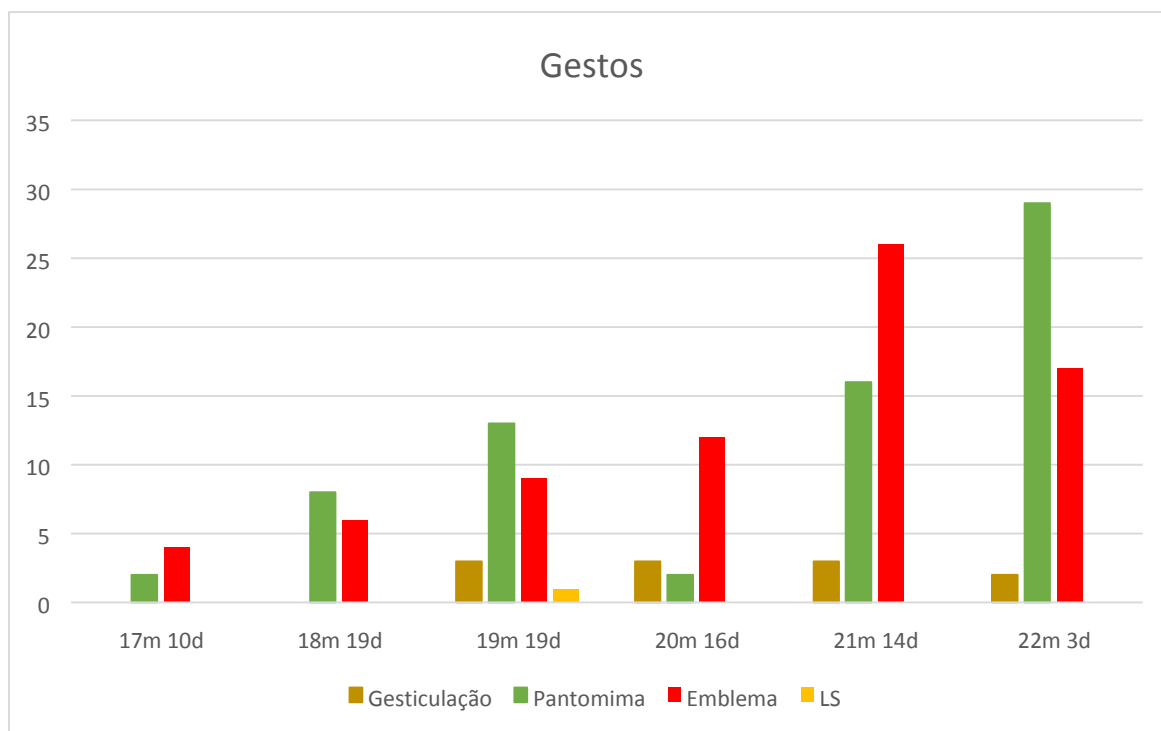


Gráfico 2 – Gráfico da tabela 2 - Quantificação dos gestos da bebê

No gráfico referente a tabela 2, a linha vertical reflete a quantidade de ocorrência de cada gesto descrito nas colunas: nas colunas mostarda temos a quantificação da gesticulação, nas colunas verdes temos a representação da quantidade de pantomimas, nas colunas vermelhas temos os gestos Emblemáticos e os Sinais da LS produzidos aparecem na coluna amarela.

Mediante os dados apresentados, temos que a infante mantém um número aproximado de gesticulação a começar seu surgimento, em nossos dados, a partir dos 19m 19d, o que não indica que ela não fazia uso de gesticulação anteriormente. A pantomima é percebida em todas as idades, com um aumento nas duas últimas, e oscila em quantidade de produção com os gestos emblemáticos, estes que são os que aparecem numa crescente no decorrer do tempo, e só fica abaixo quando é verificado um aumento na produção de pantomimas. Dentro dos gestos

emblemáticos a bebê faz uso de apontação e verificamos 02 produções em 19m 19d e 01 em 21m 14d. A presença de sinais da LS é observada aos 20m 16d com apenas 1 produção, talvez devido à pouca exposição a língua.

Após esta descrição detalhada dos dados, identificamos um número reduzido de gesticulação em comparação aos demais tipos de gesto; a produção de pantomima oscila em quantidade os gestos emblemáticos, visto que, dentro dos gestos emblemáticos a bebê faz uso de apontação (02 produções em 19m 19d e 01 em 21m 14d); os emblemas aparecem numa crescente no decorrer do tempo, e só fica abaixo quando é verificado um aumento na produção de pantomimas; quanto a LS, esta só é observada aos 20m 16d com apenas 1 produção, talvez devido à pouca exposição da bebê a referida língua.

Quando comparamos as produções de Atenção Conjunta com as produções dos gestos, percebemos que, no decorrer dos meses, a bebê demonstra aumento nas produções gestuais; ao passo que a bebê produz mais ACA, verifica-se aumento na produção gestual, principalmente de emblemas e pantomimas; A produção de gesticulação torna-se mínima em detrimento de pantomima e emblemas, o que pode-nos indicar a utilização de gestos mais 'significativos' para a interação.

3.2 ANÁLISE QUALITATIVA

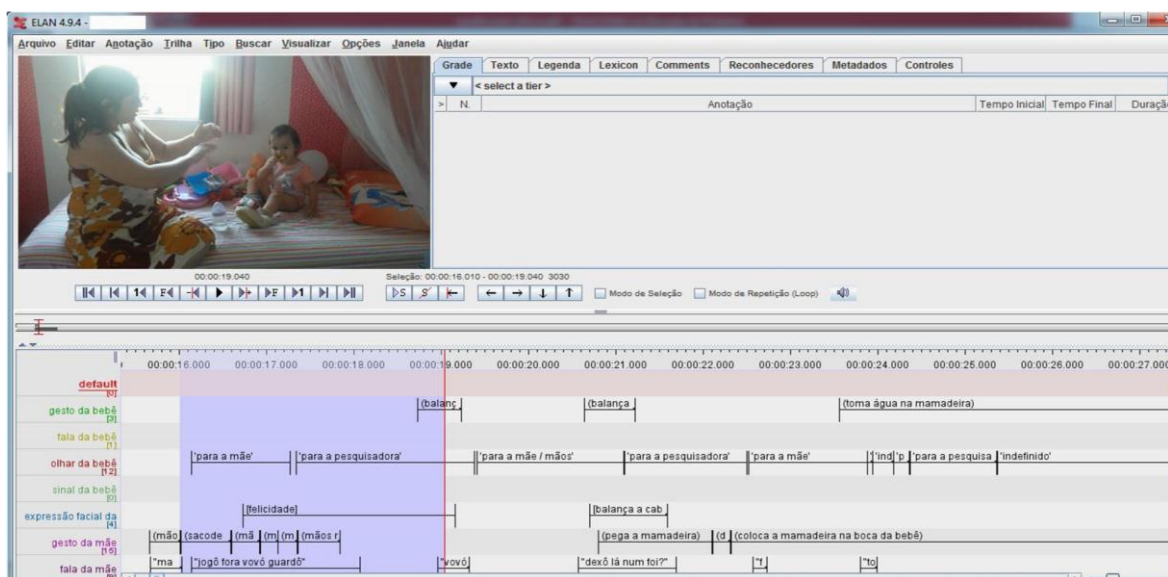
Por termos, neste momento, o interesse de analisar a Atenção Conjunta, nos detivemos a ressaltar a direção do olhar da mãe e da bebê e o gesto da bebê presentes nas cenas filmadas, bem como os demais elementos multimodais que surgirem no extrato escolhido. As cenas são momentos de interação que acontecem durante um período da filmagem em que se inicia com a investida na interação por parte de uma das participantes da díade e finda com a resposta,

independente se esta representa ou não compreensão ou correspondência mediante a tentativa comunicacional.

Foram feitas filmagens por mais de uma vez ao mês, mas para constituir nosso corpus de forma organizada em um período, escolhemos aquelas cenas filmadas num espaço de tempo decorrentes de um mês entre uma e outra. Cada filmagem aconteceu em um dia do mês durante 6 meses. Assim decidimos para que para que se tenha um espaço de tempo razoável entre as filmagens, permitindo-nos um comparativo desse período.

Mediante as filmagens, cenas foram escolhidos, como já dito anteriormente, e a depender desta, extratos foram recortados para serem analisados com mais afinco ou para justificar algumas conclusões relativas às classificações ao tipo de AC ou recurso multimodal encontrado. Em resumo, extrato é aquele pedaço de cena, de cada mês, em que foi (foram) encontrado(s) o(s) momento(s) de AC ou de Recursos Multimodais que será (serão) analisado(s), tanto na análise qualitativa e quanto na análise quantitativa dos dados mostrando quem iniciou a interação com o primeiro olhar e qual foi o olhar mais durativo, quantos e quais os tipos de AC foram utilizados pela bebê ou pela mãe.

Ressaltamos que a AC da mãe e os Recursos Multimodais usados por esta participante não são o foco direto da nossa pesquisa, mas estes serão colocados desde que observemos sua relevância na interação e para as discussões.

Cena 1:**Contexto:** Mãe e bebê em cima da cama de solteiro**Díade bebê:** 17 meses e 10 dias

A primeira cena inicia com a mãe oralizando enquanto tenta colocar meia e pantufa nos pés da bebê e, posteriormente, produz gestos e sinais soltos.

Neste contexto de interação podemos perceber a presença ativa e relevante para nossa análise, dos seguintes recursos multimodais, por exemplo de gesto, de olhar, de sinal da Libras e da fala, que como já explicamos anteriormente, por 'fala', estamos considerando todo e qualquer elemento vocalizado, segundo Goodfeld (2002, p. 25).

Todos estes elementos produzidos pela díade durante a comunicação podem carregar significados relevantes para nossa análise, já que além de nos dedicarmos a observar a presença da AC na relação comunicativa, ansiamos analisar se os recursos multimodais possibilitam a interação e a compreensão desta.

Para tanto, iremos dividir esta cena em dois extratos para serem melhor analisados e para maior entendimento do objetivo de análise. Num primeiro momento (extrato 1) temos que a criança tira a meia que a mãe acabara de calçar nela, então a mãe coloca a segunda meia e em seguida uma pantufa enquanto

oraliza com a criança sem conseguir ganhar a atenção desta, que no momento tem sua atenção voltada, ora para a meia, ora para os brinquedos, nos direcionando a alguns elementos de referência. Num segundo momento (extrato 2) temos a criança voltando sua atenção para a mãe e os elementos constituintes desse extrato nos indicando a alguns pontos relevantes para nossa análise, diante de nossos objetivos de pesquisa.

Cena 1 / Extrato 1

Observemos as trilhas a seguir com relação à atividade da mãe na cena e o que esta pode nos revelar, bem como o retorno ou não da bebê mediante aos recursos multimodais utilizados em busca da interação.

Importa-nos neste momento, apresentarmos a trilha de gesto completa produzido pela mãe, pois é este quadro que irá orientar algumas discussões sobre os extratos 1 (destaque marrom) e 2 (destaque amarelo) deste primeiro momento, se acompanharmos o quadro a seguir.

Quadro 9 – Trilha gesto da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ gesto da mãe							
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	(calça a meia no pé direito da bebê)			00:00:00.010	00:00:04.270	00:00:04.260
	2	(pega a pantufa e calca no pé esquerdo da bebê)			00:00:04.280	00:00:15.480	00:00:11.200
	3	(sacode mão esquerda para o lado direito) EMBLEMA			00:00:15.775	00:00:16.785	00:00:01.010
	4	(mãos se encontram e se fecham) GESTICULAÇÃO			00:00:16.937	00:00:17.727	00:00:00.790
	5	(mão esquerda sobre a direita que se movimenta para frente e para trás) SINAL			00:00:17.857	00:00:20.417	00:00:02.560
	6	(pega a mamadeira) EMBLEMA			00:00:20.800	00:00:22.100	00:00:01.300
	7	(destampa a mamadeira)			00:00:22.110	00:00:22.310	00:00:00.200
	8	(coloca a mamadeira na boca da bebê)			00:00:22.320	00:00:28.510	00:00:06.190
	9	(tira a mamadeira da boca da bebê)			00:00:28.520	00:00:29.320	00:00:00.800
	10	(tampa a mamadeira)			00:00:29.330	00:00:30.610	00:00:01.280
	11	(bate no olho repetidamente) PANTOMIMA			00:00:31.080	00:00:31.490	00:00:00.410
	12	(aponta para a pesquisadora) APONTAR			00:00:31.500	00:00:31.960	00:00:00.460
	13	(toca o olho) PANTOMIMA			00:00:31.975	00:00:32.545	00:00:00.570
	14	(suspende as alças do vestido) GESTICULAÇÃO			00:00:33.430	00:00:34.140	00:00:00.710

A trilha do olhar da mãe (quadro 10), foi dividida em dois momentos. Os tais ocorrem dentro do tempo do primeiro extrato - a trilha do olhar da mãe, ou seja, a mãe tem o olhar ativo enquanto calça a meia e a pantufa na bebê: a mãe olha para o pé direito da bebê e para a bebê enquanto manipula a meia, calçando-a na bebê (de 00 a 04 segundos), em destaque laranja; e divide seu olhar mais uma vez entre a bebê e a pantufa quando a mesma pega o objeto e o calça na bebê (dos 04 aos 15 segundos), destacado em vermelho.

Quadro 10 – Trilha olhar da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ olhar da mãe							
> N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração			
1	'para o pé direito da bebê'	00:00:00.000	00:00:02.350	00:00:02.350			
2	'para a bebê'	00:00:02.350	00:00:02.760	00:00:00.410			
3	'para o pé direito da bebê'	00:00:02.770	00:00:03.710	00:00:00.940			
4	'para a bebê'	00:00:03.720	00:00:04.270	00:00:00.550			
5	'para a pantufa'	00:00:04.280	00:00:04.950	00:00:00.670			
6	'para a bebê'	00:00:04.950	00:00:05.360	00:00:00.410			
7	'para a pantufa'	00:00:05.370	00:00:09.430	00:00:04.060			
8	'para a bebê'	00:00:09.440	00:00:10.190	00:00:00.750			
9	'para a pantufa'	00:00:10.200	00:00:14.950	00:00:04.750			
10	sem identificação por conta da clareza	00:00:14.960	00:00:15.970	00:00:01.010			
11	'para a bebê'	00:00:15.970	00:00:17.120	00:00:01.150			
12	'para as próprias mãos'	00:00:17.130	00:00:17.380	00:00:00.250			
13	'para a bebê'	00:00:17.390	00:00:18.080	00:00:00.690			

Agora observemos a fala da mãe e da criança nesses mesmos momentos, no quadros 11 e 12 que seguem:

Quadro 11 – Trilha fala da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ fala da mãe							
> N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração			
1	"calce que voce tá com febre e o chão tá frio"	00:00:00.590	00:00:03.370	00:00:02.780			
2	"bote isso pá suar aqui"	00:00:06.100	00:00:07.320	00:00:01.220			
3	"Bote o cachorro! Essa pantufa foi de Lalá"	00:00:08.435	00:00:11.095	00:00:02.660			
4	"guardada há cem anos, que vovó guardou"	00:00:12.330	00:00:14.890	00:00:02.560			
5	"Num foi?!"	00:00:14.905	00:00:15.335	00:00:00.430			
6	"mamãe"	00:00:15.670	00:00:16.030	00:00:00.360			
7	"jogô fora vovô guardô"	00:00:16.140	00:00:18.070	00:00:01.930			
8	"vovô ô"	00:00:18.965	00:00:19.325	00:00:00.360			
9	"dexô lá num foi?"	00:00:20.570	00:00:21.690	00:00:01.120			
10	"foi"	00:00:22.575	00:00:22.735	00:00:00.160			
11	"toma água"	00:00:23.800	00:00:23.990	00:00:00.190			
12	"tia tá olhando é?"	00:00:30.410	00:00:31.180	00:00:00.770			
13	"tia tá olhando"	00:00:31.510	00:00:32.180	00:00:00.670			

Quadro 12 – Trilha fala da bebê

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	fala da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	"heuumm"				00:00:02.280	00:00:02.850	00:00:00.57
2	"mmemmm"				00:00:03.830	00:00:04.720	00:00:00.89
3	"mmmah"				00:00:06.810	00:00:08.170	00:00:01.36
4	"haa"				00:00:09.655	00:00:10.585	00:00:00.93
5	"aa"				00:00:11.545	00:00:12.115	00:00:00.57
6	"aaum"				00:00:12.885	00:00:14.115	00:00:01.23
7	"aah"				00:00:14.945	00:00:15.265	00:00:00.32

Notemos que no primeiro extrato, com 15 segundos de duração, a mãe fala por 5 vezes, somando cerca de 10 segundos de vocalização, enquanto que a criança, embora já com seus 17 meses e 10 dias, apenas balbucia produzindo 7 momentos de balbucio que somados são cerca de 8 segundos de fala da bebê, como podemos conferir no quadro 11 e 12.

Este evento nos remonta ao que Santana (2007) e Oller (2012) afirmam: a criança surda tem seu desenvolvimento linguístico semelhante a uma criança ouvinte, porém que na fase do balbucio, este balbucio que segundo os estudos de Oller, em crianças surdas filhas de pais surdos, pode se estender até pouco mais de 12 meses de idade.

Assim como os estudos de Oller com bebês surdos filhos de pais surdos, nossa pesquisa com a bebê participante mostra que ainda produz balbucios, depois dos 12 meses de idade.

E, ainda segundo Santana (2007), numa certa idade, não especificada por ele, o balbucio será produzido na modalidade de língua propício a criança; sendo ela surda o balbucio será por gesticulação e sendo a criança ouvinte, por vocalização.

Embora a mãe vocalize para a bebê, não consegue qualquer resposta gestual, como podemos ver no quadro 13:

Quadro 13 – Trilha gesto da bebê

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
gesto da bebê							
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final
	1	(com a mão direita, retira a meia do pé esquerdo)				00:00:00.010	00:00:02.400
	2	(com a mão direita leva a meia até a mão esquerda)				00:00:02.410	00:00:03.180
	3	(solta a meia dentro de um baldinho) EMBLEMA				00:00:03.180	00:00:04.980
	4	(leva uma colher de brinquedo a boca, abre e fecha a boca, mexendo com o objeto dentro) PANTOMIMA				00:00:07.170	00:00:18.720
	5	(com a colher na boca, balança a cabeça) em sinal de afirmação EMBLEMA				00:00:18.730	00:00:19.230
	6	(colher na boca)				00:00:19.245	00:00:20.645
	7	(balança a cabeça) em sinal de afirmação EMBLEMA				00:00:20.645	00:00:21.225
	8	(movimenta a colher dentro da boca até retirar) PANTOMIMA				00:00:21.230	00:00:23.520
	9	(toma água na mamadeira)				00:00:23.560	00:00:28.580

Comparando os quadros 11, 12 e 13 podemos ver mais detalhadamente que a mãe não consegue a atenção da bebê neste momento, como nos auxilia o quadro 14:

Quadro 14 – Mescla gesto e fala da mãe e olhar e gesto da bebê

BT: 00:00:00.000, ET: 00:00:32.545 'para baixo, em direção ao pé esquerdo' (com a mão direita, retira a meia do pé esquerdo) EMBLEMA (calça a meia no pé direito da bebê) 'calce que voce tá com febre e o chão tá frio' para o pé esquerdo' Atenção de Acompanhamento (com a mão direita leva a meia até a mão esquerda) 'para o pé direito' Atenção de Acompanhamento 'para um baldinho do lado direito' Atenção de Verificação (solta a meia dentro de um baldinho) EMBLEMA (pega a pantufa e calça no pé esquerdo da bebê) 'para a pantufa' Atenção de Acompanhamento 'bote isso pá suar aqui' (leva uma colher de brinquedo a boca, abre e fecha a boca, mexendo com o objeto dentro) PANTOMIMA 'para baixo' não identificado 'Bote o cachorro! Essa pantufa foi de Laiá' para a pantufa' Atenção de acompanhamento 'para o lado direito onde tem vários brinquedos amontoados' Atenção de Verificação "guardada há cem anos, que vovó guardou" "Num foi?" "mamãe" (sacode mão esquerda para o lado direito) EMBLEMA "jogô fora vovó guardô" para a mãe' Atenção de Acompanhamento (mãos se encontram e se fecham) GESTICULAÇÃO 'para a pesquisadora' Atenção de Verificação (mão esquerda sobre a direita que se movimenta para frente e para trás) SINAL (com a colher na boca, balança a cabeça) em sinal de afirmação EMBLEMA "vovó ô" (colher na boca) 'para a mãe / mãos' Atenção de Acompanhamento "dexô lá num foi?" (balança a cabeça) em sinal de afirmação EMBLEMA (pega a mamadeira) EMBLEMA 'para a pesquisadora' Atenção de Verificação (movimenta a colher dentro da boca até retirar) PANTOMIMA (destampa a mamadeira) (coloca a mamadeira na boca da bebê) 'para a mãe' Atenção de Acompanhamento "foi" (toma água na mamadeira) "toma água" para a mamadeira' Atenção de Acompanhamento 'para a mãe' Atenção de Acompanhamento 'para a pesquisadora' Atenção de Verificação 'indefinido' para a pesquisadora' Atenção de Verificação (tira a mamadeira da boca da bebê) 'para a mãe' Atenção de Acompanhamento (tampa a mamadeira) 'tia tá olhando é?' (bate no olho repetidamente) PANTOMIMA (aponta para a pesquisadora) APONTAR 'tia tá olhando' (toca o olho) PANTOMIMA
--

Como podemos ver no quadro 15, enquanto a mãe fala “Calce que você tá com febre e o chão tá frio”, calça a meia no pé direito da bebê e esta olha para os pés e retira a outra meia do pé esquerdo, ou seja ela está envolvida em uma atenção diádica; ao falar as demais frases, a mãe calça a pantufa na bebê e esta olha para um baldinho, para a pantufa por duas vezes, e para o amontoado de brinquedos, manipulando uma meia e uma colher na boca, sem olhar para a mãe durante toda a ação, mantendo-se em atenção diádica.

Quadro 15 – Trilha olhar da bebê

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	olhar da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	
	1	'para baixo, em direção ao pé esquerdo'			00:00:00.000	00:00:02.010	
▶	2	'para o pé esquerdo' Atenção de Acompanhamento			00:00:02.010	00:00:02.510	
	3	'para o pé direito' Atenção de Acompanhamento			00:00:02.520	00:00:02.940	
	4	'para um baldinho do lado direito' Atenção de Verificação			00:00:02.940	00:00:05.770	
	5	'para a pantufa' Atenção de Acompanhamento			00:00:05.790	00:00:07.750	
	6	'para baixo' não identificado			00:00:07.760	00:00:08.760	
	7	'para a pantufa' Atenção de acompanhamento			00:00:08.770	00:00:09.110	
	8	'para o lado direito onde tem vários brinquedos amontoados' Atenção de V...			00:00:09.110	00:00:16.130	
	9	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:16.140	00:00:17.270	
	10	'para a pesquisadora' Atenção de Verificação			00:00:17.340	00:00:19.380	
	11	'para a mãe / mãos' Atenção de Acompanhamento			00:00:19.410	00:00:21.090	
	12	'para a pesquisadora' Atenção de Verificação			00:00:21.100	00:00:22.500	
	13	'para a mãe' Atenção de Acomapnhamento			00:00:22.520	00:00:23.880	
	14	'para a mamadeira' Atenção de Acompanhamento			00:00:23.897	00:00:24.177	
	15	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:24.185	00:00:24.365	
	16	'para a pesquisadora' Atenção de Verificação			00:00:24.370	00:00:25.360	
	17	'indefinido'			00:00:25.370	00:00:27.850	
	18	'para a pesquisadora' Atenção de Veerificação			00:00:27.865	00:00:29.175	
	19	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:29.185	00:00:32.375	

Num segundo momento desta cena temos a mãe lançando mão de gestos e sinais da Libras, como vemos no extrato 2, para nossa análise nos reportaremos aos quadros 10 e 18:

Cena 1 / Extrato 2

Em revisitando o quadro 09, a partir do traçado amarelo, temos a mãe iniciando uma sequência de gestos, as quais consideraremos a seguir: primeiramente ela faz uma gesto jogando a mão esquerda para o lado direito, o que nos remete a pantomima de jogar algo fora; em seguida ambas as mãos se encontram, que também retrata um pantomima de pegar.

Tomamos essa compreensão pois os gestos vem acompanhada da fala da mãe: “*mamãe*” (15 a 16 segundos) / “*Jogô fora, vovô guardô*”(16 a 18 segundos), sendo a gesticulação em “*jogo fora vovó*” e “*guardou*” nos tempos 16 a 17 segundos e no segundo 17, respectivamente. Vejamos esta análise de forma mais clara no quadro 16:

Quadro 16 - Mescla fala e gesto da mãe

Tempo inicial – tempo final do gesto	Trilha mescla gesto e fala da mãe
15 a 16 segundos	(sacode mão esquerda) “mamãe”, “jogô fora, vovó”
16 a 17 segundos	(mãos se encontram rapidamente) “guardô”

Fonte: A autora

Após a sequência de gestos pantomímicos, compreendidos por nós como uma tentativa de se comunicar com a bebê através de uma LS, mesmo que no momento não tenha usado um sinal da Libras, o gesto seguinte GUARDAR configura um Sinal, mesmo que com o uso da configuração da mão¹³ e movimento¹⁴ do sinal sendo feito da forma ainda inadequadas.

¹³ Configuração de mãos: formato que a mão adquire ao produzir um sinal (PEREIRA *et al*, p. 61).

¹⁴ Movimento: são movimentos internos da mão, do pulso e movimentos direcionais no espaço até o conjunto de movimento no mesmo sinal (Klima e Bellugi, 1979).

Quadro 17 – Trilha sinal de Libras da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles	
▼	sinal da mãe							
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
▶	1	{guardar, guardar, guardar}				00:00:18.610	00:00:20.230	00:00:01.62

O que vemos de interessante para ressaltar neste recorte 2 (extrato 2) é que, ao utilizar a sinalização, a mãe consegue chamar a atenção da filha para si, o que não conseguiu nos primeiros segundos, como já vimos no extrato 1.

Tal atitude da mãe em lançar mão de gestos em direção a bebê surda, remete-nos a ideia trazida por Pereira (*et al*, 2011) de que pais ouvintes de filhos surdos costumam usar gestos pantomímicos na interação quando não compartilham a mesa língua.

Retomemos ao quadro 09 e ao quadro 15 nos quais temos que a bebê olha para a mãe (dos 16 aos 17 segundos), quando a mãe está produzindo a pantomima “jogar fora” (15 a 17 segundos) até aproximadamente o final da segunda sinalização “guardô” (dos 17 aos 17segundos), passando a acontecer uma atenção triádica. Vejamos com mais detalhes através da tabela 17:

Quadro 18 – Mescla gesto da mãe e olhar da bebê

Trilha Gesto da Mãe	Trilha Olhar da Bebê	Trilha Gestos da Bebê
15 a 16 segundos - (sacode mão esquerda).	09 a 16 segundos – para os brinquedos amontoados.	07 a 18 segundos – leva uma colher a boca e a manipula.
16 a 17 segundos - (mãos se encontram rapidamente).	16 a 17 segundos – para a mãe.	
17 a 20 segundos – (Mão esquerda sobre a direita, se movimenta para frente e para trás.	17 a 19 – para a pesquisadora.	18 a 19 segundos - balança a cabeça em afirmação.

Fonte: A autora

O quadro acima delinea o olhar que a criança faz para a mãe durante a produção de um gesto por ela, tal cena temos uma ACA.

O interessante também é que depois de olhar para a mãe, a bebê olha na direção da pesquisadora, talvez por esta ser sua referência, mesmo que inconsciente de LS fluente. Para esta cena temos uma ACV. Reveja a descrição da direção do olhar da bebê no quadro 15.

Ao final da cena, a bebê gesticula positivamente balançando a cabeça para cima e para baixo (20 a 21 segundos), como vemos na trilha referente ao gesto da bebê produzindo um gesto pantomímico (quadro 13) e não apenas isto, podemos inferir que ela está sinalizando que compreendeu a mãe ou que concorda com ela ou ainda chamando a atenção da pesquisadora para a sinalização da mãe.

Como não temos indícios suficientes, não podemos afirmar a terceira hipótese o que nos referenciaria a AC Direta, então consideraremos a AC de Verificação pra fins de quantificação.

Ao destacarmos as trilhas, podemos inferir que, de todos os elementos que a mãe lançou mão em suas tentativas de comunicação com a bebê nesta cena, o recurso multimodal que apresentou maior resultado em termos de ganho da atenção foi o gesto Sinal caracterizado pelo *Continuum* de Kendon (MCNEILL, 2000, p. 1), quando ela usou o sinal de Libras “guardar” (quadro 17), como vemos na figura 5:

Figura 5: Produção do sinal GUARDAR e olhar da bebê para o sinal

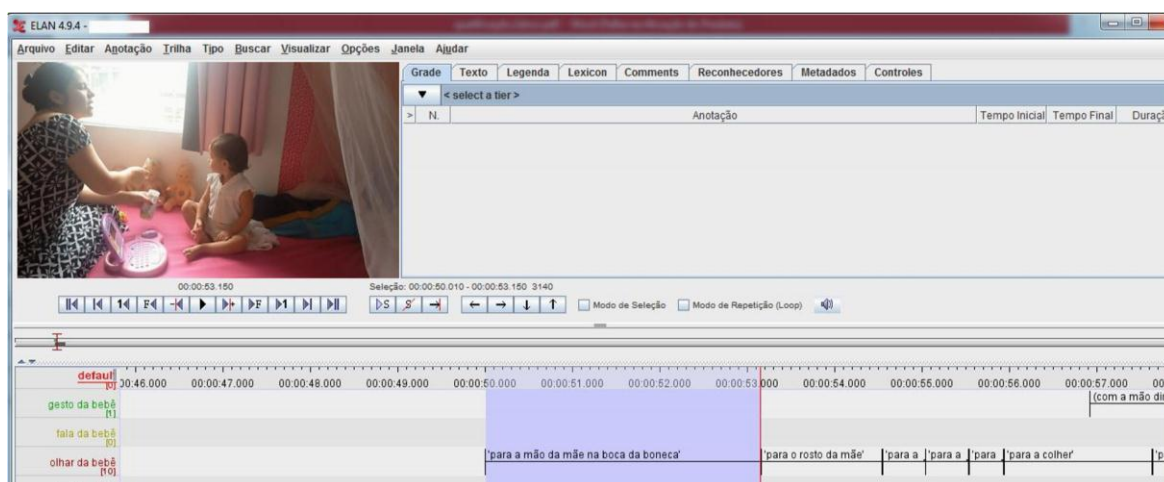


Nesta primeira cena, recortamos várias cenas ACV (tabela 1 na análise quantitativa) que se constroem enquanto a criança olha para os objetos, ou para a pesquisadora e momentos de ACA quando observa e acompanha a mãe em alguma atividade e nenhuma ACD.

Cena 2:

Contexto: Mãe e bebê em cima da cama de solteiro

Díade bebê: 18 meses e 19 dias



Na segunda cena que compõe nossa análise, a mãe e a bebê sentadas na cama brincavam com algumas bonecas emparelhadas, no canto da cama e encostadas na parede.

Na brincadeira, simulando alimentar as bonecas e dar alimento à bebê, a mãe não faz qualquer produção de fala vocalizada, apenas de barulhos simulando o som que sai da boca no momento de alimentação ao levar a colher em direção à boca das bonecas e ao fazer o sinal de comer, por exemplo, a bebê observa e reproduz o gesto pantomímico de dar alimento, ora à mãe, ora às bonecas.

Dividimos esta cena em 3 (três) extratos, o primeiro extrato compõem as tentativas interacionais da mãe; o segundo extrato, os gestos que a bebê desenvolve em resposta às tentativas anteriores da mãe; e, o terceiro extrato corresponde ainda ao resultado dos apelos comunicacionais da mãe no extrato,

dessa vez iniciado pela bebê que agora interpela a mãe. Vejamos o primeiro extrato da cena 2:

Cena 2 / Extrato 1:

Esta cena tem início com a bebê sentada na cama e a mãe chegando, sentando na cama segurando duas colheres e um potinho, ela simula dar alimento a uma das bonecas e finaliza estendendo a mão com uma colher, oferecendo-a à bebê.

A mãe, desta forma, inicia e finaliza sua participação neste extrato de cena, e a bebê, que de início está parada apenas observando a mãe e seus gestos pantomímicos, recebe a colher e volta ao repouso, como podemos conferir nos quadros 19, 20 e 21:

Quadro 19 - Trilha gesto da bebê (extrato 1)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da bebê						
>	N	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	
	1	(mão esquerda descansa na perna esquerda e mão direita segura dedos do pé direito)			00:00:50.000	00:00:56.920	
	2	(com a mão direita recebe a colher da mãe) EMBLEMA			00:00:56.930	00:00:57.690	
	3	(a mão direita que segura a colher descansa sobre a perna direita)			00:00:57.690	00:01:04.550	
	4	(leva e mexe a colher dentro do pote, como se tivesse algo dentro) PANTOMIMA			00:01:04.560	00:01:07.110	
	5	(retira a colher do pote)			00:01:07.125	00:01:07.545	
	6	(leva a colher a boca da boneca) PANTOMIMA			00:01:07.555	00:01:10.735	
	7	(afasta a colher da boca da boneca e descansa na perna)			00:01:10.740	00:01:13.040	
	8	(com ambas as mãos pega o pote e o ergue, o retorna ao colchão e solta) EMBLEMA			00:01:13.050	00:01:19.770	
	9	(com a mão direita segura a colher e coloca dentro do pote a mexendo dentro) PANTOMIMA			00:01:19.780	00:01:21.550	
	10	(leva a mão esquerda a segurar o pote e erguê-lo) PANTOMIMA			00:01:21.565	00:01:22.945	
	11	(leva o pote para próximo do rosto) EMBLEMA			00:01:22.955	00:01:24.455	
	12	(com a mão direita mexe a colher dentro do pote) PANTOMIMA			00:01:24.465	00:01:27.605	
	13	(coloca a colher na boca da mãe) simula que está dando comida a ela PANTOMIMA			00:01:27.605	00:01:31.135	
	14	(solta a colher)			00:01:31.140	00:01:32.360	

Quadro 20 – Trilha gesto da mãe (extrato 1)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da mãe						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	...
	1	(mão esquerda segura um pote, mão direita segura duas colheres, um...			00:00:50.070	00:00:54.340	...
	2	(simula que vai colocar a colher no pote e a oferece timidamente a be...			00:00:54.350	00:00:54.880	...
	3	(a mão esquerda pega uma colher)			00:00:54.890	00:00:55.730	...
▶	4	(segura a segunda colher na bebê, a oferecenado)EMBLEMA			00:00:55.745	00:00:57.045	...
	5	(entrega a colher a bebê)			00:00:57.050	00:00:57.760	...
	6	(pega a outra colher)			00:00:57.760	00:00:58.330	...
	7	(coloca a colher dentro do pote, em seguida leva a boca da boneca) P...			00:00:58.340	00:01:02.150	...
	8	(mãos vão a repouso)			00:01:02.160	00:01:09.660	...

Quadro 21 – Trilha olhar da bebê (extrato 1)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	olhar da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	...
▶	1	'para a mão da mãe na boca da boneca' Atensão de Acompanhamento			00:00:50.000	00:00:53.160	...
	2	'para o rosto da mãe' Atensão de Acompanhamento			00:00:53.160	00:00:54.540	...
	3	'para a boneca' Atensão de Acompanhamento			00:00:54.555	00:00:55.045	...
	4	'para a colher' Atensão de Acompanhamento			00:00:55.045	00:00:55.535	...
	5	'para o rosto da mãe' Atensão de Acompanhamento			00:00:55.545	00:00:55.935	...
	6	'para a colher' Atensão de Acompanhamento			00:00:55.945	00:00:57.635	...
	7	'para o pote' Atensão de Acompanhamento			00:00:57.645	00:00:59.315	...
	8	'para a boneca' Atensão de Acompanhamento			00:00:59.325	00:01:00.745	...
	9	'para o rosto da mãe' Atensão de Acompanhamento			00:01:00.750	00:01:02.180	...
	10	'para a pesquisadora' Atensão de Verificação			00:01:02.190	00:01:02.870	...
	11	'para a mãe' Atensão de Verificação			00:01:02.880	00:01:03.820	...
	12	'para a pesquisadora' Atensão de Verificação			00:01:03.830	00:01:04.300	...
	13	'para o pote' Atensão de Acompanhamento			00:01:04.315	00:01:07.395	...
	14	'não identificado' corpo em direção a boneca			00:01:07.405	00:01:08.945	...
	15	'para o pote a pesquisadora virando'			00:01:08.955	00:01:09.995	...

Neste extrato damos destaque a ACA que perdura na grande maioria do extrato, como por exemplo, quando a mãe está a simular alimentar a boneca (50 a 54 segundos) e a bebê a observa, olha em direção a mão da mãe 'alimentando' a boneca (50 a 53 segundos), em seguida olha para o rosto da mãe (53 a 54 segundos); até o momento a bebê permanece observando sem esboçar qualquer gesto, até que a mãe a oferece uma colher e a bebê a recebe produzindo um gesto emblemático.

Cena 2 / Extrato 2:

O extrato 2 da cena 2, consta de gestos que podemos entender como um retorno aos primeiros gestos da mãe, e estas respostas vieram em gestos pantomímicos em sua maioria, mostra o quadro 22.

Quadro 22 – Trilha gesto da bebê (extrato 2)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	...
	1	(mão esquerda descansa na perna esquerda e mão direita segura dedos do pé dir...			00:00:50.000	00:00:56.920	...
	2	(com a mão direita recebe a colher da mãe) EMBLEMA			00:00:56.930	00:00:57.690	...
	3	(a mão direita que segura a colher descansa sobre a perna direita)			00:00:57.690	00:01:04.550	...
▶	4	(leva e mexe a colher dentro do pote, como se tivesse algo dentro) PANTOMIMA			00:01:04.560	00:01:07.110	...
	5	(retira a colher do pote)			00:01:07.125	00:01:07.545	...
	6	(leva a colher a boca da boneca) PANTOMIMA			00:01:07.555	00:01:10.735	...
	7	(afasta a colher da boca da bebê e descansa na perna)			00:01:10.740	00:01:13.040	...
	8	(com ambas as mãos pega o pote e o ergue, o retorna ao colchão e solta)			00:01:13.050	00:01:19.770	...
	9	(com a mão direita segura a colher e coloca dentro do pote a mexendo dentro) PA...			00:01:19.780	00:01:21.550	...
	10	(leva a mão esquerda a segurar o pote e erguê-lo) PANTOMIMA			00:01:21.565	00:01:22.945	...
	11	(leva o pote para perto do rosto)			00:01:22.955	00:01:24.455	...
	12	(com a mão direita mexe a colher dentro do pote) PANTOMIMA			00:01:24.465	00:01:27.605	...
	13	(coloca a colher na boca da mãe) simula que está dando comida a ela PANTOMIMA			00:01:27.605	00:01:31.135	...
	14	(solta a colher)			00:01:31.140	00:01:32.360	...
	15	(abre e fecha a boca simulando que está recebendo comida) PANTOMIMA			00:01:32.370	00:01:33.740	...
	16	(abre e fecha a boca simulando que está recebendo comida) PANTOMIMA			00:01:34.735	00:01:38.375	...
	17	(com o dedo direito aponta para uma boneca) EMBLEMA			00:01:38.385	00:01:39.465	...

Como vimos no extrato 1 a mãe simula retirar algo de dentro de um pote com uma colher e alimentar as bonecas, em seguida, dá uma colher à bebê que não hesita em receber o objeto e imitar as ações da mãe, como podemos ver no exemplo, da linha quatro da trilha gesto da bebê (quadro 22), em que a bebê leva a colher ao interior do pote e a mexe, como que misturando algo (1 minuto 04 segundos a 1 minuto 07 segundos).

O que podemos inferir até aqui, retomando a análise da primeira cena em comparação com esta segunda, é que a partir do momento em que a mãe adotou algum tipo de gesto, a bebê corresponde com um tipo de gesto, na primeira cena, balançando a cabeça em sinal de afirmação; na segunda cena, até o extrato 2, a bebê repete os gestos pantomímicos da mãe, o mesmo acontece no extrato 3 de

nossa análise, agora com a criança repetindo este gesto com a mãe, e não com as bonecas, como vimos no extrato 2, vejamos:

Cena 2 / Extrato 3:

Neste extrato temos a bebê iniciando um novo momento da cena voltando sua atenção para a mãe e produzindo gestos em direção a ela, remontando cenas de Atenção Direta, como podemos perceber nos quadros 23 e 24:

Quadro 23 – Trilha gesto da bebê (extrato 3)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da bebê						
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final
	5	(retira a colher do pote)				00:01:07.125	00:01:07.545
	6	(leva a colher a boca da boneca) PANTOMIMA				00:01:07.555	00:01:10.735
	7	(afasta a colher da boca da bebê e descansa na perna)				00:01:10.740	00:01:13.040
	8	(com ambas as mãos pega o pote e o ergue, o retorna ao colchão e solta)				00:01:13.050	00:01:19.770
	9	(com a mão direita segura a colher e coloca dentro do pote a mexendo dentro) PA...				00:01:19.780	00:01:21.550
	10	(leva a mão esquerda a segurar o pote e erguê-lo) PANTOMIMA				00:01:21.565	00:01:22.945
	11	(leva o pote para perto do rosto)				00:01:22.955	00:01:24.455
	12	(com a mão direita mexe a colher dentro do pote) PANTOMIMA				00:01:24.465	00:01:27.605
▶	13	(coloca a colher na boca da mãe) simula que está dando comida a ela PANTOMIMA				00:01:27.605	00:01:31.135
	14	(solta a colher)				00:01:31.140	00:01:32.360
	15	(abre e fecha a boca simulando que está recebendo comida) PANTOMIMA				00:01:32.370	00:01:33.740
	16	(abre e fecha a boca simulando que está recebendo comida) PANTOMIMA				00:01:34.735	00:01:38.375
	17	(com o dedo direito aponta para uma boneca) EMBLEMA				00:01:38.395	00:01:39.465
	18	(com o dedo direito aponta para outra boneca) EMBLEMA				00:01:39.470	00:01:42.040
	19	(pega a boneca pela cabeça a inclina e depois a senta novamente a solta)				00:01:43.735	00:01:53.135
	20	(aponta para a outra boneca) EMBLEMA				00:01:53.140	00:01:55.220
	21	(segura o pote com ambas as mãos)				00:01:55.230	00:01:58.030

Quadro 24 – Trilha olhar da bebê (extrato 3)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	olhar da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	...
	21	'para o pote'			00:01:19.040	00:01:27.590	...
	22	'para a mãe' Atenção Direta			00:01:27.605	00:01:30.385	...
	23	'olhar de canto de olho, direção não identificada'			00:01:30.475	00:01:31.495	...
	24	'para cima, em direção da mãe, como que ia olhar para a mãe' Ate...			00:01:31.505	00:01:31.845	...
	25	'para o pote' Atenção de Acompanhamento			00:01:31.855	00:01:32.425	...
	26	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:01:32.430	00:01:34.650	...
	27	'para a colher' Atenção de Verificação			00:01:34.650	00:01:36.630	...
	28	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:01:36.640	00:01:38.470	...
	29	'para uma boneca' Atenção Direta			00:01:38.485	00:01:39.435	...
	30	'para a outra boneca' Atenção Direta			00:01:39.440	00:01:40.170	...
	31	'para uma terceira boneca' Atenção Direta			00:01:40.185	00:01:42.255	...
	32	'para a primeira boneca novamente' Atenção de Acompanhamento			00:01:42.270	00:01:42.910	...
	33	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:01:42.920	00:01:43.780	...
	34	'para a boneca' Atenção Direta			00:01:43.780	00:01:48.470	...
	35	'para a mãe' Atenção Direta			00:01:48.485	00:01:52.805	...
	36	'para a boneca' Atenção Direta			00:01:52.815	00:01:53.335	...
	37	'para a outra boneca' Atenção Direta			00:01:53.345	00:01:54.230	...
	38	'para a mãe' Atenção Direta			00:01:54.230	00:01:56.470	...
	39	'para o pote' Atenção de Verificação			00:01:56.480	00:01:57.440	...
	40	'para dentro do pote' Atenção de Verificação			00:01:57.450	00:01:58.650	...

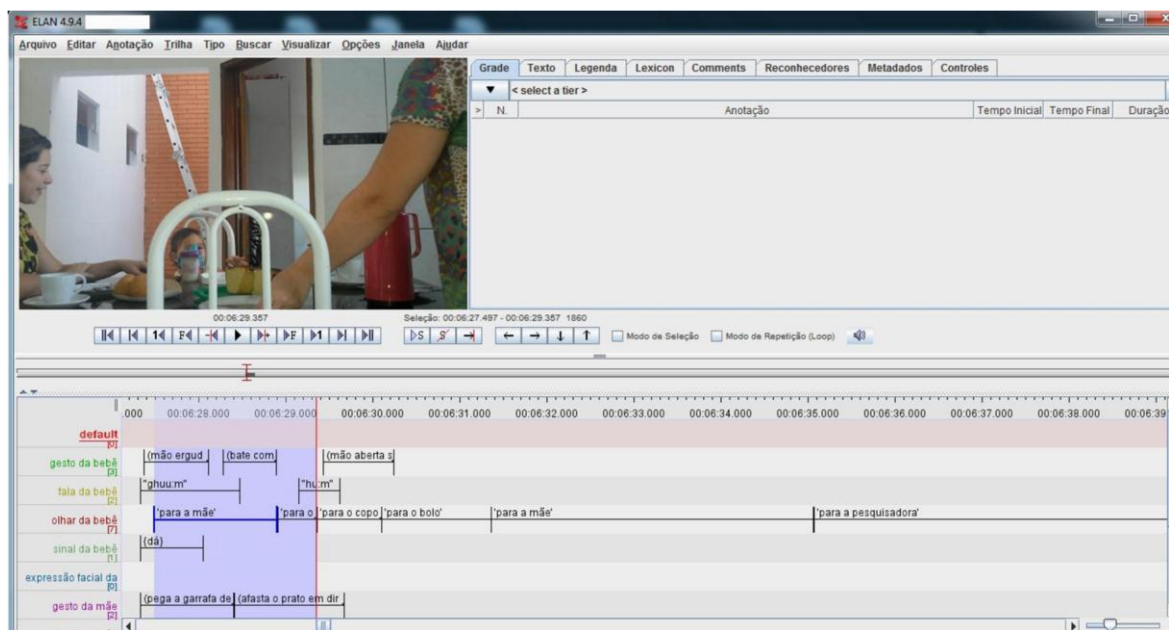
Neste extrato de cena, como dito anteriormente, apresenta uma maior incidência de Atenção Direta por parte da bebê como podemos citar o exemplo do primeiro caso de Atenção Direta detectado na cena, em que a criança leva a colher a boca da mãe (1 minuto 27 segundos a 1 minutos 30 segundos) enquanto olha para esta interactante (1 minuto 27 segundos a 1 minutos 30 segundos).

Estes retornos traduzidos em Atenção Direta nos mostram ainda que, assim como hipotetizamos, os elementos multimodais, tais como os gestos, principalmente estes encontrados nesta díade, que sejam emblemáticos e pantomímicos, podem ser uma ferramenta relevante para a interação de pessoas com as mesmas características de nossa díade.

Cena 3:

Contexto: Pesquisadora, mãe e bebê ao redor da mesa da cozinha

Díade bebê: 19 meses e 19 dias



O terceiro extrato consta do momento de Atenção Conjunta e recursos multimodais identificados no contexto interacional que ocorre na cozinha da casa da família, a câmera fica posicionada de frente para a bebê, a pesquisadora não a segura e está sentada a mesa com a bebê e a mãe em pé, pondo a mesa. A pesquisadora só observa, enquanto a bebê procura objetos para mexer e a mãe, enquanto colocando a mesa, desvia os produtos do alcance da bebê, após por a mesa finaliza a cena com uma oração antes de se alimentar.

Nesta cena, diferentemente das anteriores que constam de uma Atenção diádica ou triádica por acontecer entre a criança e um objeto ou entre a criança e a mãe (diádica), ou ainda entre a criança a mãe e um objeto concomitantemente (triádica) (TOMASELLO, 2003, p. 85); temos a existência de uma Atenção quaternária (quadrática), como encontramos em pesquisa realizada por Mello (2015), por acontecer envolvendo a bebê e três interactantes ao mesmo tempo, neste caso, entre a bebê, a mãe, a irmã mais velha da bebê e a pesquisadora, veremos exemplo sobre isso mais adiante.

Seccionaremos a cena 3 em 2 extratos: o primeiro constará do momento em que a mãe põe a mesa e a bebê tenta mexer em algo; o segundo extrato abarcará o momento em que a mãe propõe uma oração antes de começarem o lanche. Vejamos as trilhas que envolvem a cena e nos trazem alguns momentos interessantes de AC e RM referente ao extrato 1, nos quadros 25, 26, 27 e 28:

Cena 3 / Extrato 1:

Quadro 25 – Trilha gesto da mãe (extrato 1)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da mãe						
v	N	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	
▶		1 (pega a garrafa de café e afasta da bebê trazendo para perto de si)			00:06:27.337	00:06:28.407	
		2 (afasta o prato em direção a um lugar na mesa)			00:06:28.417	00:06:29.677	

Interessa-nos destacar neste extrato 1 (circulado de marrom), os fenômenos interacionais nestes momentos primeiros em que a mãe, enquanto põe a mesa, desvia os objetos da atenção e do alcance da bebê (do 27 segundos até os 29 segundos de 6 minutos decorridos de cena).

Neste momento, a bebê está envolvida em uma atenção diádica com os objetos da mesa, como podemos observar a partir do quadro 26:

Quadro 26 – Trilha gesto da bebê

Comments		Reconhecedores	Metadados	Controles		
Grade		Texto	Legenda		Lexicon	
▼	gesto da bebê					
>	N	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	
▶	1	(mão erguida em direção a mãe como que a pedir) EMBLE...		00:06:27.372	00:06:28.112	
	2	(bate com a mão no prato) GESTICULAÇÃO		00:06:28.287	00:06:28.897	
	3	(mão aberta segue em direção ao copo) EMBLEMA		00:06:29.437	00:06:30.247	
	4	(com as pontas dos dedos polegar e indicador mexe no bo...		00:06:30.372	00:06:35.707	
	5	(ergue as mãos abertas) PANTOMIMA		00:06:35.707	00:06:36.633	
	6	(mexe no bolo dentro do prato dela) EMBLEMA		00:06:36.655	00:06:39.819	
	7	(ergue as mãos como em oração) PANTOMIMA		00:06:40.797	00:06:45.155	
	8	(aponta em direção ao quarto onde está a irmã) APONTAÇ...		00:06:45.178	00:06:48.222	
	9	(braços estendidos e mãos abertas erguidas) PANTOMIMA		00:06:48.230	00:06:50.946	

Quadro 27 - Trilha sinal da bebê

Comments		Reconhecedores		Metadados		Controles	
Grade		Texto		Legenda		Lexicon	
▼		sinal da bebê					
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final
▶	1	{dá}				00:06:27.334	00:06:28.054

Quadro 28 – Trilha olhar da bebê (extrato 1)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ olhar da bebê							
>	N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	...	
	1	'para a mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO		00:06:27.497	00:06:28.907	...	
	2	'para o bolo' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO		00:06:28.917	00:06:29.357	...	
	3	'para o copo de suco' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO		00:06:29.362	00:06:30.102	...	
	4	'para o bolo' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO		00:06:30.107	00:06:31.362	...	

Quadro 29 – Trilha fala da bebê

Comments		Reconhecedores		Metadados		Controles		
Grade			Texto		Legenda		Lexicon	
▼		fala da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial		Tempo Final	
	1	"ghuu:m"			00:06:27.339		00:06:28.479	
	2	"hu:m"			00:06:29.154		00:06:29.624	
	3	"eem"			00:06:46.163		00:06:47.208	
	4	"umum"			00:07:26.536		00:07:27.297	

Antes de iniciar a análise da cena, é necessário esclarecer que o olhar da mãe não pôde ser capturado, visto que esta estava de pé e um pouco distante, neste momento e que estaremos iniciando esta análise tomando como ponto de partida a Trilha gesto da mãe representado no quadro 25 (em destaque marrom) em comparação, principalmente com o gesto da bebê, Trilha gesto da bebê – quadro 26 (circulado em verde); e posteriormente estaremos dando continuidade à análise apenas pela trilha gesto da bebê – quadro 29 (em destaque amarelo), para finalizar este extrato.

No primeiro momento dessa cena, temos que a mãe afasta a garrafa de café de perto da bebê (6 minutos 27 segundos a 6 minutos 28 segundos), a bebê lançando um gesto emblemático em direção à mãe (do 6 minutos 27 segundos a 6 minutos 28 segundos), como que a pedir algo e seu olhar inicia posto sobre a mãe (6 minutos 27 segundos a 6 minutos 28 segundos), juntamente com estes elementos ela vocaliza “*ghuu:m*” (6 minutos 27 segundos a 6 minutos 28 segundos) o que nos retrata uma Atenção Conjunta Direta Imperativa (ACDI). Ainda sobre o gesto que a bebê produz neste momento (mão erguida em direção a mãe como que a pedir) vemos como a iniciação do sinal, o momento de transição que ocorre entre o gesto e o sinal, quando estes são icônicos, assim como defende McNeill (1992) que ‘a fala e o gesto de concomitantemente de forma concreta, no início, depois icônico, para se tornarem metafóricos e abstratos’, e de acordo com Fonte (*et al*, 2014), tal sinal se configura em uma holófrase e está acompanhado por um emblema.

Outro sim, Fonte (*et al*, 2014) afirma que a partir de um ano e meio de idade a criança é capaz de fazer pedidos, perguntas e produzir respostas longas de significado completo, ou seja, alternam entre holófrases com enunciados completos. Em nossa pesquisa temos que esta bebê aos 19 meses e 19 dias apenas produz um sinal que, fazendo um comparativo com uma língua oral, não passa de uma palavra ou frase simples.

Transportando este conceito para a aquisição de Libras, poderíamos dizer que esta mão estendida em pedir algo, pode nos remeter a que na aquisição da Libras, assim como na aquisição de uma Língua oral, a criança surda faz o uso de

gestos icônicos, que por hora são concretos, mas que posteriormente, tornar-se-ão abstratos e metafóricos.

No segundo seguinte, ao passo que a mãe dá continuidade à organização da mesa, após ter afastado a garrafa de café do alcance da bebê, agora ela afasta um prato até a frente de um terceiro assento, não atendendo a bebê, então esta bate com a mesma mão no prato que está a sua frente (6 minutos 28 segundos), configurando uma gesticulação e vocaliza “*hu:m*” (em 6 minutos 29 segundos) enquanto olha para o bolo (6 minutos 28 segundos a 6 minutos 29 segundos), gesto e olhar que nos remete outra vez a ACDI.

Neste primeiro extrato, a pesquisadora evita qualquer atividade para não interferir na cena o que não consegue fazer a partir do segundo extrato que segue:

Cena 3 / Extrato 2:

Neste extrato de cena temos o período que acontece a oração, quando é detectada a fala da mãe, a sinalização da pesquisadora e as respostas da bebê mediante uma gama de objetos, de informações a chamar sua atenção.

Ante a solicitação da mãe para que fizéssemos uma oração antes de lanchar, em sua insistência para que a bebê permanecesse com as mãos estendidas até o final da oração podemos observar os gestos dela (quadro 30 - extrato 2), e os gestos da bebê (quadro 32) em resposta a ela, exatamente no tempo decorrido da oração.

Quadro 30 – Trilha gesto da mãe (extrato 2)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ gesto da mãe							
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	
	1	(pega a garrafa de café e afasta da bebê trazendo para perto de si)			00:06:27.337	00:06:28.407	
	2	(afasta o prato em direção a um lunar na mesa)			00:06:28.417	00:06:29.677	
	3	(caminha em direção a criança e a toca no braço esquerdo)			00:06:31.357	00:06:32.820	
	4	(ergue as mãos em oração) PANTOMIMA			00:06:32.827	00:06:38.230	
	5	(caminha até a bebê, a segura pelos braços e a coloca de pé)			00:06:38.237	00:06:42.222	
	6	(ergue as mãos abertas, em oração)			00:06:42.401	00:06:49.018	
	7	(sobre põe uma mão semi aberta sobre a outra fechada)			00:06:49.030	00:06:50.060	
	8	(mão direita movimento curto de fora para dentro)			00:06:50.075	00:06:50.344	
	9	(arruma os cabelos da menina para trás)			00:06:50.784	00:06:52.978	
	10	(ergue as mãos abertas, em oração) PANTOMIMA			00:06:53.008	00:06:58.023	
	11	(puxa o braço da filha mais velha)			00:06:58.030	00:06:58.776	
	12	(bate uma mão contra a outra)			00:06:58.784	00:06:59.202	
	13	(mão esquerda em movimentos curtos abre e semi fecha)			00:06:59.225	00:06:59.598	
	14	(mãos se erguem em oração)			00:06:59.613	00:07:01.553	
	15	(com mão direita, catuca, toca ombro e costas da bebê)			00:07:01.576	00:07:04.785	
	16	(com a mão direita na cabeça da menina maior, a afasta da bebê)			00:07:05.023	00:07:06.934	
	17	(a mão direita pega o braço da filha mais velha a conduzindo a afastando dali)			00:07:07.523	00:07:08.866	
	18	(balança a mão para trás, indicando a menina a passar para trás dela)			00:07:09.605	00:07:09.858	
	19	(mãos abertas e erguidas, em oração)			00:07:10.209	00:07:14.985	
	20	(mão direita bate insistentemente no braço da bebê e a esquerda permanece erguida)			00:07:15.187	00:07:16.485	
	21	(segura a bebê pelo braço e a coloca de pé)			00:07:17.082	00:07:18.366	
	22	(começa a erguer as mãos)			00:07:19.836	00:07:20.060	
	23	(estende os dedos indicadores)			00:07:20.060	00:07:21.135	
	24	(esque as mãos, em oração)			00:07:21.157	00:07:28.037	
	25	(mão esquerda estendida e mão direita em direção a bebê) se bate e onde bate, não pode ser visualizado			00:07:28.052	00:07:29.097	
	26	(une as mãos abertas e balança a cabeça para baixo) PANTOMIMA AMÉM			00:07:29.656	00:07:30.477	
	27	(balança a cabeça para cima e para baixo) EMBLEMA			00:07:30.492	00:07:32.298	
	28	(passa mão aberta no rosto coçando o nariz)			00:07:33.000	00:07:33.671	
	29	(com a mão esquerda, pega a faca e passa para mão direita)			00:07:35.767	00:07:36.752	
	30	(pega o garfo com a mão esquerda)			00:07:36.759	00:07:37.550	
	31	(pega a coxinha e coloca no prato)			00:07:37.565	00:07:39.341	
	32	(solta o garfo)			00:07:39.356	00:07:40.073	
	33	(manipula a coxinha)			00:07:40.080	00:07:41.349	

Quanto aos gestos da mãe (quadro 30) temos que toca a bebê e erguendo os seus braços (6 minutos 32 segundos a 6 minutos 38 segundos), gesto que entendemos como pantomímico por, acompanhar sua fala (quadro 32): “orar” (6 minutos 33 segundos a 6 minutos a 34), “fala não compreensível” (6 minutos 35 segundos a 6 minutos 36 segundos) e “em pé pá tia vê” (6 minutos 38 segundos a 6 minutos 39 segundos), como podemos conferir no quadro 31.

Quadro 31 – Trilha fala da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	fala da mãe						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	"vem Lalá:"			00:06:29.532	00:06:30.622	00:00:01.090
	2	"orar"			00:06:33.640	00:06:34.029	00:00:00.389
	3	"não compreensível"			00:06:35.797	00:06:36.513	00:00:00.716
	4	"em pé 'pá' tia ver"			00:06:38.610	00:06:39.998	00:00:01.388
	5	"que tu tá orando"			00:06:40.804	00:06:41.670	00:00:00.866
	6	"abençoa, Senhor, o alimento na minha mesa. Meu Deus Multiplica!"			00:06:43.409	00:06:46.797	00:00:03.388
	7	"vem Alaide que ela sabe que para orar tem que tá com tu lá"			00:06:47.379	00:06:51.842	00:00:04.463
	8	"vai"			00:06:53.021	00:06:53.319	00:00:00.298
	9	"abençoa, Senhor o alimento da minha mesa, multiplica"			00:06:54.013	00:06:57.133	00:00:03.120
	10	"ei"			00:06:58.342	00:06:59.058	00:00:00.716
	11	"bora"			00:06:59.603	00:07:00.006	00:00:00.403
	12	"multiplica, os alimentos, Senhor"			00:07:00.453	00:07:02.424	00:00:01.971
	13	"menina"			00:07:03.535	00:07:04.028	00:00:00.493
	14	"fala não compreensível"			00:07:04.968	00:07:05.221	00:00:00.253
	15	"tem que orar"			00:07:06.677	00:07:07.767	00:00:01.090
	16	"Alaide, vai pro teu canto ó"			00:07:07.857	00:07:09.080	00:00:01.223
	17	"É"			00:07:10.565	00:07:10.699	00:00:00.134
	18	"porque tu tá sentada"			00:07:10.938	00:07:12.013	00:00:01.075
	19	"aben-oa, Senhor o alimento na minha mesa"			00:07:12.789	00:07:15.610	00:00:02.821
	20	"prestenção em mim"			00:07:16.251	00:07:18.028	00:00:01.777
	21	"que eu 'tô' onando"			00:07:18.982	00:07:19.774	00:00:00.792
	22	"olhe"			00:07:20.401	00:07:20.654	00:00:00.253
	23	"Abençoa, Senhor, o alimento da minha mesa, multiplica cada dia m..."			00:07:21.579	00:07:29.221	00:00:07.642
	24	"amém!"			00:07:30.602	00:07:31.428	00:00:00.824
	25	"diga: bote, logo!"			00:07:34.035	00:07:35.199	00:00:01.164
	26	"risos"			00:07:35.834	00:07:37.535	00:00:01.701

Por sua vez a bebê corresponde ao gesto da mãe, permitindo-lhe ter os braços erguidos e permanece a bebê intercala entre mexer em algo e ergue os braços, como pode ser visto no quadro 32.

Quadro 32 – Trilha gesto da bebê (extrato 2)

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	
▶	4	(com as pontas dos dedos polegar e indicador mexe no bolo dentro do prato dela) EMBLEMA			00:06:30.372	00:06:35.707	
	5	(ergue as mãos abertas) PANTOMIMA			00:06:35.707	00:06:36.633	
	6	(mexe no bolo dentro do prato dela) EMBLEMA			00:06:36.655	00:06:39.819	
	7	(ergue as mãos como em oração) PANTOMIMA			00:06:40.797	00:06:45.155	
	8	(aponta em direção ao quarto onde está a irmã) APONTAÇÃO			00:06:45.178	00:06:48.222	
	9	(braços estendidos e mãos abertas erguidas) PANTOMIMA			00:06:48.230	00:06:50.946	
	10	(fecha as mãos) GESTICULAÇÃO			00:06:50.969	00:06:51.670	
	11	(braços erguidos e mãos abertas) PANTOMIMA			00:06:51.685	00:06:54.894	
	12	(se agacha)			00:06:55.521	00:06:56.162	
	13	(se agacha e movimenta a língua para dentro e para fora da boca) PANTOMIMA			00:06:56.162	00:06:58.565	
	14	(levanta)			00:06:58.580	00:07:00.691	
	15	(se senta)			00:07:00.691	00:07:02.079	
	16	(sentada fica mexendo a língua para dentro e para fora da boca) PANTOMIMA			00:07:02.094	00:07:05.975	
	17	(braços encolhidos e mãos abertas) PANTOMIMA			00:07:05.997	00:07:11.385	
	18	(mãos embaixo da mesa e movimenta a língua para dentro e para fora da boca) PANTOMIMA			00:07:11.385	00:07:13.460	
	19	(se levanta movimentando a língua para dentro e para fora da boca) PANTOMIMA			00:07:15.101	00:07:18.474	
	20	(mãos abertas e braços erguidos) PANTOMIMA			00:07:19.869	00:07:24.003	
	21	(sacode as mãos) GESTICULAÇÃO			00:07:24.018	00:07:26.048	
	22	(mexe em alguma coisa na mesa) não identificado EMBLEMA			00:07:26.071	00:07:34.133	
	23	(aproxima o prato dela a ela) EMBLEMA			00:07:34.140	00:07:35.646	

Este extrato inicia com a criança produzindo um emblema, manipulando o bolo dentro do prato (6 minutos 30 segundos a 6 minutos 35 segundos), enquanto a mãe caminha a seu encontro, a toca no braço (6 minutos 31 segundos a 6 minutos 32 segundos), a segura ergue seus braços (6 minutos 32 segundos a 6 minutos 38 segundos), chamando-a para orar, tanto com o citado gesto pantomímico, quanto com a vocalização “*orar*” (6 minutos 33 segundos a 6 minutos 34 segundos).

Em seguida, é interessante observar que a bebê parece compreender tal emblema (estende as mãos em direção a mesa posta braços erguidos que concebemos como gesto pantomímico por percebermos que é utilizado no momento da oração da família) e chama a irmã para participar do evento – oração, apontado com o dedo indicador estendido na direção da irmã (dos 6 minutos 45 segundos aos 6 minutos 48 – quadro 32) e com o olhar (dos 6 minutos 45 segundos aos 6 minutos 49 - quadro 33) e vocaliza (de 6 minutos 46 segundos a 6 minutos 47 segundos - quadro 34) produzindo ACDI.

Quadro 33 – Trilha olhar da bebê (extrato 2)

4	'para o bolo' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:06:30.107	00:06:31.362	...
5	'para a mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:31.362	00:06:35.062	...
6	'para a pesquisadora' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:35.077	00:06:39.777	...
7	'para a câmera' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:06:40.320	00:06:42.200	...
8	'para a mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:42.223	00:06:43.193	...
9	'para a pesquisadora' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:43.193	00:06:45.268	...
10	'para a irmã' ATENÇÃO DIRETA	00:06:45.282	00:06:49.909	...
11	'para a mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:49.916	00:06:50.916	...
12	'não identificado'	00:06:50.931	00:06:52.752	...
13	'pelo canto do olho, para as mãos da pesquisadora' ATENÇÃO DE ACOMPAN...	00:06:52.759	00:06:53.132	...
14	'para as mãos da pesquisadora' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:53.147	00:06:53.266	...
15	'para o rosto da pesquisadora' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:06:53.273	00:06:54.408	...
16	'para a própria mão direita' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:06:54.430	00:06:54.579	...
17	'para baixo' alvo não identificado	00:06:54.586	00:06:54.915	...
18	'para a mão da irmã' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:54.930	00:06:56.005	...
19	'para as mãos da irmã' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:56.340	00:06:56.713	...
20	'para o rosto da irmã' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:06:56.728	00:06:59.131	...
21	'para a mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:06:59.295	00:07:00.056	...
22	não identificado	00:07:02.101	00:07:02.623	...
23	'para a irmã' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:02.713	00:07:03.011	...
24	'para a mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:03.019	00:07:05.750	...
25	'para a pesquisadora' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:06.242	00:07:12.063	...
26	'para baixo' alvo não identificado	00:07:12.100	00:07:12.324	...
27	'para a irmã' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:12.339	00:07:13.429	...
28	'para a irmã' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:15.011	00:07:16.101	...
29	'para a mesa' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:07:16.116	00:07:18.191	...
30	'para a irmã' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:19.116	00:07:19.593	...
31	'para a mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:19.600	00:07:21.302	...
32	'para o rosto da pesquisadora' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:21.324	00:07:24.414	...
33	'para as mãos da pesquisadora' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:24.429	00:07:25.101	...
34	'para baixo'	00:07:25.116	00:07:29.101	...
35	'para a mãe' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:07:29.116	00:07:29.638	...
36	'para baixo'	00:07:29.653	00:07:30.847	...
37	'para a pesquisadora' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:07:30.855	00:07:32.079	...
38	'para a irmã' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:34.102	00:07:37.922	...
39	'para o copo dela' ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	00:07:38.303	00:07:39.467	...
40	'para as mãos da mãe' ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	00:07:39.475	00:07:41.057	...

Quadro 34 – Trilha fala da bebê

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles	
▼	fala da bebê							▼
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	"ghuu:m"				00:06:27.339	00:06:28.479	00:00:01.14
	2	"hu:m"				00:06:29.154	00:06:29.624	00:00:00.47
▶	3	"eem"				00:06:46.163	00:06:47.208	00:00:01.04
	4	"uumum"				00:07:26.536	00:07:27.297	00:00:00.76
	5	"uhmum"				00:07:27.774	00:07:28.819	00:00:01.04
	6	"ham"				00:07:29.841	00:07:30.319	00:00:00.47
	7	"eehum"				00:07:32.580	00:07:33.192	00:00:00.61
	8	"uhuum"				00:07:34.147	00:07:35.192	00:00:01.04

Neste extrato podemos também destacar as Atenções Conjuntas de Verificação e Acompanhamento que ocorrem entre o tempo de 6 minutos 40 segundos a 6 minutos 49 segundos.

A cena inicia com a mãe pegando a bebê e a suspendendo para deixá-la de pé. Neste momento, a bebê que está a olhar para a câmera (6 minutos 40 segundos a 6 minutos 42 segundos), a mãe ergue as mãos em oração (6 minutos 42 segundos a 6 minutos 49 segundos), conquistando o olhar da bebê para si (6 minutos 42 segundos a 6 minutos 43 segundos) e que pede novamente para fazer a oração. Logo a bebê olha para a pesquisadora (6 minutos 43 segundos a 6 minutos 45 segundos) e em direção a irmã (6 minutos 45 segundos a 6 minutos 49 segundos), seguido de apontação (6 minutos 45 segundos a 6 minutos 48 segundos) e vocalização da bebê “eem” (6 minutos 47 segundos a 6 minutos 47 segundos).

O último gesto da bebê neste extrato de cena é a apontação e como este acontece ao mesmo tempo de um olhar e de um grito a compreendemos como um gesto dêitico. Ele nos indica que a bebê pode estar tentando direcionar a atenção do outro, podendo ser entendido como um “olhe” ou “veja”, como explica Walles (1979).

Além das ocorrências de AC, podemos observar o acontecimento da relação quadrática: a bebê olha para 3 interactantes e 1 objeto (a câmera). Em concordância com o que Mello (2015) aponta em seus estudos, a relação quadrática pode ocorrer numa situação interativa envolvendo quatro componentes: adulto-criança-dois eventos ou dois objetos, que neste caso são a mãe e a pesquisadora erguendo as mãos (em oração), a irmã a caminho da cozinha e a câmera.

Quando a oração é iniciada, pela mãe (com frases da oração intercalada a frases direcionadas a bebê, a outra filha e a pesquisadora) a pesquisadora começa a interpretar a oração (quadro 35).

Quadro 35 – Trilha sinal pesquisadora

Comments		Reconhecedores	Metadados	Controles	
Grade		Texto	Legenda		Lexicon
▼	sinal da pesquisadora				
>	N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	{orar}	00:06:35.402	00:06:36.745	00:00:01.343
	2	{orar}	00:06:37.656	00:06:38.805	00:00:01.149
	3	{pedir}	00:06:39.670	00:06:40.148	00:00:00.478
	4	{ficar de pé}	00:06:40.163	00:06:41.880	00:00:01.717
	5	{orar}	00:06:42.611	00:06:43.432	00:00:00.821
	6	{orar}	00:06:48.372	00:06:49.685	00:00:01.313
	7	{abençoar}	00:06:54.864	00:06:55.387	00:00:00.523
	8	{nossa}	00:06:55.402	00:06:55.805	00:00:00.403
	9	comida	00:06:55.820	00:06:56.267	00:00:00.447
	10	{aqui}	00:06:56.268	00:06:56.790	00:00:00.522
	11	{mesa}	00:06:56.805	00:06:57.671	00:00:00.866
	12	{mais}	00:06:57.805	00:06:58.655	00:00:00.850
	13	{comida}	00:06:58.655	00:06:59.327	00:00:00.672
	14	{mais}	00:07:00.954	00:07:01.819	00:00:00.865
	15	{comida}	00:07:02.014	00:07:02.834	00:00:00.820
	16	{Jesus}	00:07:02.879	00:07:03.909	00:00:01.030
	17	{orar}	00:07:06.446	00:07:07.446	00:00:01.000
	18	{orar}	00:07:08.268	00:07:09.328	00:00:01.060
	19	{desculpa}	00:07:12.432	00:07:13.655	00:00:01.223
	20	{abençoa}	00:07:14.268	00:07:14.835	00:00:00.567
	21	{comida}	00:07:14.835	00:07:15.343	00:00:00.508
	22	{aqui}	00:07:15.357	00:07:15.656	00:00:00.299
	23	{mesa}	00:07:15.671	00:07:16.507	00:00:00.836
	24	{abençoa}	00:07:22.238	00:07:22.910	00:00:00.672
	25	{Jesus}	00:07:22.924	00:07:23.551	00:00:00.627
	26	{comida}	00:07:23.566	00:07:23.879	00:00:00.313
	27	{aqui}	00:07:23.894	00:07:24.462	00:00:00.568
	28	{mais}	00:07:24.476	00:07:25.909	00:00:01.433
	29	{faltar}	00:07:25.924	00:07:26.745	00:00:00.821
	30	{não}	00:07:26.760	00:07:27.492	00:00:00.732
	31	{Jesus}	00:07:27.507	00:07:28.343	00:00:00.836
	32	{amém}	00:07:28.343	00:07:29.059	00:00:00.716
	33	{Amém}	00:07:30.417	00:07:31.163	00:00:00.746
	34	{Amém}	00:07:31.178	00:07:32.088	00:00:00.910

Retomando ao olhar da bebê neste extrato (quadro 33), os sinais (quadro 35) e gestos (quadro 36) da pesquisadora, temos, por exemplo, a ACA da bebê (aos 6 minutos 52 segundos a 6 minutos 53 segundos) ao gesto da pesquisadora,

quando esta ergue as mãos em gesto pantomímico usado pela família no ato da oração (5 minutos 51 segundos a 6 minutos 54 segundos), momento em que a bebê também está com as mãos erguidas em gesto pantomímico (dos 6 minutos 48 a 6 minutos 54 segundos).

Quadro 36 – Trilha gesto da pesquisadora

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ gesto da pesquisadora							
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	...
	1	(afasta o copo da bebê e o manipula)			00:06:29.372	00:06:35.297	...
	2	(uma mão semi aberta encontra a outra mão fechada)			00:06:35.327	00:06:36.730	...
	3	(uma mão semi aberta encontra a outra mão fechada, abaixa as mãos)			00:06:36.782	00:06:37.394	...
	4	(uma mão semi aberta encontra a outra mão fechada a cobrindo)			00:06:37.424	00:06:39.543	...
	5	(mão esquerda fechada com os dedos indicador e maior estendidos tocando, com as pontas, a palma da mão dire...			00:06:39.759	00:06:42.043	...
	6	(uma mão semi aberta encontra a outra mão fechada e a cobre)			00:06:42.521	00:06:43.476	...
	7	(mãos estendidas para cima, em oração) PANTOMIMA			00:06:43.491	00:06:48.088	...
	8	(uma mão semi aberta encontra a outra mão fechada a cobre)			00:06:48.110	00:06:49.722	...
	9	(mãos estendidas para frente, em oração)			00:06:51.177	00:06:54.782	...
	10	(mãos abertas, palmas para baixo, dedos de movimentam para cima e para baixo, a medida que as mãos se afast...			00:06:54.782	00:06:55.200	...
	11	(fora do enquadramento)			00:06:55.223	00:06:56.163	...
	12	(dedo indicador aponta para a mesa)			00:06:56.178	00:06:56.686	...
	13	(mãos abertas, palmas voltadas para baixo dedos polegares encostados se afastam em movimento de dentro par...			00:06:56.693	00:06:57.678	...
	14	(dedos indicadores estendidos um toca na parte de baixo do outro e depois na parte de cima)			00:06:57.700	00:06:58.596	...
	15	(fora do enquadramento)			00:06:58.603	00:06:59.409	...
	16	(dedos indicadores estendidos um toca na parte de baixo do outro e depois na parte de cima)			00:07:00.917	00:07:01.977	...
	17	(mão próxima da boca abre e fecha)			00:07:01.992	00:07:02.858	...
	18	(mãos abertas, dedos maiores tocam a palma da mão oposta um por vez)			00:07:02.865	00:07:03.701	...
	19	(mão esquerda vai em direção a bebê por debaixo da mesa)			00:07:04.634	00:07:06.365	...
	20	(uma mão semi aberta encontra a outra mão fechada e a cobre)			00:07:06.566	00:07:07.731	...
	21	(uma mão semi aberta encontra a outra mão fechada e a cobre)			00:07:08.290	00:07:09.439	...
	22	(mãos estendidas para frente, em oração) PANTOMIMA			00:07:09.439	00:07:12.335	...
	23	(mão esquerda aberta estendida para frente e mão direita fechada com os dedos polegar e mínimo estendidos, a ...			00:07:12.357	00:07:13.939	...
	24	(mãos abertas, palmas voltadas para baixo dedos polegares encostados se afastam e sem movimentam de dentr...			00:07:14.305	00:07:14.827	...
	25	(mão com a palma voltada para a boca abre e fecha)			00:07:14.842	00:07:15.335	...
	26	(dedo indicador aponta para a mesa)			00:07:15.349	00:07:15.693	...
	27	(mãos abertas, palmas voltadas para baixo dedos polegares encostados se afastam em movimento de dentro par...			00:07:15.708	00:07:16.320	...
	28	(mão esquerda toca no ombro da bebê)			00:07:16.753	00:07:17.544	...
	29	(mão esquerda toca a bebê)			00:07:18.006	00:07:19.275	...
	30	(mão esquerda toca a bebê)			00:07:19.573	00:07:20.036	...
	31	(mãos abertas estendidas para frente)			00:07:20.050	00:07:22.215	...
	32	(mãos abertas, palmas para baixo, dedos de movimentam para cima e para baixo, a medida que as mãos se afast...			00:07:22.289	00:07:22.856	...
	33	(mãos abertas, dedos maiores tocam a palma da mão oposta um por vez)			00:07:22.878	00:07:23.460	...
	34	(palma da mão direita voltada para a boca abre e fecha)			00:07:23.475	00:07:23.863	...
	35	(dedo indicador aponta para a mesa)			00:07:23.901	00:07:24.348	...
	36	(mão esquerda com dedos indicador e médio estendido, um toca por vez o dedo indicador da mão direita estendi...			00:07:24.475	00:07:25.953	...
	37	(pontas dos dedos da mão direita se tocam e tocam a palma da mão esquerda)			00:07:26.192	00:07:26.595	...
	38	(dedo indicador estendido balança para os lados)			00:07:26.610	00:07:27.490	...
	39	(dedos maiores tocam as palmas das mãos opostas, uma por vez)			00:07:27.505	00:07:28.162	...
	40	(mão abertas se aproximam até se tocarem)			00:07:28.184	00:07:29.109	...
	41	(mão abertas se aproximam até se tocarem)			00:07:30.251	00:07:31.206	...
	42	(mão abertas se aproximam até se tocarem)			00:07:31.258	00:07:32.064	...
	43	(mão voltada para a boca abre e fecha)			00:07:35.639	00:07:36.236	...

Durante este período a bebê fica inquieta, movimenta a língua para fora e para dentro da boca como que imitando a articulação da boca na produção da fala (gesto pantomímico) e durante a articulação produzida pela mãe ao pronunciar a oração; ergue e sacode os braços (gesto pantomímico), imitando o gesto de erguer

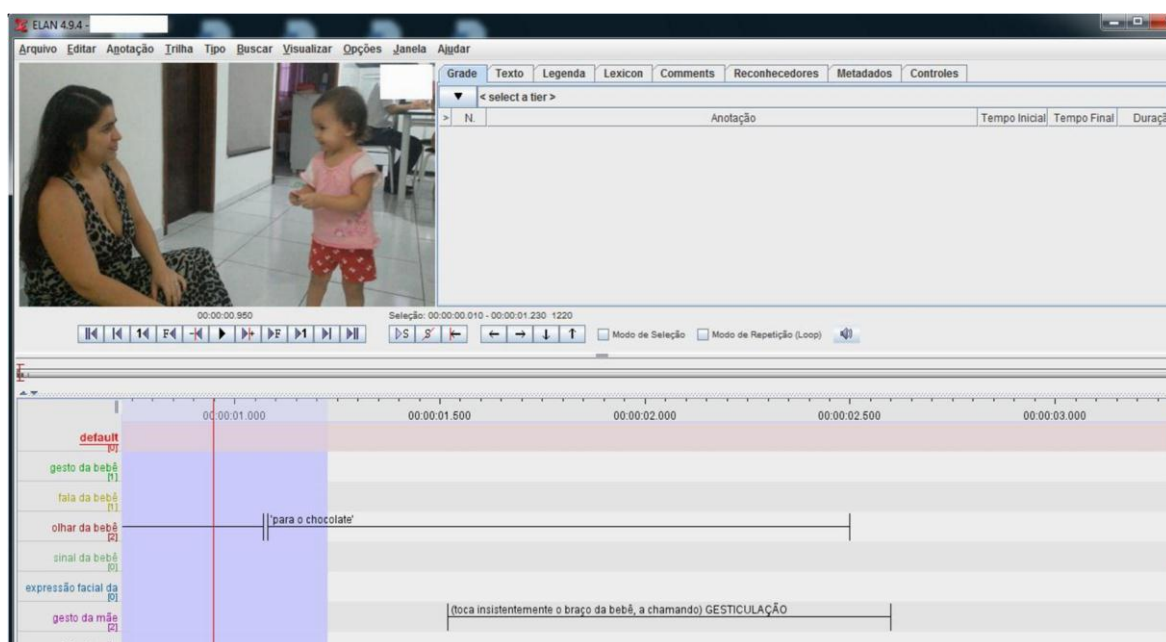
os braços na produção da oração feita pela mãe; é posta de pé pela mãe e se senta, mexe em algo não identificado.

E quanto ao olhar da bebê é interessante observar que olha para a mãe e para a pesquisadora no momento em que estas estão ora gesticulando, ora sinalizando.

CENA 4:

Contexto: Mãe e bebê brincam na sala da casa

Díade bebê: 20 meses e 16 dias



No contexto referente à cena 4, a mãe está sentada no chão da sala e a bebê está de pé. Na interação a mãe oraliza e gesticula para a bebê tentando convencê-la a dar um pedaço de chocolate.

Vejamos quais os recursos utilizados pela mãe para fazer sua solicitação, se a bebê responde e como ela reage à mãe, através dos quadros 37, 38 e 39:

Quadro 37 - Trilha gesto da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da mãe						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	
	1	(segura o braço da bebê, com a boca aberta)			00:00:00.010	00:00:00.260	
	2	(toca insistentemente o braço da bebê, a chamando)			00:00:01.620	00:00:02.600	
	3	(mão direita fechada com apenas os dedos indicador e polegar estendidos, na frente do rosto)			00:00:02.806	00:00:04.176	
	4	(mão direita fechada com apenas os dedos indicador e polegar estendidos, na frente do rosto)			00:00:06.649	00:00:07.886	
	5	(mão esquerda estendida na frente do corpo em direção a bebê)			00:00:08.497	00:00:12.843	
	6	(bico)			00:00:12.860	00:00:13.720	
	7	(projeta o corpo para frente e abre a boca em direção a bebê)			00:00:13.782	00:00:16.249	
	8	(boca fechada, lábio inferior projetado para frente)			00:00:16.771	00:00:17.603	
	9	(boca fechada, lábio inferior projetado para frente, leva as mãos ao rosto)			00:00:17.612	00:00:20.773	
	10	(mão direita estendida para frente, em direção a bebê)			00:00:27.448	00:00:27.870	
	11	(mão direita fechada com apenas os dedos indicador e polegar estendidos)			00:00:27.870	00:00:28.669	
	12	(ambas mãos abertas, palmas para cima em direção a bebê)			00:00:28.681	00:00:30.097	
	13	(ambas mãos abertas, palmas para cima em direção a bebê e corpo projetado para frente com boca aberta)			00:00:30.100	00:00:32.425	
	14	(boca aberta e mão esquerda segue em direção a bebê)			00:00:32.434	00:00:33.116	
	15	(puxa a bebê pela manga da blusa)			00:00:33.122	00:00:33.895	
	16	(com a boca aberta, puxa a bebê pela manga)			00:00:33.901	00:00:36.063	
	17	(puxa a bebê pela manga, sorrindo)			00:00:36.070	00:00:38.232	
	18	(ambas mãos abertas, palmas para cima em direção a bebê)			00:00:38.622	00:00:39.329	
	19	(mão direita aberta, palma para cima, em direção a bebê)			00:00:39.335	00:00:40.686	
	20	(levanta o braço direito e mão direita fechada apenas com o dedo indicador estendido, balança para os lados, assim co...			00:00:40.695	00:00:42.086	
	21	(ambas mãos abertas, palmas para cima em direção a bebê)			00:00:43.620	00:00:45.928	
	22	(estende mão direita e balança para cima e para baixo em direção a bebê)			00:00:48.123	00:00:49.136	
	23	(mão direita vai ao braço da bebê e o toca)			00:00:57.921	00:00:59.026	
	24	(sorrindo, leva o braço em direção a bebê e abre e fecha a mão em direção a bebê)			00:01:01.009	00:01:02.303	
	25	(abre a boca, fica de quatro e se encaminha em direção a bebê e ao chocolate)			00:01:03.601	00:01:09.599	

Quadro 38 – Trilha fala da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	fala da mãe						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	"um pedacin"			00:00:03.389	00:00:04.207	00:00:00.81
	2	"um pedacin"			00:00:07.181	00:00:07.895	00:00:00.71
	3	"dá?!"			00:00:09.093	00:00:09.177	00:00:00.08
	4	"me dá?!"			00:00:10.826	00:00:10.911	00:00:00.08
	5	"uru" imita choro			00:00:17.642	00:00:18.213	00:00:00.57
	6	"uhu" imita choro			00:00:20.785	00:00:26.025	00:00:05.24
	7	"eu tô chorando ô, me dê um pedacin"			00:00:26.025	00:00:29.012	00:00:02.98
	8	sorri			00:00:36.072	00:00:38.241	00:00:02.16
	9	"não?!"			00:00:41.044	00:00:41.135	00:00:00.09
	10	imita choro			00:00:53.584	00:00:54.428	00:00:00.84

Quadro 39 – Trilha gesto da bebê

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	
	1	(segura o chocolate e resiste entregar o chocolate para a mãe) EMBLEMA			00:00:00.000	00:00:00.341	
	2	(segura o chocolate com ambas as mãos e dá um passo para trás) EMBLEMA			00:00:00.341	00:00:02.438	
	3	(segura o chocolate e se esquivia da mãe) EMBLEMA			00:00:02.438	00:00:03.426	
	4	(leva o chocolate até a boca) GESTICULAÇÃO			00:00:03.428	00:00:11.546	
	5	(de pé segura o chocolate com ambas as mãos) GESTICULAÇÃO			00:00:11.546	00:00:12.909	
	6	(securtando o chocolate, se banca dobrando os joelhos) EMBLEMA e GESTICULAÇÃO			00:00:12.910	00:00:14.882	
	7	(segurando o chocolate, se esquivia levando-o para o lado do corpo oposto a mãe, tirando o chocolate do alcance da mãe) EMBLEMA			00:00:14.884	00:00:17.697	
	8	(dá passos para trás, com as mãos mantendo o chocolate fora do alcance da mãe) EMBLEMA			00:00:17.699	00:00:19.262	
	9	(gira o corpo em direção a mãe, depois retorna a posição inicial)			00:00:19.264	00:00:24.140	
	10	(segurando o chocolate, se esquivia levando-o para o lado do corpo oposto a mãe, tirando o chocolate do alcance da mãe) EMBLEMA			00:00:24.142	00:00:31.622	
	11	(segurando o chocolate, se esquivia levando-o para o lado do corpo oposto a mãe, tirando o chocolate do alcance da mãe) EMBLEMA			00:00:31.622	00:00:34.209	
	12	(resiste a mãe se sentando no chão)			00:00:34.211	00:00:38.610	
	13	(sentada, se afasta, se arrastando impulsionada pelo pé)			00:00:38.613	00:00:41.102	
	14	(leva a mão direita ao rosto) PANTOMIMA			00:00:41.105	00:00:45.487	
	15	(sentada no chão, se arrastando, gira o corpo em direção a mesa)			00:00:45.490	00:00:47.961	
	16	(segurando a perna da mesa, fica de pé)			00:00:47.967	00:00:50.687	
	17	(gira o corpo em direção a mãe)			00:00:50.691	00:00:52.484	
	18	(segurando o chocolate, se esquivia levando-o para o lado do corpo oposto a mãe, tirando o chocolate do alcance da mãe) EMBLEMA			00:00:52.484	00:00:56.000	
	19	(segura o chocolate em frente ao corpo) EMBLEMA			00:00:56.006	00:00:58.541	
	20	(segurando o chocolate, se esquivia levando-o para o lado do corpo oposto a mãe e dando um passo para o lado) EMBLEMA			00:00:58.541	00:01:01.320	
	21	(segurando o chocolate, se esquivia levando-o para o lado do corpo oposto a mãe próximo ao rosto e dando um passo para trás) EMBLEMA			00:01:01.320	00:01:04.733	
	22	(dá passos para trás e leva o chocolate em direção a boca) PANTOMIMA			00:01:04.736	00:01:08.723	

Mediante as transcrições dos gestos e fala da mãe e gestos da bebê nesta cena, primeiramente, a mãe segura o braço da bebê com a boca aberta e a bebê tenta se esquivar para não dar o chocolate a ela.

Num segundo momento, a mãe toca a bebê insistentemente para a chamar sua atenção (01a 02 segundos) enquanto a criança continua a se esquivar das investidas da mãe. Dessa forma se sucede toda a cena, nos dando vários gestos emblemáticos (11), 03 gesticulações e 02 gestos pantomímicos; bem como os variados tipos de Atenção Conjunta, sendo, 07 de Acompanhamento, 09 de Verificação e nenhuma ACD, como acompanhamos no quadro 40:

Quadro 40 – Trilha olhar da bebê

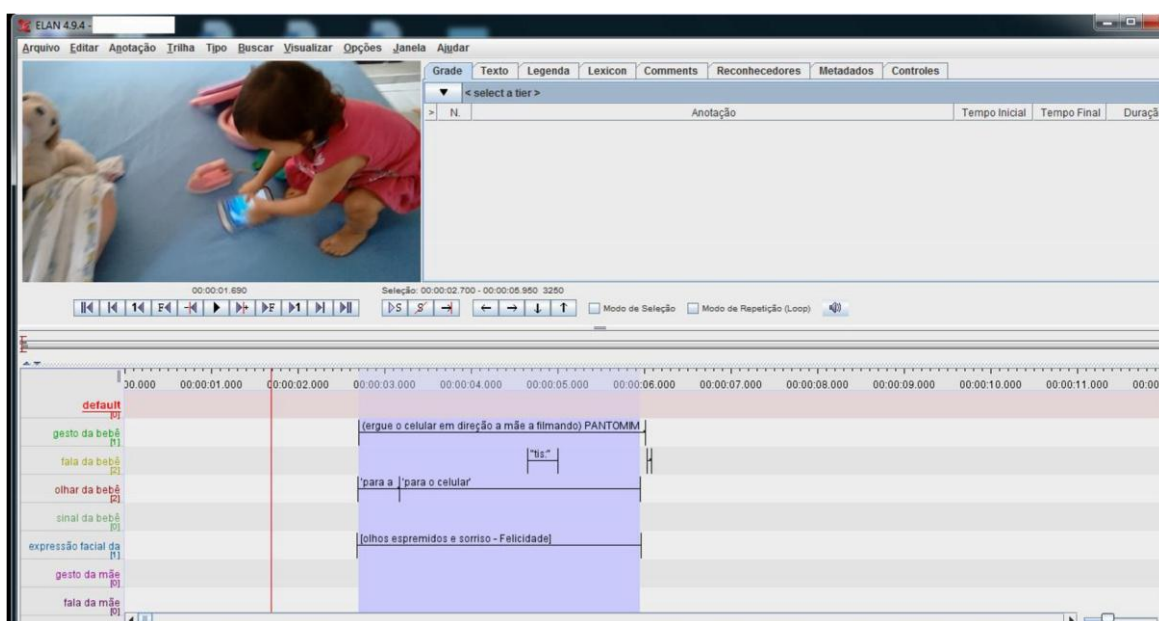
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	olhar da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:00.010	00:00:01.070	00:00:01.060
	2	'para o chocolate' Atenção de Verificação			00:00:01.080	00:00:02.500	00:00:01.420
	3	'para a mãe' Atenção Acompanhamento			00:00:02.512	00:00:11.212	00:00:08.700
	4	'para o chocolate' Atenção de Verificação			00:00:11.215	00:00:12.910	00:00:01.695
▶	5	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:12.927	00:00:19.370	00:00:06.443
	6	'para a irmã' Atenção de Verificação			00:00:19.379	00:00:19.905	00:00:00.526
	7	'para a pesquisadora' Atenção de Verificação			00:00:19.918	00:00:20.210	00:00:00.292
	8	'em direção ao pai e a irmã' Atenção de Verificação			00:00:20.216	00:00:21.931	00:00:01.715
	9	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:21.940	00:00:32.811	00:00:10.871
	10	'para a pesquisadora' Atenção de Verificação			00:00:32.818	00:00:33.467	00:00:00.649
	11	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:33.470	00:00:45.362	00:00:11.892
	12	'para a perna da mesa' Atenção de Verificação			00:00:47.139	00:00:48.418	00:00:01.279
	13	'para o chão' Atenção de Verificação			00:00:48.723	00:00:50.573	00:00:01.850
	14	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:50.610	00:00:56.259	00:00:05.649
	15	'para o chocolate' Atenção de Verificação			00:00:56.265	00:00:58.564	00:00:02.299
	16	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento			00:00:58.573	00:01:11.039	00:00:12.466

Então, nesta cena só teremos um extrato para exemplificar como as análises das AC foram motivadas. Logo no primeiro segundo, temos a primeira AC em que no tempo de (00 a 01 segundo) a bebê olha para a mãe, e ela, com a boca aberta em direção a bebê, segura o braço dela a olhando também (00 a 02 segundos). Este gesto da mãe é uma pantomima e a bebê, compreendendo que a mãe está a lhe pedir um pedaço de chocolate, responde resistindo e reagindo com gestos emblemáticos de segurar o chocolate e se esquivar andando para trás (00 a 02 segundos), enquanto olha para sua interlocutora (no 01 segundo) nos fazendo compreender que ela entendeu o que a mãe queria, mas respondeu, com seus

gestos que não concordava em fazê-lo, nos reportando a uma ACA aos apelos da mãe seguida da resposta negativa de se esquivar.

Cena 5:

Contexto: Mãe e bebê brincam na cama de casal
Díade bebê: 21 meses e 14 dias



Nesta situação de interação entre nossa díade, mãe e bebê estão sentadas na cama de casal, a bebê brinca de filmar com um celular, utilizando um gesto indicado pelo Continuum de Kendon (quadro 1) por gesto pantomímico, como podemos identificar no quadro 41 (destacado em verde), a seguir:

Quadro 41 - Trilha gesto da bebê

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da bebê						
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	(se apoia com mãos e joelhos para ficar de pé)			00:00:00.010	00:00:02.680	00:00:02.670
	2	(ergue o celular em direção a mãe a filmando) PANTOMIMA			00:00:02.700	00:00:06.010	00:00:03.310
	3	(abaixa o celular)			00:00:06.020	00:00:09.180	00:00:03.160
	4	(ergue o celular em direção a pesquisadora) PANTOMIMA			00:00:09.195	00:00:10.915	00:00:01.720
	5	(aproxima o celular do rosto da mãe) PANTOMIMA			00:00:10.920	00:00:13.810	00:00:02.890
	6	(abaixa o celular)			00:00:13.820	00:00:15.740	00:00:01.920
	7	(levanta o celular acima da cabeça e abaixa) GESTICULAÇÃO			00:00:15.755	00:00:17.525	00:00:01.770
	8	(caminha em cima da cama)			00:00:17.535	00:00:21.195	00:00:03.660
	9	(se senta na cama)			00:00:21.210	00:00:36.770	00:00:15.560
	10	(pega uma revista que está em baixo dela) EMBLEMA			00:00:36.785	00:00:39.445	00:00:02.660
	11	(segura o celular) EMBLEMA			00:00:39.460	00:00:42.710	00:00:03.250
	12	(sentada, se arrasta na cama e se aproxima da revista)			00:00:42.720	00:00:49.520	00:00:06.800
	13	(simula passar perfume no cachorro) PANTOMIMA			00:00:49.545	00:00:50.465	00:00:00.920
	14	(faz o gesto de pegar a revista) EMBLEMA			00:00:50.470	00:00:51.220	00:00:00.750
	15	(bate na revista com a mão fechada) GESTICULAÇÃO			00:00:51.230	00:00:52.510	00:00:01.280
	16	(manipula o celular)			00:00:52.520	00:00:54.820	00:00:02.300
	17	(leva o celular em direção ao ouvido) PANTOMIMA			00:00:54.835	00:00:55.795	00:00:00.960
	18	(sentada, segura o celular)			00:00:55.800	00:01:06.670	00:00:10.870
	19	(mão esquerda segura o celular e mão direita abre e fecha sobre o cachorro) PANTOMIMA			00:01:06.680	00:01:07.960	00:00:01.280
	20	(mãos manipulam o celular, tocando na tela) PANTOMIMA			00:01:07.975	00:01:11.555	00:00:03.580
	21	(puxa o focinho do cachorro) EMBLEMA			00:01:11.560	00:01:13.370	00:00:01.810
	22	(segura o celular)			00:01:13.380	00:01:19.850	00:00:06.470
	23	(bate a mão na revista) PANTOMIMA			00:01:19.860	00:01:21.040	00:00:01.180
	24	(bate a mão no cachorro) PANTOMIMA			00:01:21.055	00:01:22.485	00:00:01.430
	25	(segura o celular o balançando) EMBLEMA			00:01:22.490	00:01:27.320	00:00:04.830
	26	(beija o cachorro) PANTOMIMA			00:01:27.330	00:01:29.370	00:00:02.040
	27	(aponta para o cachorro) APONTAÇÃO			00:01:29.385	00:01:30.295	00:00:00.910
	28	(alisa a cabeça do cachorro) PANTOMIMA			00:01:30.305	00:01:31.885	00:00:01.580
	29	(aponta para a mamadeira) APONTAÇÃO			00:01:31.890	00:01:32.160	00:00:00.270
	30	(mão aberta em direção a mamadeira) EMBLEMA			00:01:32.170	00:01:33.930	00:00:01.760
	31	(recebe a mamadeira da mãe com a mão esquerda e solta o celular com a mão direita) EMBLEMA			00:01:33.945	00:01:35.245	00:00:01.300
	32	(segurando a mamadeira com a mão esquerda e com a direita pega o cachorro) EMBLEMA			00:01:35.250	00:01:37.300	00:00:02.050
	33	(mão direita pega o celular) EMBLEMA			00:01:37.310	00:01:39.660	00:00:02.350
	34	(solta a mamadeira) EMBLEMA			00:01:39.670	00:01:40.980	00:00:01.310
	35	(segura o celular com ambas as mãos)			00:01:40.980	00:01:42.610	00:00:01.630
	36	(solta o celular) EMBLEMA			00:01:42.610	00:01:44.970	00:00:02.360
	37	(balança a mão) GESTICULAÇÃO			00:01:44.985	00:01:46.135	00:00:01.150
	38	(pega o celular) EMBLEMA			00:01:46.145	00:01:48.215	00:00:02.070
	39	(segura a mamadeira na boca do cachorro e faz um bico) PANTOMIMA			00:01:48.215	00:01:50.965	00:00:02.750
	40	(solta o celular)			00:01:50.975	00:01:51.595	00:00:00.620
	41	(troca a mamadeira de mão)			00:01:51.600	00:01:52.180	00:00:00.580
	42	(mão esquerda segura a cabeça do cachorro e com a mão direita coloca a mamadeira na boca do cachorro) PA.			00:01:52.195	00:01:54.835	00:00:02.640
	43	(troca a mamadeira de mão)			00:01:54.840	00:01:55.650	00:00:00.810
	44	(solta a mamadeira e pega o celular) EMBLEMA			00:01:55.660	00:01:56.460	00:00:00.800
	45	(pega o celular) EMBLEMA			00:01:56.475	00:01:57.365	00:00:00.890
	46	(empurra a mão da mãe e o cachorro) EMBLEMA			00:01:57.375	00:01:58.405	00:00:01.030
	47	(pega a mamadeira) EMBLEMA			00:01:58.415	00:02:00.165	00:00:01.750
	48	(oferece a mamadeira para a mãe) EMBLEMA			00:02:00.175	00:02:02.685	00:00:02.510
	49	(coloca a mamadeira com o fundo virado em direção a boca do cachorro) PANTOMIMA			00:02:02.695	00:02:05.745	00:00:03.050
	50	(sentada, segura o celular) EMBLEMA			00:02:05.755	00:02:12.915	00:00:07.160
	51	(bate com a mão na mamadeira) EMBLEMA			00:02:12.920	00:02:14.890	00:00:01.970
	52	(bate empurrando o cachorro) EMBLEMA			00:02:15.850	00:02:17.700	00:00:01.850
	53	(bate no cachorro) EMBLEMA			00:02:17.710	00:02:18.350	00:00:00.640
	54	(bate empurrando o cachorro) EMBLEMA			00:02:18.365	00:02:19.415	00:00:01.050
	55	(segura o cachorro pela orelha) EMBLEMA			00:02:19.415	00:02:20.530	00:00:01.115
	56	(puxa o cachorro pela orelha) EMBLEMA			00:02:20.530	00:02:23.940	00:00:03.410
	57	(leva o celular a boca) EMBLEMA			00:02:24.550	00:02:26.880	00:00:02.330
	58	(sentada, estica as pernas empurrando a revista e estica os braços para baixo, segurando o celular)			00:02:26.890	00:02:28.400	00:00:01.510
	59	(abraça o cachorro com o braço direito) PANTOMIMA			00:02:28.810	00:02:29.900	00:00:01.090
	60	(com a mão fechada e o dedo indicador estendido, balança a mão em direção da mãe) PANTOMIMA			00:02:29.910	00:02:31.380	00:00:01.470

Em continuidade à análise do gesto da bebê temos, por vezes, a produção de gesticulação, emblemas e pantomimas (quadro 41).

E com relação ao olhar da bebê temos que, nesta cena, ela promove 22 cenas de Atenção de Acompanhamento, 16 de Verificação e 33 de Direção, como podemos conferir no quadro 42 a seguir:

Quadro 42 – Trilha olhar da bebê

Comments		Reconhecedores	Metadados	Controles		
Grade		Texto		Legenda		Lexicon
▼	olhar da bebê					
>	N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	
	1	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:00:02.690	00:00:03.170	
	2	'para o celular' Atenção de Direta		00:00:03.170	00:00:05.950	
	3	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:00:05.970	00:00:08.180	
	4	'para a pesquisadora' Atenção de Acompanhamento		00:00:08.190	00:00:09.560	
	5	'para a mãe' Atenção de Verificação		00:00:10.440	00:00:11.370	
	6	'em direção a cama' Atenção de Verificação		00:00:17.540	00:00:21.180	
	7	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:00:24.805	00:00:29.965	
	8	'para o cachorro' Atenção de Acompanhamento		00:00:29.975	00:00:33.575	
	9	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:00:33.580	00:00:34.500	
	10	'para o telefone de brinquedo' Atenção de Acompa...		00:00:34.505	00:00:37.745	
	11	'para a revista' Atenção Direta		00:00:37.750	00:00:39.320	
	12	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:00:39.330	00:00:39.700	
	13	para a revista' Atenção de Acompanhamento		00:00:39.700	00:00:44.630	
	14	para o celular' Atenção de Verificação		00:00:44.040	00:00:46.540	
	15	'para o cachorro' Atenção de Acompanhamento		00:00:47.605	00:00:50.225	
	16	'para a revista' Atenção Direta		00:00:50.230	00:00:52.700	
	17	'para o celular' Atenção Direta		00:00:52.710	00:00:54.730	
▶	18	para a revista' Atenção de Verificação		00:00:54.745	00:00:55.625	
	19	'para a mãe' Atenção de Verificação		00:00:55.630	00:00:57.050	
	20	'para o celular' Atenção de Verificação		00:00:57.065	00:00:57.995	
	21	'para a revista' Atenção de Verificação		00:00:58.005	00:00:58.755	
	22	'para o cachorro' Atenção de Verificação		00:00:58.765	00:00:59.875	
	23	'para o celular' Atenção de Verificação		00:00:59.885	00:01:00.575	
	24	'para o cachorro' Atenção de Verificação		00:01:00.595	00:01:01.215	
	25	'para a revista' Atenção de Acompanhamento		00:01:01.220	00:01:03.230	
	26	'para o cachorro' Atenção de Acompanhamento		00:01:03.240	00:01:07.820	
	27	'para o celular' Atenção de Verificação		00:01:07.835	00:01:08.565	
	28	'para a revista' Atenção de Verificação		00:01:08.585	00:01:08.935	
	29	'para o celular' Atenção Direta		00:01:08.945	00:01:11.095	
	30	'para o cachorro' Atenção Direta		00:01:11.105	00:01:13.825	
	31	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:01:13.830	00:01:15.340	
	32	'para o cachorro' Atenção de Acompanhamento		00:01:15.350	00:01:17.070	
	33	'para a revista' Atenção de Acompanhamento		00:01:17.085	00:01:18.015	
	34	'para o cachorro' Atenção de Acompanhamento		00:01:18.025	00:01:19.605	
	35	'para a revista' Atenção Direta		00:01:19.610	00:01:20.870	
	36	'para o cachorro' Atenção Direta		00:01:20.885	00:01:21.955	
	37	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:01:21.955	00:01:25.145	
	38	'para o cachorro/mãe' Atenção de Acompanhamento		00:01:25.155	00:01:25.885	
	39	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento		00:01:25.905	00:01:27.085	
	40	'para o cahorro' Atenção Direta		00:01:27.110	00:01:31.650	

(continua)

41	'para a mamadeira' Atenção Direta	00:01:31.655	00:01:34.885
42	'para o cachorro' Atenção Direta	00:01:34.885	00:01:36.765
43	'para o celular' Atenção Direta	00:01:36.770	00:01:39.680
44	'para a mamadeira' Atenção Direta	00:01:39.690	00:01:40.600
45	'para o cachorro' Atenção de Verificação	00:01:40.610	00:01:40.930
46	'para o celular' Atenção de Verificação	00:01:40.945	00:01:42.665
47	'para a mãe' Atenção de Verificação	00:01:42.675	00:01:46.025
48	'para o celular' Atenção Direta	00:01:46.705	00:01:48.085
49	'para o cachorro' Atenção Direta	00:01:48.090	00:01:50.110
50	'para a mãe' Atenção Direta	00:01:50.110	00:01:51.310
51	'para o cachorro' Atenção Direta	00:01:51.695	00:01:54.745
52	'para o celular' Atenção Direta	00:01:54.755	00:01:57.475
53	'para a revista' Atenção Direta	00:01:57.495	00:01:58.825
54	'para a mamadeira' Atenção Direta	00:01:58.835	00:01:59.525
55	'para o cachorro' Atenção Direta	00:01:59.535	00:01:59.875
56	'para a mamadeira' Atenção Direta	00:01:59.890	00:02:00.550
57	'para a mãe' Atenção Direta	00:02:00.565	00:02:02.765
58	'para o cachorro/mamadeira' Atenção Direta	00:02:02.770	00:02:07.570
59	'para a mãe' Atenção de Acompanhamento	00:02:07.585	00:02:12.975
60	'para a mamadeira' Atenção Direta	00:02:12.985	00:02:13.435
61	'para a mãe' Atenção Direta	00:02:13.445	00:02:15.835
62	'para o cachorro' Atenção Direta	00:02:15.845	00:02:16.505
63	'para a mãe' Atenção Direta	00:02:16.510	00:02:18.080
64	'para o cachorro' Atenção Direção	00:02:18.100	00:02:20.410
65	'para a mãe' Atenção Direta	00:02:20.410	00:02:32.570
66	'para a pesquisadora' Atenção de Verificação	00:02:32.590	00:02:32.960
67	'para o celular' Atenção Direta	00:02:32.980	00:02:34.500
68	'para o cachorro' Atenção Direta	00:02:34.525	00:02:35.815
69	'para a mãe' Atenção Direta	00:02:35.835	00:02:36.935
70	'para o cachorro' Atenção de Acompanhamento	00:02:38.080	00:02:38.660
71	'para a mãe/cachorro' Atenção de Acompanhamento	00:02:38.675	00:02:41.465
72	'para a mãe' Atenção Direta	00:02:43.315	00:02:43.695

Em continuação a análise escolhemos um extrato para observar o uso dos elementos Multimodais envolvidos e seus efeitos na interação.

No extrato a analisar, que inicia aos 47 segundos e finaliza aos 50 segundos, a bebê olha 'para o cachorro' enquanto a mãe simula passar perfume com 'spray' nele dos 46 a 49 segundos nos indicando uma ACA, como podemos acompanhar no quadro 43, a seguir (em destaque em laranja):

Quadro 43 – Trilha gesto da mãe

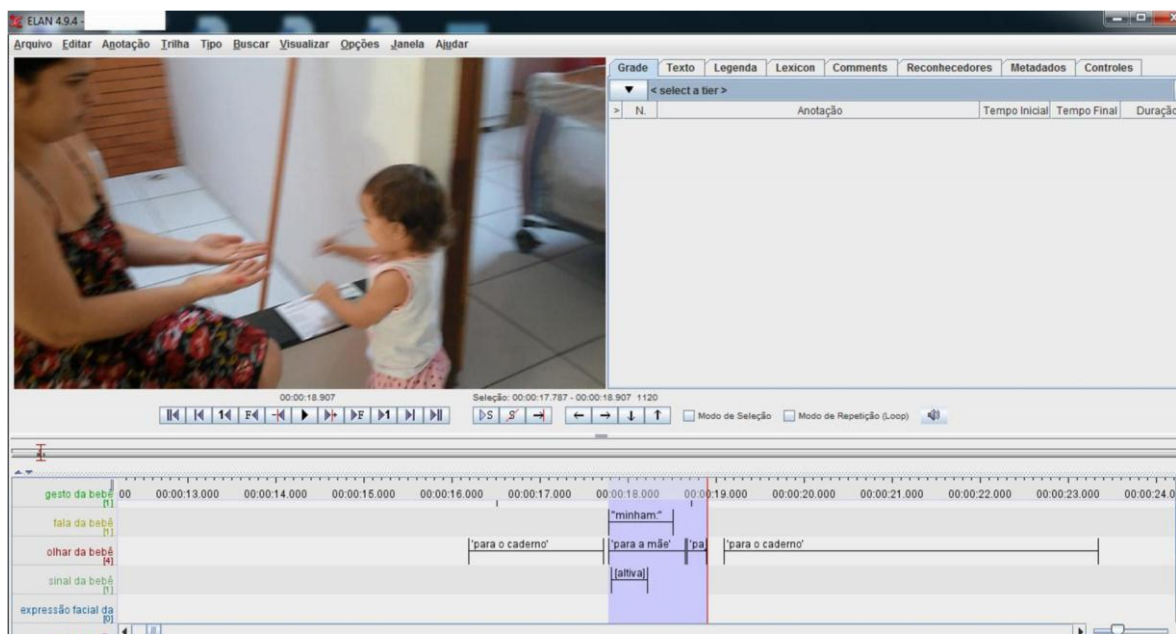
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da mãe						
N				Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final
1	(posiciona a cabeça em baixo do celular e abre a boca) GESTICULAÇÃO					00:00:12.960	00:00:14.810
2	(espica a cabeça e faz bico) EMBLEMA					00:00:14.820	00:00:16.160
3	(posiciona a cabeça em baixo do celular, abre a boca e alisa o cabelo da bebê) GESTICULAÇÃO					00:00:16.160	00:00:17.830
4	(pega e coloca o cachorro em cima da cama) EMBLEMA					00:00:18.550	00:00:19.690
5	(pega o cachorro e a mamadeira) EMBLEMA					00:00:19.705	00:00:20.405
6	(pega o cachorro e o aproxima de si e leva a mamadeira a barriga da bebê e a cutuca) GESTICULAÇÃO					00:00:20.410	00:00:20.820
7	(chama a bebê a cutucando com a mamadeira) EMBLEMA					00:00:20.830	00:00:21.040
8	(denta pegar a bebê pelo braço) EMBLEMA					00:00:21.060	00:00:21.990
9	(afasta a caixa de brinquedos)					00:00:22.000	00:00:23.610
10	(pega o cachorro) EMBLEMA					00:00:30.310	00:00:31.370
11	(pega e desemborça o telefone)					00:00:33.786	00:00:34.966
12	(peda o fone e encaixa no telefone) EMBLEMA					00:00:34.966	00:00:36.315
13	(gira o telefone)					00:00:36.325	00:00:38.075
14	(pega a revista da mão da bebê e a coloca na cama) EMBLEMA					00:00:38.475	00:00:39.915
15	(afasta o ferro)					00:00:40.820	00:00:41.160
16	(manipula a revista a folheando) EMBLEMA					00:00:41.175	00:00:44.690
17	(vira em direção ao celular)					00:00:44.690	00:00:44.930
18	(simula que pega um perfume da revista e a mão vai fechada em direção ao cachorro) PANTOMIMA					00:00:44.945	00:00:46.535
19	(com uma mão segura o cachorro pendurado e com a outra mão que abre e fecha simulando usar um perfume e perfumar o cachorro) PANTOMIMA					00:00:46.545	00:00:49.055
20	(aproxima o cachorro da bebê)					00:00:49.080	00:00:56.260
21	(passa a mão na revista, como quem está a segurar algo, vai até o cachorro) PANTOMIMA					00:00:56.270	00:00:57.230
22	(abre e fecha a mão em direção ao cachorro como que passando perfume) PANTOMIMA					00:00:57.245	00:00:58.425
23	(com a mão esquerda mantendo o cachorro suspenso e com a mão direita folheia a revista) GESTICULAÇÃO					00:00:58.430	00:00:59.910
24	(solta o cachorro e continua a manipular a revista) GESTICULAÇÃO					00:00:59.925	00:01:00.425
25	(com as duas mãos abre a revista) GESTICULAÇÃO					00:01:00.430	00:01:02.230
26	(com a mão direita simula pegar um perfume) PANTOMIMA					00:01:02.245	00:01:03.265
27	(suspende o cachorro simulando estar passando perfume nele) PANTOMIMA					00:01:03.270	00:01:04.510
28	(coloca o cachorro na cama e simula passar perfume nele) PANTOMIMA					00:01:04.525	00:01:05.845
29	(suspende o cachorro na frente da bebê) GESTICULAÇÃO					00:01:05.850	00:01:07.990
30	(simula passar perfume no cachorro) PANTOMIMA					00:01:08.005	00:01:09.265
31	(bate na mão da bebê) EMBLEMA					00:01:09.270	00:01:10.920
32	(com a mão esquerda segura o cachorro e a mão direita estrega a cabeça do cachorro) PANTOMIMA					00:01:11.480	00:01:14.030
33	(coloca o cachorro no colo) GESTICULAÇÃO					00:01:14.040	00:01:14.790
34	(estrega a mão no cachorro) PANTOMIMA					00:01:14.800	00:01:16.400
35	(passa a mão na revista) EMBLEMA					00:01:16.415	00:01:17.225
36	(passa amão no cachorro) PANTOMIMA					00:01:17.225	00:01:18.645
37	(segura o cachorro na frente da bebê) GESTICULAÇÃO					00:01:18.660	00:01:22.320
38	(passa a mão na revista) EMBLEMA					00:01:22.320	00:01:22.810
39	(passa a mão no cachorro) PANTOMIMA					00:01:22.820	00:01:24.150
40	(beija o cachorro) EMBLEMA					00:01:24.750	00:01:25.940
41	(coloca o cachorro na frente da bebê) GESTICULAÇÃO					00:01:26.910	00:01:29.680
42	(coloca o cachorro em cima da cama) GESTICULAÇÃO					00:01:29.690	00:01:30.980
43	(afasta o cachorro) GESTICULAÇÃO					00:01:30.990	00:01:33.420
44	(pega a mamadeira) EMBLEMA					00:01:33.430	00:01:33.920
45	(entrega a mamadeira a bebê) EMBLEMA					00:01:33.920	00:01:35.300
46	(coloca o cachorro na frente da bebê) GESTICULAÇÃO					00:01:36.525	00:01:38.065
47	(segura o cachorro na frente da bebê) GESTICULAÇÃO					00:01:38.065	00:01:45.005
48	(coloca a mamadeira na boca do cachorro) PANTOMIMA					00:01:46.290	00:01:49.290
49	(mexe os dedos para cima e para baixo, palma virada para o corpo na frente da boca) SINAL					00:01:54.550	00:01:55.450
50	(bate insistentemente na perna da bebê) EMBLEMA					00:01:55.680	00:01:57.880
51	(solta o cachorro na cama) GESTICULAÇÃO					00:01:58.835	00:01:59.605
52	(chama a bebê com a mão) EMBLEMA					00:01:59.625	00:02:00.180
53	(mexe os dedos para cima e para baixo, palma virada para o corpo na frente da boca) SINAL					00:02:00.180	00:02:01.330
54	(aponta para o cachorro) SINAL					00:02:01.380	00:02:01.740
55	(suspende o cachorro em frente a bebê) GESTICULAÇÃO					00:02:01.755	00:02:04.145
56	(pega a mamadeira da mão da bebê e a gira) GESTICULAÇÃO					00:02:04.155	00:02:06.905
57	(segura a mamadeira na boca do cachorro e com a outra mão mexe os dedos para cima e para baixo, palma virada para o corpo na frente da boca) PAN					00:02:06.940	00:02:08.290
58	(aponta para o cachorro com a mão aberta) PANTOMIMA					00:02:08.310	00:02:08.890
59	(mexe os dedos para cima e para baixo, palma virada para o corpo na frente da boca) SINAL					00:02:09.465	00:02:09.615
60	(aponta para o cachorro com a mão aberta) PANTOMIMA					00:02:09.625	00:02:09.815
61	(mexe os dedos para cima e para baixo, palma virada para o corpo na frente da boca) SINAL					00:02:09.825	00:02:10.545
62	(aponta para o cachorro enquanto mantém mamadeira na boca dele) SINAL					00:02:10.800	00:02:11.750
63	(mantém a mamadeira na boca do cachorro) PANTOMIMA					00:02:11.760	00:02:14.190
64	(aponta para o cachorro) SINAL					00:02:15.250	00:02:16.480
65	(mexe os dedos para cima e para baixo, palma virada para o corpo na frente da boca) SINAL					00:02:16.490	00:02:16.330
66	(passa a mão na cabeça do cachorro) EMBLEMA					00:02:17.115	00:02:18.905
67	(segura o cachorro e resiste o entregar a bebê) EMBLEMA					00:02:19.215	00:02:22.055
68	(bate com a mamadeira na mão da bebê) EMBLEMA					00:02:22.065	00:02:23.125
69	(segura a mão da bebê e a faz soltar o cachorro) EMBLEMA					00:02:23.355	00:02:24.475
70	(abraça o cachorro) EMBLEMA					00:02:24.480	00:02:26.410
71	(mão direita segura o cachorro e esquerda vai em direção da bebê e volta) EMBLEMA					00:02:26.570	00:02:27.660
72	(coloca o cachorro no colo da bebê) EMBLEMA					00:02:27.665	00:02:29.375

Logo após a produção do gesto pantomímico da mãe em passar perfume spray no cachorro (quadro 43, em laranja), ela continua essa ação aproximando o cachorro da bebê (49 a 56 segundo), passando a mão na revista, como quem está a segurar algo, vai até o cachorro (56 a 57 segundo), abre e fecha a mão em direção ao cachorro como que passando perfume nele (entre 57 a 58 segundos), com a

mão esquerda mantendo o cachorro suspenso e com a mão direita folheia a revista (58 a 59 segundos), soltando o cachorro e manipulando a revista (59 segundos a 1 minuto), abrindo a revista (1 minuto a 1 minuto e 02 segundos), simulando pegar um perfume da revista (1 minuto e 02 segundos a 1 minuto e 03 segundos), simulando passar perfume spray no cachorro suspenso (1 minuto e 03 segundos a 1 minuto e 04 segundos) e, na cama, (de 1 minuto e 04 segundos a 1 minuto e 05 segundos) e finalmente quando suspende o cachorro na frente da bebê (1 minuto e 05 segundos a 1 minuto e 07). A bebê corresponde se aproximando da revista (42 segundos a 49), simula passar perfume no cachorro (49 a 50 segundos), reproduzindo o gesto pantomímico da mãe resultando em uma correspondência comunicativa e ACD.

CENA 6:

Contexto: Bebê brinca de riscar um caderno e mãe tenta interagir ou participar da brincadeira
Díade bebê: 22 meses e 03 dias



Nesta situação de comunicação entre nossa díade, a bebê usa o batente da área de ventilação da casa, que chamamos de mureta em toda a transcrição, para apoiar um caderno no qual está riscando, a mãe senta ali e tenta chamar a

atenção da bebê para interagir ou se inserir na brincadeira. Esta tentativa da mãe, rende-nos algumas sessões de AC e Recursos Multimodais interessantes que seguem na discussão.

A priori, temos a bebê engajada numa atenção diádica com o caderno (quadro 44, em destaque mostarda). Com a chegada da mãe a atenção passa a ser triádica (a partir dos 14 segundos de cena).

Quadro 44 - Trilha olhar da bebê

Comments		Reconhecedores		Metadados		Controles	
Grade		Texto		Legenda		Lexicon	
▼	olhar da bebê						
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final
	1	'para o caderno'				00:00:12.750	00:00:14.260
	2	'para o rosto da mãe' Atensão de Verificação				00:00:14.260	00:00:14.740
	3	'para a mão da mãe' Atensão Direta				00:00:14.740	00:00:15.250
	4	'para o caderno'				00:00:16.197	00:00:17.727
	5	'para o rosto da mãe' Atensão de Acompanhamento				00:00:17.787	00:00:18.657
	6	'para as mãos da mãe' Atensão de Acompanhamento				00:00:18.677	00:00:18.897
	7	'para o caderno'				00:00:19.117	00:00:25.027
	8	'para a mãe' Atensão de Verificação				00:00:25.037	00:00:26.612
	9	'para a mão da mãe' Atensão de Acompanhamento				00:00:26.612	00:00:26.822
	10	'para a pesquisadora' Atensão de Verificação				00:00:26.830	00:00:27.960
	11	'para o caderno'				00:00:27.960	00:00:31.860
	12	'para a mão da mãe' Atensão de Acompanhamento				00:00:31.875	00:00:32.895
	13	'para o rosto da mãe' Atensão de Verificação				00:00:32.900	00:00:33.260
	14	'para o caderno'				00:00:33.270	00:00:40.340
	15	'para a mãe' Atensão de Acompanhamento				00:00:40.340	00:00:41.290
	16	'para pesquisadora' Atensão de Verificação				00:00:47.180	00:00:47.650
	17	'para a mãe' Atensão de Verificação				00:00:47.660	00:00:49.270
	18	'para a mãe' Atensão de Acompanhamento				00:00:51.420	00:00:52.090
	19	'para a mão da mãe' Atensão de Acompanhamento				00:00:52.100	00:00:52.790
	20	'para a mãe'				00:00:53.240	00:00:54.360

A mãe tenta a todo momento interagir com a bebê pedindo os objetos que a bebê está usando, uma vez que esta não corresponde. A mãe muda de estratégia tentando participar da brincadeira de riscar o caderno, tentando tomar os objetos da bebê, mais uma vez não sendo permitido seu envolvimento na brincadeira, ela passa a se impor tentando pegar a caneta, colocando a mão sobre o caderno e até

tomando o caderno e a caneta das mãos da bebê. Esta responde às investidas da mãe com gritos, esperneios, afastamento do caderno, tirada brusca da mão da mãe de cima do caderno e da caneta, emblema de negação balançando a cabeça ou o corpo para os lados, se afastando momentaneamente e até sai de perto dela.

Desta forma, dividiremos esta cena em 2 momentos, o primeiro envolve a tentativa da mãe em interagir com a criança, solicitando os objetos, extrato 1; num segundo momento, extrato 2, a mãe parte para tentar entrar na brincadeira tomando a caneta da criança.

Cena 6 / Extrato 1:

Este extrato inicia com a mãe se aproximando da bebê (dos 15 aos 16 segundos), tentando chamar a atenção dela (dos 16 a 28 segundos) a tocando e sinalizando a pedir os objetos com o sinal de Libras {dá} nos segundos de 17 a 19, nos 25 segundos e 26 a 28 segundos, como no quadro 37.

Quadro 45 – Trilha gesto da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da mãe						
>	N			Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final
	1	(passa na frente da câmara)				00:00:15.020	00:00:15.880
	2	(senta-se na mureta)				00:00:15.870	00:00:16.750
	3	(toca varias vezes no braço da bebé a chamando atenção)				00:00:16.762	00:00:17.622
	4	(as duas mãos abertas estendidas na frente do corpo) SINAL				00:00:17.707	00:00:19.787
	5	(toca na mão da bebé)				00:00:20.340	00:00:21.660
	6	(palma da mão esquerda para cima em direção a bebé) SINAL				00:00:21.666	00:00:23.755
	7	(toca a mão da bebé)				00:00:23.766	00:00:25.200
	8	(palma da mão esquerda para cima em direção a bebé) SINAL				00:00:25.200	00:00:25.980
	9	(palma da mão esquerda para cima em direção a bebé e bate com as pontas da mão direita na palma da mão esquerda) SINAL				00:00:25.996	00:00:26.696
	10	(ambas as mãos com palma para cima em direção da bebé) SINAL				00:00:26.700	00:00:28.200
	11	(a mão esquerda vai em direção a caneta e a segura) EMBLEMA				00:00:30.096	00:00:32.496
	12	(ambas as mãos com as palmas para cima) SINAL				00:00:33.320	00:00:33.860
	13	(mão esquerda vai até o caderno e o puxa com as pontas dos dedos para próximo de si)				00:00:33.875	00:00:34.975
	14	(com o dorso da mão direita bate no braço da bebé por várias vezes)				00:00:39.550	00:00:40.320
	15	(palmas das mãos para cima, mão esquerda parada e bate o dorso da mão direita na palma da esquerda algumas vezes) SINAL				00:00:40.320	00:00:41.180
	16	(ambas as mãos se abrem e se separam, em direção a bebé) GESTICULAÇÃO				00:00:41.196	00:00:41.696
	17	(palma da mão para cima abre e fecha em direção a bebé, e dá passos para trás) EMBLEMA				00:00:50.190	00:00:50.830
	18	(bate com a mão esquerda na mureta) EMBLEMA				00:00:52.025	00:00:52.805
	19	(mão direita segura a tampa da caneta e bate com a mão esquerda na mureta) EMBLEMA				00:00:54.290	00:00:55.030
	20	(coloca a tampa na caneta)				00:00:55.065	00:00:57.405
	21	(segura o caderno e o coloca na mureta) EMBLEMA				00:00:57.445	00:00:58.735
	22	(com a mão esquerda segura o caderno e com a palma da mão direita para cima em direção a bebé) EMBLEMA e SINAL				00:00:58.735	00:00:59.105
	23	(palma da mão esquerda para cima em direção a bebé) SINAL				00:00:59.115	00:00:59.705
	24	(mão esquerda toca o braço da bebé por algumas vezes)				00:01:04.820	00:01:05.720
	25	(mão esquerda vai em direção a caneta e a segura) EMBLEMA				00:01:05.996	00:01:08.710
	26	(mão esquerda segura e tenta tirar a caneta da mão da bebé) EMBLEMA				00:01:06.710	00:01:06.890
	27	(mão esquerda segura e puxa a caneta da mão da bebé e a mão direita toca a mão da bebé) EMBLEMA				00:01:06.896	00:01:07.375
	28	(troca a caneta de mão)				00:01:07.385	00:01:08.035
	29	(leva a caneta ao caderno e escreve) PANTOMIMA				00:01:08.045	00:01:10.675
	30	(deixa a bebé pegar a caneta)				00:01:10.685	00:01:11.045
	31	(caminha ao encontro da bebé)				00:01:26.120	00:01:27.280
	32	(dá a mão a bebé) GESTICULAÇÃO				00:01:27.260	00:01:27.750
	33	(se senta com as pernas cruzadas)				00:01:27.750	00:01:31.860
	34	(segura a bebé e a coloca no colo) EMBLEMA				00:01:31.870	00:01:34.080
	35	(coloca a mão esquerda aberta no caderno) EMBLEMA				00:01:40.270	00:01:42.360
	36	(tem a mão retrada pela bebé)				00:01:42.370	00:01:43.550
	37	(mão esquerda vai ao caderno e mão direita segura a mão da bebé)				00:01:45.355	00:01:47.410
	38	(mão esquerda mantém a mão da bebé no caderno e mão direita segura a caneta) EMBLEMA				00:01:47.410	00:01:49.130
	39	(dedo indicador da mão direita toca a penna da bebé varias vezes)				00:01:53.370	00:01:54.940
	40	(o dedo indicador da mão direita percorre a página do caderno, imita que está escrevendo com a ponta do dedo) PANTOMIMA				00:01:54.960	00:01:56.800
	41	(acomoda uma mão sobre a outra em cima do caderno)				00:01:56.810	00:01:59.480
	42	(a mão esquerda é retrada pela bebé)				00:01:59.490	00:02:00.650
	43	(a mão direita é retrada pela bebé)				00:02:00.655	00:02:01.825
	44	(coloca as mãos no caderno)				00:02:02.230	00:02:06.980
	45	(tem a mão direita retrada pela bebé)				00:02:06.990	00:02:08.010
	46	(toca a penna da bebé insistentemente)				00:02:09.305	00:02:12.325
	47	(ambas as mãos vão a Frente do corpo abrindo e fechando em direção a caneta) GESTICULAÇÃO				00:02:13.570	00:02:14.730
	48	(ergue ambas as mãos) GESTICULAÇÃO				00:02:15.695	00:02:15.955
	49	(abaixa as mãos até o caderno o tapando)				00:02:16.960	00:02:18.970
	50	(segura a bebé pela penna) EMBLEMA				00:02:22.510	00:02:23.520
	51	(segura a bebé pelo braço) EMBLEMA				00:02:23.530	00:02:24.240
	52	(segura a bebé e a põe no colo) EMBLEMA				00:02:24.250	00:02:27.760
	53	(coloca a bebé no chão) EMBLEMA				00:02:27.760	00:02:28.840
	54	(puxa o braço da bebé) EMBLEMA				00:02:28.855	00:02:29.610
	55	(mão fechada com os dedos polegar e menor estendidos, as mãos fazem movimento circular desencontrados no espaço neutro) SIN...				00:02:29.610	00:02:30.860
	56	(mão direita aberta, palma voltada para o corpo, vai em direção o torax da mãe) SINAL				00:02:30.870	00:02:31.200
	57	(segura o braço da bebé) EMBLEMA				00:02:31.210	00:02:31.610
	58	(a puxa pelo braço) EMBLEMA				00:02:31.625	00:02:32.735
	59	(puxa a penna da bebé) EMBLEMA				00:02:32.735	00:02:33.635
	60	(puxa a bebé pelo braço várias vezes e a faz balançar) EMBLEMA				00:02:33.640	00:02:42.030
	61	(segura o caderno e o tira da mão da bebé) EMBLEMA				00:02:42.030	00:02:43.070
	62	(folheia o caderno)				00:02:43.085	00:02:44.405
	63	(inclina o caderno em direção a bebé e aponta para um ponto nele) APONTAÇÃO				00:02:44.410	00:02:46.500
	64	(mão aberta dedos unidos, palma da mão para baixo com movimentos para cima e para baixo) GESTICULAÇÃO				00:02:46.500	00:02:47.210
	65	(aponta para um ponto no caderno) APONTAÇÃO				00:02:47.210	00:02:48.000

Quadro 46 - Trilha sinal em Libras da mãe

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	sinal da mãe						
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final
▶	1	(dá)				00:00:17.692	00:00:19.782
	2	(dá)				00:00:21.762	00:00:23.902
	3	(dá)				00:00:25.330	00:00:28.320
	4	(dá)				00:00:33.320	00:00:33.860
	5	(estudar)				00:00:40.630	00:00:41.400
	6	(vem, vem, vem)				00:00:50.160	00:00:50.810
	7	(dá)				00:00:58.830	00:00:59.600
	8	(brincar)				00:02:29.870	00:02:30.820
	9	(eu)				00:02:30.830	00:02:31.180

Após as investidas da mãe, a bebê continua a escrever (dos 16 a 18 segundos), manipular o caderno (dos 18 a 24 segundos), e esperneia como num gesto desesperado de negação em relação à atitude da mãe, como podemos observar no quadro 47 (em destaque salmão).

Quadro 47 – Trilha gesto da bebê

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	gesto da bebê						
>	N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final
	1	(risca um caderno da unimed) PANTOMIMA				00:00:12.860	00:00:14.230
	2	(dá um passo em direção da mãe)				00:00:14.230	00:00:14.960
	3	(ergue o braço na direção da mãe, como que a chamar) EMBLEMA				00:00:14.960	00:00:15.190
	4	(volta a por a caneta no caderno) PANTOMIMA				00:00:15.850	00:00:16.500
	5	(segura caneta e escreve no caderno) PANTOMIMA				00:00:16.512	00:00:18.722
	6	(muda de fonte e continua riscando) EMBLEMA				00:00:18.732	00:00:24.872
	7	(com as mãos no caderno esperneia batendo os pés no chão)				00:00:24.877	00:00:28.907
	8	(se apoia na mureta e escreve no caderno) PANTOMIMA				00:00:28.917	00:00:31.757
	9	(sustenta a caneta) PANTOMIMA				00:00:31.762	00:00:32.542
	10	(segura a caneta com ambas as mãos e dá um passo para trás) PANTOMIMA				00:00:32.557	00:00:33.287
	11	(se reaproxima do caderno)				00:00:33.297	00:00:33.797
	12	(volta a escrever) PANTOMIMA				00:00:33.802	00:00:34.762
	13	(puxa o caderno para longe da mãe, escrevendo) PANTOMIMA				00:00:34.772	00:00:36.502
	14	(reaproxima o caderno da mãe e permanece escrevendo) PANTOMIMA				00:00:36.512	00:00:40.332
	15	(para de escrever, mas permanece com a caneta no caderno) PANTOMIMA				00:00:40.340	00:00:41.420
	16	(risca no caderno) PANTOMIMA				00:00:41.425	00:00:42.680
	17	(pega o caderno e vai para o quarto) EMBLEMA				00:00:42.680	00:00:48.150
	18	(sai do quarto)				00:00:48.160	00:00:52.310
	19	(um passo para frente, abaixa um pouco o corpo e bate na mureta com a mão que segura a caneta) PAN...				00:00:52.315	00:00:53.065
	20	(parada na porta do quarto)				00:00:53.060	00:00:54.070
	21	(se reaproxima da mureta)				00:00:54.080	00:00:54.370
	22	(tenta colocar o caderno na mureta) PANTOMIMA				00:00:54.370	00:00:56.470
	23	(para de segurando o caderno pendurado e a caneta)				00:00:56.485	00:00:57.325
	24	(segura o caderno e a caneta)				00:00:57.330	00:00:58.500
	25	(puxa o caderno para longe da mãe, riscando e batendo os pés) PANTOMIMA				00:00:58.500	00:01:02.400
	26	(risca caderno com corpo encurvado) PANTOMIMA				00:01:02.410	00:01:04.210
	27	(mantém a caneta no caderno, se ergue e bate os pés)				00:01:04.225	00:01:07.395
	28	(se levanta e anda para trás balançando a mão direita) GESTICULAÇÃO				00:01:07.405	00:01:08.725
	29	(ergue os braços e fica de ponta de pé) GESTICULAÇÃO				00:01:08.740	00:01:09.570
	30	(se abaixa)				00:01:09.580	00:01:09.790
	31	(se levanta em um pulo curto)				00:01:09.810	00:01:10.290
	32	(caminha em direção a caneta e a segura) EMBLEMA				00:01:10.305	00:01:10.795
	33	(puxa a caneta da mão da mãe) PANTOMIMA				00:01:10.805	00:01:11.080
	34	(segurando a caneta leva as mãos ao caderno) PANTOMIMA				00:01:11.080	00:01:12.580
	35	(pega o caderno e sai) EMBLEMA				00:01:12.610	00:01:15.430
	36	(caminha na sala)				00:01:15.440	00:01:16.640
	37	(se agacha e coloca o caderno no chão)				00:01:16.645	00:01:18.245
	38	(se ajoelha)				00:01:18.250	00:01:19.420
	39	(risca o caderno) PANTOMIMA				00:01:19.430	00:01:20.780
	40	(segura a caneta no caderno) PANTOMIMA				00:01:20.790	00:01:21.710
	41	(ajoelhada, com as mãos no caderno, a direita segura o lápis) PANTOMIMA				00:01:21.735	00:01:22.030
	42	(com a mão direita no chão, apoiando o corpo, ergue a mão em direção a mãe e abre e fecha) PANTOMI...				00:01:22.030	00:01:25.040
	43	(volta ambas as mãos para o caderno e se acomoda de joelho)				00:01:25.050	00:01:25.590

Neste mesmo extrato de cena podemos ver alguns recursos multimodais usados pela mãe em busca de interação com a bebê.

Dos 16 aos 18 segundos, ao tempo em que a bebê pratica um gesto pantomímico de escrever no caderno, olha para o rosto da mãe e para a mão dela, em seguida volta o olhar para o caderno, reportando-nos a AC de Acompanhamento no decorrer dos 17 segundos aos 18 segundos de cena (como mostra-nos o quadro 47, destaque em mostarda), visto que a mãe está produzindo um sinal - {dá}, em pedido pelos objetos em poder da bebê.

Cena 6 / Extrato 2:

O extrato 2 refere-se ao momento em que a mãe decide investir mais intensamente e não ficar apenas pedindo, passa a revezar entre pedir e tentar pegar os objetos da bebê, finalizando com a ação da bebê em resposta a isso.

Podemos acompanhar que parte da mãe a primeira atitude que é de segurar a caneta (30 a 32 segundos), em posterior ela sinaliza pedindo o objeto – {dá} (no 33 segundo), puxa o caderno (dos 33 aos 34 segundos) e faz novamente o sinal – {dá} (dos 40 aos 41 segundos), em destaque verde claro no quadro 37.

Tais atitudes e insistência por parte da mãe geram algumas respostas na bebê, e por fim ela pega seus objetos e sai de perto da mãe, como mostra o quadro 48:

Quadro 48 – Mescla trilhas gesto da mãe e da bebê

Mãe	Bebê
Segura a caneta (30 a 32 segundos)	Sustenta a caneta (31 a 32 segundos)
Produz o sinal {dá} Sinal (32 a 33 segundos)	Segura caneta e dá passo para trás (32 a 33 segundos)
Com as pontas dos dedos, puxa o caderno para si (33 a 34 segundos)	Volta a escrever (33 a 34 segundos)
	Puxa o caderno para longe da mãe (34 a 36 segundos)
Bate no braço da bebê com o dorso da mão (39 a 40 segundos)	Reaproxima o caderno da mãe (36 a 40 segundos)
Bate com o dorso da mão direita na bebê e com mão esquerda produz o Sinal {dá} (40 a 41 segundos)	Risca o caderno (41 a 42 segundos)
E ambas as mãos se separam com palmas para cima em direção a bebê (segundo 41)	
	Pega o caderno e entra para o quarto (42 a 48 segundos)

Fonte: A autora

No quando acima temos, do lado esquerdo a descrição dos gestos da mãe e do lado direito da bebê. Enquanto a mãe usa de gestos emblemáticos para conseguir o lápis a bebê também faz uso de gestos emblemáticos para manter-se com o objeto, e esse gesto tem uma carga de negação em resposta às investidas da mãe que finda a criança saindo de perto dela.

Em busca de compreender a AC em uma bebê surda, analisamos as ACs em 6 (seis) cenas interativas, em cada uma delas descrevemos os elementos multimodais que envolviam-nas, e percebemos a influência desses elementos na interação da díade mãe ouvinte – bebe surda.

Vimos que os gestos emblemáticos e pantomímicos exercem influências na interação cooperando para a interação da díade através do canal visual, já que o canal auditivo da bebê tem suas limitações biológicas. E que quando a mãe investia na vocalização era ignorada pela bebê, mas nas cenas em que usou gestos e sinais, ganhou a atenção da bebê e retorno às provocações.

Observamos ainda que a bebê surda assim como os bebês ouvintes desenvolvem capacidade de envolvimento em AC diádicas, triádicas e quaternárias.

A cena 1 / extrato 2 é iniciada com a mãe produzindo a pantomima de jogar algo fora, seguido da pantomima de pegar, acompanhando a fala e conclui o extrato com o sinal da Libras – GUARDAR. Identificamos que a produção de gestos e sinal de LS por parte da mãe resulta na conquista do olhar da bebê – ACA (olha para a mãe) e correspondência a esse olhar com um meneio de cabeça, ou seja, interação.

Após toda a análise da díade, considerando que os gestos são elementos que compõem a interação e estão presentes nas línguas, inclusive nas LS, pode-se questionar como diferenciar esses dois elementos quando a LS é uma língua espaço-visual, e os sinais (itens lexicais) realizam-se no mesmo local em que os gestos.

Para tanto, propomos a retomada do quadro 4 em vistas a elaboração de um outro quadro em que podemos mostrar as semelhanças e diferenças encontradas entre sinal e gesto dentro de uma perspectiva multimodal.

Quadro 49 – Semelhanças e diferenças entre Sinal e gestos

Sinais	Gestos
Exibem um modelo sistemático de forma	São verificadas estruturas internas
Pertencem a categorias lexicais	Podem adquirir funções lexicais durante a execução
Possuem elementos com significado (morfemas) para a composição de novas palavras	Podem adquirir significações morfológicas na produção
São governados por regras semânticas	O significado pode ser global, analítico e segmentado
Seguem restrições universais no nível sintático	Pode exercer função sintática no contexto da produção

Fonte: A autora

O quadro acima é uma proposta de comparação entre gesto e Sinal. Para o elaborar, fizemos um comparativo entre o quadro apresentado por Correia (2007, p.40) (quadro 4) e os quadros do *Continuum* de Kendon (1998) (quadro 1) e Categoria dos gestos (quadro 2).

Analisando o quadro proposto temos que o gesto, ao ser produzido, adquire uma forma, chamada por Kendon (2006) de anatomia do gesto¹⁵. Isto nos mostra o gesto como algo que possui uma estrutura interna e passível de ser estudada assim como o sinal o é por ser composto de parâmetros formacionais (CM, PA, M, Or, EF, basicamente) apresentados anteriormente, no item 1.1 deste.

Retomando o *Continuum* de Kendon (1998), quanto a lexicalidade, os emblemas são gestos que sua forma de significação é lexicalizada assim como quando se analisa as propriedades linguísticas, podemos perceber os gestos com significações morfológicas, fonéticas e sintáticas, por exemplo os dêiticos. Quanto ao significado, Correia (2007, p.40) indica que os gestos são globais, quando podem ser global e segmental, sendo gesticulação e pantomima, global; e emblema e LS, segmental (ÁVILA NÓBREGA, 2010).

¹⁵ A anatomia dos gestos apresentada por Kendon (2006) é preparação, golpe, retração e pré- ou pós- golpe, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo da importância da aquisição de linguagem na vida do ser humano e do prejuízo que a falta de uma língua pode causar, tanto individualmente quanto socialmente, nos preocupa o fato de 90% das crianças surdas nascerem em famílias ouvintes, desconhecedoras de uma língua sinalizada.

Por tanto, buscamos observar como a Atenção Conjunta e a Multimodalidade podem servir de ferramentas interativas para estas famílias. O fato de a criança ter capacidade de se ater as ações que acontecem em seu entorno, armazenar as informações visuais e as reproduzir nos momentos interativos pode auxiliar na interação e, ao adulto é interessante que esteja atento ao gestos da criança surda e aberto a também fazer uso de gestos e sinais.

Iniciamos nossa pesquisa com o objetivo de analisar o contexto das cenas de Atenção Conjunta (AC), compreender o modo como esta interfere na interação da díade mãe-bebê surda e discutir de que maneira os recursos multimodais como olhar, vocalização, gestos, inclusive a expressão facial usados pela bebê surda nessas cenas.

Tínhamos como objetivos específicos analisar a AC na interação mãe ouvinte-bebê surda e descrever os recursos multimodais usados pela bebê surda nas cenas de AC; refletir sobre a singularidade do funcionamento da AC na aquisição de linguagem de uma bebê surda em processo de Aquisição de Linguagem; identificar a influência dos elementos multimodais na interação da díade.

Para tanto, abordamos as teorias sobre AC na aquisição da linguagem, acerca da Multimodalidade por Tomasello (1997; 1999; 2003; 2007), Kendon (1985), dentre outros e devido a especificidade da participante ser surda, trouxemos também alguns pressupostos teóricos que envolvem o surdo, a surdez, as línguas de sinais e a Libras.

Por ser uma pesquisa naturalística, fizemos filmagens de alguns momentos da bebê surda com a mãe que envolveram contextos naturalísticos do seu cotidiano, como por exemplo situações de brincadeira e de alimentação, para citar dois exemplos. Foram registradas cenas da bebê surda desde 16 até seus 22 meses o que nos leva a uma pesquisa de corte longitudinal.

Para as análises, consideramos 6 (seis) vídeos, com o intervalo de cerca de 1 (um) mês de filmagem entre eles, dos quais selecionamos 6 cenas e das cenas foram recortados extrato(s) mediante a aparição das cenas de AC. Dentro de cada extrato também contabilizamos os elementos multimodais usados pela bebê. Para chegar às análises, precisamos transcrever as cenas usando o *software* ELAN, de onde produzimos as trilhas do olhar, fala, expressão facial, gesto e fala (vocalização).

Na análise quantitativa buscamos mensurar os tipos de AC em cada cena, consideramos os tipos de AC elencados por Carpenter, Nagell, e Tomasello (1998): AC de acompanhamento, de verificação e direta. Como resultados, temos que criança surda pesquisada demonstra, aos 16 meses, as 3 ACs, tal como crianças ouvintes, com maior frequência na ocorrência de AC de acompanhamento em detrimento das demais ACs em praticamente todas as cenas. A ACD foi a menos observada, o que não indica que a bebê não a produza, mas ela tem uma postura que indica maior tempo de observação.

Além do olhar, também nos preocupamos em investigar a produção gestual da bebê tomando como base de nossas análises os tipos de gesto indicados pelo *Continuum* de Kendon (MCNEILL, 2000) que são, a gesticulação, os emblemas, as pantomimas, e os sinais. No que se refere a análise quantitativa, pudemos perceber que a bebê surda não produz muita gesticulação, e que, embora o número de sinais da Libras seja mínimo, com apenas 1 ocorrência registrada, a produção de pantomima e de emblemas é observada com maior frequência, o que pode nos indicar desde a tentativa de convencionalização de gestos, à aquisição de outros gestos para interagir através do canal visuo-espacial. O pequeno número de sinal da Libras encontrado pode ser justificado pelo fato de a participante não ter contato com falante fluente de Libras diariamente.

Qualitativamente, focando nos recursos multimodais, entre olhar, vocalização, gestos, expressões faciais, e sinais, percebemos que através das transcrições, ponderando esses elementos usados pela mãe (mesmo que a mãe não tenha sido nosso foco de nossos estudos) e os reproduzidos pela bebê, percebemos que da primeira para a última cena analisada, a mãe reduz as vocalizações, aumenta o uso dos gestos, e até de sinais conseguindo atingir a atenção da bebê, e a bebê passa a usar mais gestos também. As vocalizações da bebê surda pesquisada envolvem risos e balbucios, mas não evoluem para as holófrases. Os gestos da bebê, por sua vez, parecem ser bem carregados de informação comunicativa, mesmo sem tanto contato com a Libras ela usa alguns sinais que a família usa com ela e também reutiliza gestos emblemáticos e pantomímicos que auxiliam na sua interação com a família.

Adicionado a isto, podemos perceber uma aquisição de língua deficitária, pois na idade de 21 meses a bebê não está adquirindo uma língua oral (embora faça tratamento com fonoaudiólogo) e o contato com a Libras é restrito a impossibilitando o desenvolvimento da Libras de maneira proporcional ao que é observado em outras crianças surdas nesta mesma faixa etária (expostas a Libras).

Contudo, concluímos que os gestos quer sejam emblemáticos ou pantomímicos, podem ser uma ferramenta relevante para a interação com pessoas surdas, que os gestos auxiliam na interação, mas de forma restrita, em contexto familiar, onde esses gestos são conhecidos por fazerem parte do convívio familiar; que nossa bebê surda investigada também tem capacidade de dedicar atenção diádica, triádica e quaternária, assim como crianças ouvintes.

Com esta pesquisa, sentimos a necessidade de mais pesquisas com as crianças surdas e seu desenvolvimento linguístico para uma maior conscientização sobre a importância da língua para o desenvolvimento completo da criança e indicamos pesquisas baseadas em cenas de AC e de Multimodalidade com crianças surdas que não são expostas à LS ou que têm uma exposição tardia, pesquisas comparativas entre crianças ouvintes e surdas em fase de aquisição de linguagem.

REFERÊNCIAS

ALINE, L. P. & QUADROS, R. M de. **Aquisição da Língua de Sinais**. Florianópolis: UFSC, 2011

ALBANO, E. Da fala à linguagem tocando de ouvido. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Gesto e seus bordas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (LSB): um estudo de caso longitudinal**.

Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

ÁVILA NÓBREGA, P. V. **Dialogia mãe-bebê: a emergência do envelope multimodal em contexto de atenção conjunta**. Dissertação de mestrado. João Pessoa: UFPB, 2010.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRUNER, J. Childs Talk. **Learning to use language**. New York: Norton, 1983

CAVALCANTE, M. C. B., NÓBREGA, P. V. A. **Aquisição de linguagem e dialogia mãe-bebê: o envelope multimodal em foco em contextos de atenção conjunta**. Revista Investigações, Recife, Vol. 25, nº 2, p. 157-183, julho de 2012.

CAVALCANTE, M. C. B. **Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal**. Rev. de Letras - Nº. 31 - Vol. (1/2) jan./dez. – 2012, p. 9-16.

_____. **Rotinas Interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso**. In: Investigações, UFPE, v. 21, 2009. p. 153-170.

_____. **Aquisição da linguagem: nas trilhas do interacionismo**. Cadernos do LAFE, 2006. 1:12-17.

_____. **Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê.** Tese de doutorado em linguística. Campinas: UNICAMP, 1999.

_____. **O gesto de apontar como processo de co-construção nas interações mãe criança.** Dissertação de Mestrado. UFPE, 1994.

CORREA, R. B. de S. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos.** Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

COSTA FILHO, J. M. S. **“Olá, Pocoyo!” A construção da atenção conjunta infantil com o desenho animado.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011

_____. **Perspectivas sobre atenção conjunta: da aquisição à consolidação da linguagem.** Artigo apresentado no Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem - ENAL. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013

DEL RÉ, Alessandra (org.). A pesquisa em aquisição de linguagem: teoria e prática. In: **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística.** São Paulo: Contexto, 2006.

DEL RÉ, A; PAULA, L. de; MENDONÇA, M. C. (org.). Aquisição da Linguagem e estudos bakhtinianos do discurso. In: **A Linguagem da criança: um olhar bakhtiniano.** São Paulo: Contexto, 2014, p. 17-30

DOMÍNGUEZ, M. E. The work of the face: Study of facial mobility in hearing learners of a sign language. In: CAVE, C; GUAÍTELA, I; SANTI, S. (Eds.) **Oralitéetgestualité: interactions et comportementsmultimodauxdans la communication** L'harmattan. Paris, 2001, p. 219-222.

DORE, J. Holophrases speech acts and language universals. **Journal of Child Language**, 2. ed. 1975, p.21-40,
EKMAN, P. & FRIESEN, W. V. **Unmasking the face. A guide to recognizing emotion from facial clues.** EnglewoodCliffs: Prentice-Hall, 1975.

FARIAS, G. C. O que os bebês sabem? Um modo diferenciado de pensar o bebê. *Revista Estudos*, Goiânia, 33 v., n. 9/10, p. 813-831, 2006.

FONTE, R. F. L. de (et. al.) (org.). A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS, I. do R (et. al.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. Curitiba: Ed. CRV, 2014, p. 11-26

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e conceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2009

GOLDFELD, Marcia. **A Criança Surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2a edição. São Paulo: Plexus Editora, 2002. 172p.

GOLDIN-MEADON, S. Structure in a manual communication system developed without a convencional language model: language without a helping hand. In: WHITAKER, H. (Org.). **Neurolinguistics**, v. 4. Nova York: Academic Press, 1979, p. 125-209

GUARINELLO, A. C; CLAUDIO, D. P.; FESTA, P. S. V.; Paciornik, R. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes-filhos surdos. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, n 46, p. 151-168, 2013.

JOKINEN, M. Alguns pontos de vista sobre a educação dos surdos nos países nórdicos. In: SKLIAR, C (Org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos: processos e projetos pedagógicos**. 4ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013, p. 105-127.

KARNOPP, L.B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos**. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 1994.

KENDON, A. **Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity: A translation of Andrea de Jorio's La Mimica degli antichii** investigatanel gestire napoletano (A. Kendon, trans.) Bloomington: Indiana University Press, 2000

_____. Behavioral Foundations for the Process of Frame Attunement in Face-to-Face Interaction. In: G. P. Ginsburg, M. Brenner, and M. von Cranach (eds.), **Discovery Strategies in the Psychology of Action**. Orlando, Fla.: Academic Press, 1985.

_____. Gesture and speech: How they interact. WIEMAN, J.M.; HARRISON, R. P. (Ed.) **Nonverbal Interaction**. Beverly Hills, California: Sage Publications, 1983. p. 13-45. (A comprehensive review up to 1982).

_____. The study of gesture: some observations on its history. *Recheschers Semiotique/Semiotic Inquiry*, 1982, 2 (1), p. 25 -62.

KITA, Sotaro. Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture: A review. **Language and Cognitive Processes**. Routledge: Birmingham, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01690960802586188>>

KLIMA, E. S. e BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979

LEITE, Tarcísio de Arantes. Língua, Identidade e Educação de Surdos. **Ponto Urbe**[Online], 2 | 2008, posto online no dia 30 Dezembro 2008. Acesso em: 29 Janeiro 2016. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1912;DOI:10.4000/pontourbe.1912>>

LOCKE, J. L. Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: P. FLETCHER; B. MACWHINNEY (eds.). **Compêndio da linguagem da criança**. Trad. M. A. G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre, 1995.

MACHADO, P. C. Integração / Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. In: QUADROS, R. de M (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: RJ. Ed. Arara Azul, 2006

MCNEILL, David. Gesture: a psycholinguistic approach. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2006, p. 1-15. <http://mcneilllab.uchicago.edu/pdfs/gesture.a_psycholinguistic_approach.cambridge.encyclop.pdf>. Acesso em: 28 de julho.

_____. (ed). *Language and gesture*. Cambridge University Press. Cambridge, UK. 2000.

MELLO, G. M. L. de S. **Cenas de Atenção Conjunta entre professoras e crianças em processo de aquisição da linguagem.** Tese de doutorado. João Pessoa, 2015.

_____. **Cenas de atenção Conjunta entre professoras e crianças em processo de aquisição da linguagem.** Tese de doutorado. João Pessoa, 2015

MORFORD, J. P. Insights to language from the study of gesture: a review of research on the gestural communication of non-signing deaf people. **Language Communication**, v. 16, n. 2 1996, p. 165-78.

OLLER, D. K. **The emergency of the Speech Capacity.** New York: Psychology Press, 2012

_____. **The emergence of the sounds of speech in infancy.** In: YeniKomshian, Kavanaugh; Ferguson, 1980, p. 93-112.

PEREIRA, M. C. da C. *et al.* **Libras: Conhecimento além dos sinais.** 1a edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011. 126p

PEREIRA, A. C. C. **Os gestos das mãos e a referenciação: investigação de processos cognitivos na produção oral.** Tese de doutorado em linguística. Belo Horizonte, 2010.

PETITTO, L. A. On the biological foundations of human language. In: EMMOREY, K; LANE, K (eds.). **The signs of language revised: an anthology in honor of Ursula Bellugi and Eduardo Klima.** Mahway: Lawrence Erlbaum, 2000, p. 447-471.

QUADROS, R. M. de & VASCONCELOS, M. L. de. **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais.** Florianópolis: Editora Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M de & SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120p

QUADROS, R. de M (Org.). **Estudos Surdos I.** Petrópolis: RJ. Ed. Arara Azul, 2006

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.** MEC: Brasília, 2004

_____. **Phrase structure of brazilian sign language**. Porto Alegre:PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.

_____. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997. 126p

QUEIROZ, L. de S. & RÚBIO, J de A. S. **A aquisição da Linguagem e a Interação Social: A LIBRAS como formadora da identidade do surdo**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, 2014

REGINA, A & CAMPELLO, S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos. In: QUADROS, R. M. de & PERLIN, G. (org.). **Estudos II: séries pesquisas**. Petrópolis: Ed. Arara Azul, 2007. p. 100 - 131.

SÁNCHEZ, Carlos. **La increíble y triste historia de lasordera**. Merida, Venezuela: CEPROSORD, 1990.

SANTANA, Ana Paula. Surdez e Linguagem - Aspectos e Implicações Neurolingüísticas. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

SCARPA, E. M. O lugar da holófrase nos estudos de Aquisição da Linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), v. 51, 2009, p. 187-200.

SILVA, P. M. S. da. **Gestos e produções vocais: a fluência multimodal em aquisição da linguagem**.Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

STROBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. PERLIN, G e QUADROS, R. de M. (Org.) In: **Estudos Surdos II**.Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007, p. 18-37.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **Educação e Exclusão: Abordagens sócioantropológicas em educação especial**.Porto Alegre: Editora, 1997, p. 106-153.

TOMASELLO, M. **Firststepstoward a usage-based theory of language acquisition Cognitive Linguistics**. 2000. SANTANA, A. P. Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

_____. Cognição cultural. In: TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Trad. Cláudia Berliner. Martins Fontes: São Paulo, 2003. p. 281-303.

_____. Joint Attention and Cultural Learning. In: **The Cultural Origins of Human Cognition**. Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1999. p. 56-93.

_____. **Primate Cognition**. Oxford University Press, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society** – The Development of Higher Psychological Process. Cambridge MA: Harvard University Press. 1978.

WILCOX, S. e WILCOX, P. **Learning to see: American Sign Language as a Second Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1991. Acesso em: 10 de julho de 2016. Disponível em:
<<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED332533.pdf>>

WILKING, D. Why pointing with the index finger is not a universal (in sociocultural and semiotic terms). In: KITA, S. **Pointing: Where language, culture, and cognition meet**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, pp. 171-215

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 8ª Reunião realizada no dia 29/09/2016, o Projeto de pesquisa intitulado: **“CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE MÃE OUVINTE E BEBÊ SURDA”**, da pesquisadora Priscilla Andrade Souza Nogueira. Prot. nº 0212/16. CAAE: 55987016.0.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do relatório final do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Andrea Márcia da C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **Aquisição de Linguagem em crianças surdas** e está sendo desenvolvida por **Priscilla Andrade Souza Nogueira**, aluna do Curso de **Linguística** da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dra. **Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante**.

Os objetivos do estudo são a observação das cenas de atenção conjunta, a interação e compreensão comunicativa entre criança surda, mãe ouvinte e, eventualmente, criança ouvinte (irmã).

É uma pesquisa de natureza longitudinal e os dados serão coletados através de imagens capturadas por câmera de celular e as observações serão feitas a cada semana, junto a uma criança com idade de até 3 (três) anos, sua mãe e irmã mais velha de 7 (sete) anos idade.

O estudo trará contribuições a Linguística, mais especificamente para o campo da aquisição de linguagem da criança surda em contexto familiar de ouvintes destacando as cenas de atenção conjunta e a comunicação nas interações entre a criança, a mãe e a irmã.

Solicitamos a sua colaboração na participação de entrevista, autorização de realização de observações e captura de imagens de situações interativas na sua casa, bem como, sua autorização para apresentação e publicação dos resultados deste estudo em eventos científicos, em livros, revistas ou anais, seja de forma impressa ou digital, relacionados a área das ciências humanas e sociais. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa existe risco, previsto, para a sua saúde mas existe risco de constrangimento e a possibilidade de haver exposição de manifestações orais/sinalizadas da criança, mãe e irmã ocorridas por meio de interações no ambiente familiar, se as consideramos como discurso de sujeitos. A medida que algum risco for detectado, seja constrangimento ou desconforto por parte de algum dos participantes, a filmagem será interrompida imediatamente, e só será retomada quando o(s) mesmo(s) apresentem-se confortáveis novamente.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora está a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. O contato com a pesquisadora, para necessários esclarecimentos, poderá ser feito através do telefone (83) 98812-9235; e pelo e-mail: syllacg21@hotmail.com. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Campina Grande, ____ de _____ de ____

Participante

Pesquisadora

Pesquisadora: Priscilla Andrade. Endereço: Rua Farmacêutico João Nóbrega, 30 – Novo Cruzeiro. Campina Grande PB. CEP 58415445. Telefone (83) 98812-9235; e-mail: [<syllacg21@hotmail.com>](mailto:syllacg21@hotmail.com)

Endereço do CEP -Centro de Ciências da Saúde – 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900- (83) 3216-7791 (**Na UFPB**)